

A MINHA VIDA & PROFECIAS

JEANE DIXON

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

A MINHA VIDA E AS MINHAS PROFECIAS

A sua própria história tal como contada a Rene Noorbergen

Nova Iorque 1969

Ao meu dedicado e compreensivo marido, James Lamb Dixon... e aos meus amados pai e mãe, agora no Céu mas sempre comigo, este livro é amorosamente dedicado. Jeane.

UMA PALAVRA DE GRATIDÃO

O meu sincero agradecimento aos meus bons e valiosos amigos, William H. Graham, Adele Fletcher, Judie Noorbergen e Gertrude Parker.

CONTEÚDO

Prólogo; Facetas de uma Vida Ocupada;

A Pomba;

Deus Fala aos Homens;

O Futuro Que Já Aconteceu;

Visões Psíquicas Tornadas Realidade;

A Morte de um Sonhador;

A Morte de Robert, o Filho de Job;

No Limiar do Futuro;

A Vinda do Anticristo;

A Criança do Oriente;

Deus e Um São a Maioria;

Reencarnação.

NOTA DO AUTOR

O propósito deste livro é mostrar que, tal como Deus falou através dos profetas, Ele também transmite uma mensagem através de cada um de nós.

E essa mensagem é que cada um de nós tem um propósito individual a cumprir no Seu Plano Divino.

PRÓLOGO

Escrever um livro é uma coisa; escrever sobre Jeane Dixon é outra bem diferente. Quando ela me pediu pela primeira vez para a ajudar a escrever este livro, perguntei-me como abordar o assunto com verdadeira objetividade. As suas previsões informaram presidentes, alertaram políticos, confundiram os céticos, mas também assustaram as pessoas até ao limite. Para ela, no entanto, tudo é muito simples. "Cada um de nós tem um talento que funciona como um canal primário de comunicação entre o Poder Superior e nós próprios," diz ela.

“Acredito que um espírito semelhante ao que trabalhou através dos profetas bíblicos Isaías e João Batista trabalha através de alguns de nós. É uma reativação desse poder semelhante que me deu a inspiração para as minhas revelações.” Verdade ou ficção? Muitos nunca serão capazes de se decidir sobre ela a menos que sejam confrontados com os factos e os examinem na quietude dos seus próprios quartos.

Vamos examinar alguns destes factos e começar por aí. No final dos seus quarenta anos, uma corretora de imóveis de sucesso, ela não tem razão para querer procurar o brilho da publicidade, pois a sua vida tem sido suficientemente gratificante desde que o seu dom psíquico veio à superfície. Embaixadores, estadistas, presidentes, empresários, todos procuram o seu conselho, e muitos dignitários estrangeiros preferem ter uma marcação com Jeane Dixon em vez de uma receção privada na Casa Branca. A sua reputação chegou muito para além das nossas fronteiras. Ela, no entanto, permaneceu humilde através de tudo isto.

Continua a recusar muitas ofertas para aparições comerciais em grandes redes de televisão; devolve todas as cartas que lhe são dirigidas nas quais os que procuram a sorte pedem conselhos puramente por razões monetárias, acompanhando os seus pedidos com dinheiro. Os seus amigos atestam por ela, e até os seus inimigos devem elogiá-la pela sua sinceridade. Para mim, como jornalista, uma história é apenas isso até que os factos se tornem tão realistas que possam sustentar-se por si mesmos. Nesse ponto, a realidade assume o controlo e a história torna-se uma *“história de caso.”* Tal é o caso da *“história de Jeane Dixon.”*

As perguntas “*quem*” e “*o que*” é Jeane Dixon não são fáceis de responder. Uma coisa é certa — ela não é um fenómeno invulgar. Tem havido profetas desde o início dos tempos. Profetas bíblicos como Isaías, Daniel, João Batista, Ezequiel, todos tiveram uma mensagem para o seu tempo e para o nosso. Os videntes modernos têm o seu lugar na história e parecem ter preenchido um vácuo criado pela insegurança do homem e pela crescente incerteza.

Jeane Dixon sente que o seu lugar é aqui mesmo no século vinte, e a sua mensagem é dirigida à humanidade do século vinte. Muitos especialistas atestam a sua habilidade psíquica. Um dos principais investigadores psíquicos do mundo, o Dr. F. Regis Riesenman, testou milhares de pessoas antes e depois de se interessar por Jeane Dixon em 1959, e chegou à conclusão de que todos são psíquicos, sem o perceberem. Ele está convencido de que o sentido psíquico estava muito mais desenvolvido em tempos primitivos, quando o homem tinha de lutar pela sua existência.

"Se o homem não tivesse sido capaz de sentir o perigo em cada esquina," sublinhou ele, "nunca teria sido capaz de sobreviver à selva hostil." Isto harmoniza-se com o que o Prof. Alfred M. Rehwinkel diz no seu livro *The Flood*. Nele, ele afirma: “*Quando o pecado veio ao mundo, o intelecto humano sofreu tal como o resto das suas faculdades. Mas mesmo depois de o pecado ter vindo ao mundo, o homem permaneceu um ser superior, e a primeira raça foi decididamente superior.*”

Quão superior, provavelmente nunca saberemos, mas se houvesse realmente alguma relação entre a capacidade mental e o tamanho físico, então poderia ser bom reexaminar algumas descobertas científicas feitas no início da década de 1950. Roland T. Bird, do Museu Americano de História Natural, relatou ter encontrado pegadas humanas petrificadas gigantes no leito do Rio Paluxy em Glen Rose, Texas. As impressões não teriam sido tão surpreendentes se não fosse pelo facto de terem dezassete polegadas de comprimento.

Bird chamou-lhes “*as coisas mais estranhas que alguma vez encontrei.*” Um caçador do governo, Ellis Wright, relatou uma descoberta semelhante na mesma área. Ele afirmou que tinha encontrado nada menos que treze pegadas, todas petrificadas, e cada uma delas media vinte e duas polegadas de comprimento e dez polegadas de largura. Outros rastros, possivelmente feitos por um membro da mesma raça, foram encontrados em White Sands, Novo México. O tamanho dos rastros indica que o “*dono*”

deve ter pesado cerca de quinhentas libras e ter tido dez a doze pés de altura!

O que aconteceu a estas pessoas? Por que razão desapareceu esta raça da face da terra? Qual é o seu segredo? Algo terrível deve ter acontecido naqueles dias para explicar os estranhos mistérios dos milhares de dinossauros e mamutes congelados no Deserto de Gobi e em secções isoladas da Sibéria. O que aconteceu que foi responsável pelo destino das florestas tropicais que estão agora cobertas pelas areias do deserto? A aceitação do relato bíblico do Dilúvio é uma das formas mais razoáveis de o explicar. De acordo com este relato da tragédia, a terra era muito mais fértil antes do dilúvio do que é hoje. Homem e besta tinham acesso a todo o sustento necessário para crescer até proporções enormes, e a ausência de doenças e de consanguinidade ajudou sem dúvida a manter a raça nessas proporções.

Hoje, no entanto, temos de descer às profundezas do oceano para encontrar os maiores mamíferos vivos — possivelmente porque, quando as águas do Dilúvio baixaram, uma grande parte do solo fértil foi lavada para as bacias que mais tarde se tornaram os nossos oceanos. Geólogos como o Dr. George McCready Price sustentam que isto é mais do que apenas uma teoria. Um dos maiores mamíferos marinhos, a baleia, sobreviveu, enquanto o homem subnutrido, lutando pela existência num ambiente agora hostil, passou por um processo de involução.

Será que o chamado “*sexto sentido*” é um sentido original que se tornou latente ao longo dos longos séculos de involução humana, juntamente com uma diminuição no tamanho físico do homem? Será que a capacidade psíquica de pessoas como Jeane Dixon é uma restauração de algo com que Deus dotou a humanidade no momento da criação? O Dr. Riesenman diz que a maioria das pessoas tem uma capacidade de ESP (percepção extrassensorial) entre 3 e 7 por cento.

"Mas apenas três por cento destes," diz ele, "são verdadeiramente psíquicos." Dos restantes 97 por cento, ele diz que esses casos são atribuíveis a uma avaliação subconsciente de uma emoção de algum tipo. Setenta por cento desse grupo ele descarta como fraude ou truque. A habilidade de ESP de Jeane Dixon, no entanto, é real e foi classificada por ele entre 90 e 97 por cento!

Embora a maioria dos cientistas investigadores responsáveis sinta que os fenómenos psíquicos são transmitidos de homem para homem, ou de seres superiores para o homem, numa frequência tão fora do espectro

conhecido que é impossível de detetar, Cleve Backster, chefe da *Backster Research Foundation* em Nova Iorque, descobriu o que parece ser o sinal real! Ele detetou um método de comunicação que parece ligar toda a criação. Ele chama aos sinais a "primeira evidência estabelecida de comunicação primária." Utilizando uma planta, ligada aos elementos sensores de um polígrafo, vulgarmente conhecido como detetor de mentiras, ele sentiu e registou uma forma de comunicação real entre a vida vegetal e animal num nível primário. A descoberta de Backster indica que a percepção primária existe até ao nível da célula única. Numa entrevista que tivemos com ele em relação a esta descoberta, Backster sugeriu que esta descoberta revolucionária é apenas o primeiro passo para uma compreensão última da criação.

“Não posso dizer-vos que tipo de sinal é este que descobrimos,” admitiu-nos Backster, *“mas sei o que não é. Não está dentro das diferentes frequências conhecidas, tais como AM, FM, ou qualquer outra forma de sinal que possamos blindar por meios comuns. Tentámos bloquear o sinal emanado de plantas sob stresse ou de camarão em salmoura no momento da morte através do uso de um ecrã de Faraday e até de recipientes de chumbo, mas os sinais continuam a chegar. Tenho a certeza de que tanto Jeane Dixon como eu tocámos na frequência usada pela Inteligência Universal, embora por razões diferentes.”*

“Não duvido que este meio de comunicação tenha existido sempre. Bloqueámos a nossa percepção extrassensorial através dos nossos preconceitos. Dizemos a nós próprios, e a ciência e o nosso ambiente dizem-nos, que um sentido extra é um disparate; no entanto, coloque-se um homem sob hipnose e dê-se-lhe uma sugestão pós-hipnótica para ignorar os seus preconceitos e estar aberto à comunicação extrassensorial, e tenho a certeza de que ele receberá mais do que alguma vez pensou ser possível.”

“A mente de Jeane Dixon está aberta. Ela parece ter total acesso a uma faculdade que outrora foi usada bastante extensivamente mas que praticamente desapareceu no pano de fundo por falta de uso.” Jeane Dixon, embora endossando entusiasticamente este fundamento científico para o seu dom, sustenta, no entanto, que é apenas o espírito de Deus, trabalhando através dela, que é responsável pelas suas visões e profecias. Profundamente religiosa, a sua fé em Deus é inabalável.

Durante momentos de desânimo, é o fundamento bíblico para o seu "dom de profecia" que a faz seguir em frente da forma que "Deus quer,"

como ela diz. A Bíblia está repleta de testes e requisitos específicos que um profeta tem de ser capaz de cumprir antes que ele ou ela possa ser chamado(a) “*um profeta do Altíssimo.*” Pode ser bom listá-los. São suficientemente interessantes para serem seriamente considerados.

1. *Podem os homens não inspirados do mundo prever o futuro?*

"Respondeu Daniel na presença do rei, dizendo: O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem declarar ao rei." Daniel 2:27, versão revista.

2. *O que pertence a Deus e o que nos pertence?*

“As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus: mas as que são reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre.”
Deuteronômio 29:29.

3. *Por que meios Deus libertou e preservou o antigo Israel?*

"Mas o Senhor por meio de um profeta fez subir a Israel do Egito, e por um profeta foi ele preservado." Oseias 12:13.

4. *Como é que o Senhor se revela aos Seus profetas?*

“Se entre vós houver profeta, Eu, o Senhor, em visão a ele Me farei conhecer, e em sonhos falarei com ele.” Números 12:6.

5. *Sob que influência falavam os profetas de outrora?*

"Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo." 2 Pedro 1:21.

6. *Que Espírito estava nos profetas de Deus inspirando as suas mensagens?*

"Da qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir." 1 Pedro 1:10, 11.

7. *Como foram preservadas as palavras do Senhor aos profetas?*

"Daniel teve um sonho e visões da sua cabeça quando estava na sua cama; escreveu logo o sonho, e relatou a suma das coisas." Daniel 7:1. (Ver também Jeremias 51:60; Apocalipse 1:11.)

8. Por que meios tem Deus geralmente dado a conhecer a Sua vontade ao homem?

"Falei aos profetas, e multipliquei as visões; e pelo ministério dos profetas usei de parábolas." Oseias 12:10. (Ver também Hebreus 1:1, 2.)

9. Quem disse Daniel que poderia revelar segredos?

"Mas há um Deus no céu, o qual revela os segredos; Ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias." Daniel 2:28.

10. Quão plenamente e a quem revela Deus os Seus propósitos?

"Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas." Amós 3:7.

11. Em algum momento Deus concedeu o dom de profecia a mulheres?

"Então... o sacerdote... foi ter com a profetisa Hulda, mulher de Salum... e falaram com ela. E ela lhes disse: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim." 2 Reis 22:14, 15.

Nota: Comentando sobre 2 Reis 22:14, Joseph Priestley observa a respeito de Hulda:

"Aproveu a Deus distinguir várias mulheres com o espírito de profecia, bem como outras grandes realizações, para mostrar que, à Sua vista, e especialmente em coisas de natureza espiritual, não há preeminência essencial no sexo masculino."

Notes on All the Books of Scripture, vol. 2, página 40.

12. Que teste deve ser aplicado para determinar a validade da alegação de uma pessoa de ser profeta?

"Quando se levantar no meio de ti profeta ou sonhador de sonhos, e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los; não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma. Após o

Senhor vosso Deus andareis, e a Ele temereis, e os Seus mandamentos guardareis, e a Sua voz ouvireis, e a Ele servireis, e a Ele vos achegareis." Deuterónimo 13:1-4.

13. Que regra deu Cristo para distinguir entre verdadeiros e falsos profetas?

"Portanto, pelos seus frutos os conhecereis." Mateus 7:20.

14. São os profetas chamados a ministrar primariamente à igreja ou a não-cristãos?

"O que profetiza edifica a igreja." 1 Coríntios 14:4.

15. Sobre que facto acerca de Jesus Cristo dá testemunho o "Espírito de Deus"?

«Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus.» 1 João 4:2. (Ver também os versículos 1, 3.)

Nota: O ensinamento de um verdadeiro profeta atestará o facto básico da encarnação de Cristo e da sua morte vicária, a Sua ressurreição e o Seu segundo advento.

16. Que atitude em relação ao dom da profecia é recomendada?

«Não desprezeis as profecias. Provai todas as coisas, retende o que é bom.» 1 Tessalonicenses 5:20, 21.

17. Quais foram alguns dos dons que Cristo deu à Sua igreja?

«Quando Ele subiu ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens... E ele deu uns para apóstolos; e outros para profetas; e outros para evangelistas; e outros para pastores e doutores.» Efésios 4:8-11.

18. Que regra geral é estabelecida para testar todos os profetas?

«À lei e ao testemunho: Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.» Isaías 8:20.

19. Que dom caracterizará a última igreja, ou o remanescente?

«E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo.» Apocalipse 12:17.

«O testemunho de Jesus é o espírito de profecia.» Apocalipse 19:10. (Ver também Apocalipse 22:9.) Nota: O termo «espírito de profecia» ocorre apenas uma vez nas Sagradas Escrituras. Mas é encontrado em escritos judaicos antigos. O significado é «dom de profecia». Dois exemplos são aqui citados.

«O Targum de Jónatas sobre 2 Samuel 23:2 diz: “David disse: Pelo Espírito de Profecia de Jeová eu falo estas coisas.”» — Citado na Nota de Apêndice IV a 2 Samuel em **The Cambridge Bible for Schools and Colleges** (Cambridge: University Press, 1899), página 237.

«O **Pulpit Commentary** observa: “David, nos seus últimos dias, como Jacob e Moisés, recebeu o espírito de profecia.” Sobre 2 Samuel 23:1-7.» De acordo com o ensinamento bíblico, o dom da profecia ou «o espírito de profecia» deveria reaparecer nos tempos modernos. Ver Joel 2:28-30.

20. Qual é o resultado prometido de acreditar no profeta de Deus?

«Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas e prosperareis.» 2 Crônicas 20:20.

Seja como for, o registo de precisão de Jeane Dixon é inigualável. Testemunhem as seguintes previsões que se concretizaram, conforme relatado anteriormente no livro de Ruth Montgomery sobre Jeane Dixon, **A Gift of Prophecy**. No outono de 1944, Jeane Dixon previu que «a China tornar-se-á Comunista e será o nosso maior problema. A África será a nossa próxima maior preocupação no campo externo».

Ela disse isto ao Presidente Roosevelt durante uma reunião privada na Casa Branca. Naquela altura, Roosevelt discordou. Os desenvolvimentos políticos nos anos imediatamente seguintes provaram que ela tinha razão. Outra previsão surpreendente ocorreu em 1945, enquanto ela falava com um alto funcionário da missão diplomática indiana em Washington. «A dois de junho de 1947, o vosso país, a Índia, dividir-se-á em dois como resultado de uma controvérsia interna.» Espanto total! «Impossível», gritou o funcionário. «O meu país nunca será dividido!» Mas, a 2 de junho de 1947, as manchetes dos jornais de todo o mundo anunciaram a divisão desta antiga parte do Império Britânico.

A sua profecia seguinte foi mais chocante. Também se referia à Índia e ocorreu durante o verão de 1947 quando, ao ouvir uma conversa entre o seu marido e um amigo, ela exclamou subitamente: «Mahatma Gandhi será assassinado nos próximos seis meses. Será morto por alguém de quem

menos suspeitam.» O registo fala por si. Um fanático hindu assassinou de facto o líder espiritual da Índia, escassos seis meses depois. O assassino? Um homem que, até àquela altura, estivera acima de qualquer suspeita!

Outras previsões seguiram-se em rápida sucessão. O suicídio de Marilyn Monroe foi anunciado por Jeane no final de 1961 e, quando eu lamentei a morte de um amigo, Bill Ronallo, guarda-costas privado do Secretário-Geral da ONU, Dag Hammarskjöld, em meados de setembro desse ano, foi porque não conhecia a previsão de Jeane feita meses antes, quando ela avisou uma amiga, Eleanor Bumgardner: «Faças o que fizeres este verão — não voes no mesmo avião com Dag Hammarskjöld em meados de setembro, pois este avião cairá e ele será morto.»

Enquanto as previsões internacionais de Jeane Dixon faziam as manchetes dos jornais em todo o mundo, as suas previsões nacionais recebiam tanta publicidade aqui mesmo nos Estados Unidos. Ela previu, entre outras coisas, a fusão da AFL e da CIO, a derrota de Dewey por Harry Truman, a eleição por esmagadora maioria de Dwight D. Eisenhower, a queda de Nikita Khrushchev, o «nascimento» do primeiro Sputnik, a morte do Secretário de Estado John Foster Dulles e muitos outros eventos cataclísmicos que moldaram os nossos tempos. Aos olhos do público, porém, estes foram superados pela dramática previsão da morte de John F. Kennedy. Foi o fim de uma história que começou onze anos antes de a bala fatal abater e matar JFK. «Foi uma daquelas manhãs de chuva miudinha», contou-nos Jeane, «quando entrei na Catedral de São Mateus em Washington, D.C., para a minha devoção matinal. Senti um brilho de antecipação — um sentimento que me acompanhava há vários dias. Era uma sensação de expectativa, como se algo momentoso estivesse para acontecer e eu estivesse envolvida...

Lembro-me de estar em frente à estátua da Virgem Maria quando, subitamente, a Casa Branca apareceu diante de mim com um brilho ofuscante. Saindo de uma névoa, os algarismos 1-9-6-0 formaram-se acima do telhado. Uma nuvem escura e sinistra apareceu, cobrindo os números, e gotejou lentamente sobre a Casa Branca... Depois olhei para baixo e vi um homem jovem, alto e de olhos azuis, coroado por uma farta cabeleira castanha, parado calmamente em frente à porta principal.

Ainda estava a olhar para ele quando uma voz vinda do nada me disse suavemente que este jovem, um Democrata, que seria empossado como Presidente em 1960, seria assassinado enquanto estivesse no cargo. A visão desvaneceu-se na parede — na distância, tão suavemente quanto tinha

vindo», recordou Jeane, «mas ficou comigo até aquele dia fatal em Dallas, quando se cumpriu.»

Um evento mais recente, a vitória Republicana nas urnas, foi previsto por ela já em 1963. «O partido Republicano fará grandes progressos no Sul», disse ela na altura. «Envidará esforços tremendos para se aproximar do povo e derrotará o partido Democrata em seis anos.» Há hoje um homem na Casa Branca que atestará a precisão de Jeane Dixon a 100 por cento!

As visões experimentadas por Jeane Dixon desde a publicação de *A Gift of Prophecy*, em 1965, são ainda mais surpreendentes, mais ameaçadoras e mais premonitórias do que nunca. Não cobrem apenas eventos recentes que já se tornaram realidade; levam-nos até ao ano de 1999, quando, diz ela, uma cruz aparecerá nos céus orientais, e para além de 1999, quando a humanidade será chamada a julgamento. Observemos a história a fazer-se antes que os historiadores a vislumbrem, pois tal é o poder da profecia.

Bloomfield, Mich.

Rene Noorbergen.

1

Facetas de uma Vida Ocupada

Há mais de duas décadas que o meu marido Jimmy e eu vivemos na nossa casa de estilo vitoriano na zona noroeste de Washington, D.C., e tenho amado cada momento. A nossa casa é uma daquelas despretensiosas casas de tijolo branco em banda que estavam tão na moda na década de 1870, quando foi construída. Quase cem anos se passaram desde então, e ela adquiriu uma beleza intangível que pode ser sentida em vez de vista. A casa tornou-se gradualmente parte de todas as vidas daqueles que viveram entre as suas paredes, e parece abraçar-me com uma ternura radiante sempre que entro.

Estivemos à procura de um lugar como este durante bastante tempo; no entanto, quando o encontrámos, o Jimmy não partilhou imediatamente o meu entusiasmo, mas depressa ficou tão encantado como eu. No momento em que se deixa a calçada e se entra no nosso pequeno jardim frontal através de um delicado portão de ferro forjado, as décadas desaparecem, e o caminho de seixos que circunda os minúsculos canteiros de flores ajuda a trazer a era vitoriana da sua origem para muito mais perto.

Permitam-me partilhar esta alegria simples convosco numa «breve visita guiada». Começamos pela sala de receção imediatamente à direita do vestíbulo, onde no inverno o fogo de lenha acrescenta calor à atmosfera já de si acolhedora, realçada por um antigo trenó holandês cheio de plantas com flor. Atrás dela, depois da escadaria, fica a nossa sala de jantar francesa, com portas que se abrem para o jardim traseiro. Esta sala é valorizada por um antigo lustre de cristal centrado sobre a mesa. Um cesto de prata reluzente, sempre cheio de flores frescas (muitas vezes enviadas para nós), reflete a luz cintilante do lustre em mil raios. Todo o primeiro andar está coberto de mármore branco — por razões práticas. Enquanto decorria o processo de renovação da casa, os operários encontraram hordas de térmitas a ocupar os nossos soalhos de madeira, e pavimentar de novo com mármore foi a única forma de as vencer. O mármore contribui para a sensação mediterrânica que permeia a secção inferior da casa.

A nossa pequena sala de estar dourada e branca no segundo andar tem vista para o jardim frontal e está mobilada maioritariamente com peças francesas que o Jimmy e eu herdámos. Além disso, há algumas peças que fomos colecionando. À direita do vestíbulo do andar de cima fica a nossa combinação de biblioteca e sala de música, decorada em preto, dourado e um verde pálido e fresco. O piano e a secretária do Jimmy estão aqui, bem como vários milhares de livros que revestem as prateleiras da parede da lareira.

Cadeiras e um sofá estão dispostos em volta da grande mesa de café situada diante da lareira, ladeada por armários com portas duplas pretas guarnecidas por puxadores de latão de design ornamentado. Não sei a contagem real dos livros que possuímos... apenas sei que não há um único livro sobre fenómenos psíquicos entre eles.

Não há muito tempo, Jackie Gleason surpreendeu-me uma noite com uma chamada telefónica e, durante a nossa conversa, mencionou que possuía mais de mil livros sobre fenómenos psíquicos. Quando lhe disse que eu não possuía nenhum, ele pareceu chocado.

No terceiro andar da nossa casa ficam os nossos quartos. No da frente, com vista para o jardim, está a minha cama com dossel de renda que pertenceu outrora à Imperatriz Eugénia de França. Na parede azul-claro está pendurado um crucifixo de ouro feito à mão, enviado para mim há anos pelo falecido Chanceler alemão Konrad Adenauer. A decoração do outro quarto principal é rosa, dourado e preto. A cama com dossel em que

Calvin Coolidge dormiu uma vez veio do espólio da falecida Cissy Patterson, membro da famosa família de jornais de Chicago.

Foi um presente que recebi de Ruth Montgomery, que a comprou ao espólio de Patterson. O quarto andar da nossa casa contém o nosso quarto de hóspedes e os quartos da nossa governanta, Miss Susan. O andar superior é usado para arrumos. É uma casa confortável, e adoro andar por ali a fazer pequenas coisas. No entanto, parece que a maior parte da minha vida é consumida a trabalhar no nosso escritório imobiliário.

Os meus dias de trabalho são longos e passados a concentrar-me nas minhas responsabilidades como Secretária-Tesoureira da *James L. Dixon & Company*, a supervisionar as atividades cada vez mais amplas da *Children to Children, Inc.*, e a trabalhar de perto com a minha equipa na correspondência pessoal de milhares de pessoas que querem saber «o que vai acontecer».

Numa semana normal de trabalho de quarenta horas não haveria tempo para responder a nenhuma destas cartas. De facto, se eu estivesse limitada por regulamentações sindicais quanto ao número de horas que poderia trabalhar cada semana, muito do que faço agora seria apenas uma esperança — não uma realidade — na minha vida. Tantas pessoas me perguntaram: «Como é que arranja tempo?».

Calculei o meu ano de trabalho num esforço para lhes responder. Trabalho cinquenta e dois sábados e cinquenta e dois domingos (estes são dias de pico do nosso serviço para pessoas que procuram casa), e trabalho em nove feriados do ano (nunca no Natal). Isso totaliza 113 dias em que a maioria das pessoas não trabalha no seu «negócio de viver». Somado a isso, há um período de duas semanas de férias, ou catorze dias (que nunca tiro), perfazendo um total de 127 dias. A isto acrescento outros noventa dias — que representam o total anual mínimo de horas extraordinárias (nunca trabalho menos de dez horas por dia) — chegando ao grande total de 217 dias extra de tempo de trabalho em cada ano. É assim que eu arranjo tempo.

As noites em que não estou no escritório são passadas a cumprir compromissos como oradora, a fazer aparições na televisão ou a gravar fitas para programas futuros, a assistir a jantares de negócios, a redigir as minhas colunas de horóscopo, a visitar as crianças cuidadas pela nossa Fundação e a conceder entrevistas especiais para artigos de revistas e jornais. Sempre que, por razões de conveniência, estas atividades são

inseridas no meu dia de trabalho, o tempo deve ser compensado na minha secretária.

Um desses incidentes — que exigiu tempo imediato fora do meu dia normal de trabalho devido às circunstâncias e aos indivíduos envolvidos — foi um pedido do Houston Post para meditar sobre os astronautas que orbitaram a Lua em maio de 1969. «Por favor, medite», pediram eles, «e diga-nos tudo o que puder rapidamente sobre estes três astronautas.» Saindo cedo do trabalho nessa noite, fechei-me no meu quarto para rezar e meditar. As minhas descobertas psíquicas sobre os astronautas foram publicadas um dia depois, a 21 de maio de 1969, entre elas a minha previsão de que o Comandante Stafford iria, de alguma forma, descobrir que a sua pele «ficaria um pouco irritada».

Dois dias depois, jornais de todo o mundo publicaram trechos dos relatórios dos astronautas através do comunicador espaço-terra, incluindo uma queixa do Comandante Stafford de que o seu rosto estava a «fazer comichão e irritado». Mais tarde, a investigação revelou que minúsculas partículas de fibra de vidro se tinham separado da cabine da nave espacial e se tinham enterrado no seu rosto.

As aparições públicas ocupam muito do meu tempo, mas acolho cada uma delas, pois as contribuições recebidas destas aparições são sempre entregues inteiramente à Children to Children. Não recomendo que todos tenham horas de trabalho tão longas. Mas esforço-me por estar em harmonia com o que quer que esteja a fazer no momento, de modo que prefira estar a fazer aquela coisa específica mais do que qualquer outra coisa naquele momento particular!

Quando o fluxo de cartas de pessoas que procuravam a minha ajuda se tornou tão grande que era absolutamente impossível responder pessoalmente a cada carta — por muito que eu quisesse — veio-me o pensamento: «Se houvesse alguma forma de eu poder oferecer às pessoas uma diretriz geral para as suas vidas diárias... se eu pudesse de algum modo traçar um curso geral de vida... muitas destas pessoas poderiam usá-lo para se ajudarem e guiarem a si mesmas, e não precisariam então de uma resposta pessoal minha». Assim nasceu a «Coluna de Horóscopo de Jeane Dixon».

Acredito sinceramente que as minhas colunas diárias de horóscopo geral refletem uma diretriz para algumas pessoas que, se seguida razoavelmente, pode afetar benéficamente as suas vidas diárias. A ciência da astrologia foi-me ensinada quando era criança pelo Padre Henry, um

jesuíta consagrado e dedicado na Universidade de Loyola, na Califórnia, e foi através dos seus ensinamentos, bem como da sua bondade exemplar, que passei a acreditar que também é possível ajudar as pessoas através de tal conhecimento astrológico.

A minha vida doméstica é feliz. Os nossos amigos falam frequentemente da paz e tranquilidade que parecem permear o nosso lar. Este sentimento, que já existia na casa quando a comprámos, tem prevalecido, espero eu, devido à forma harmoniosa como o meu marido Jimmy e eu temos tentado prosseguir a nossa vida juntos e, ao mesmo tempo, preservar as nossas identidades individuais. A Miss Susan veio ter comigo um dia, depois de estar connosco há vários meses, e perguntou, intrigada: «Sra. Dixon, a senhora e o Sr. Dixon nunca discutem ou brigam?». A nossa relação surpreendeu-a, mas para nós é natural. Como todos os casais, temos as nossas divergências, mas encontrámos uma forma eficaz de evitar que se tornem um problema maior.

Ambos percebemos que a melhor maneira de dissipar um estado de espírito argumentativo é não ceder a ele, por isso, com uma desculpa educada, um de nós sai da sala (parece ser sempre eu), e a potencial discussão morre. Por mais atencioso que o meu marido seja, ele tem ainda outra forma de me transmitir o seu ponto de vista sobre assuntos que considera mais delicados. Deixa-me um bilhete, dando-me a vantagem de pensar sobre a sua opinião antes de nos encontrarmos novamente mais tarde, altura em que terei sido capaz de dar à sua posição uma consideração cuidadosa.

No entanto, caso o que quer que o Jimmy proponha seja algo em relação ao qual eu tenha uma reação psíquica negativa, faço-o saber imediatamente, pois uma reação psíquica para mim é mais importante do que qualquer consideração pessoal. Ele aceita a minha «previdência» com naturalidade. «Deus dá diferentes talentos a diferentes pessoas. Um dos talentos da Jeane é o seu dom psíquico», ouve-se-lhe comentar ocasionalmente. «Deus dá diferentes talentos a diferentes pessoas, tal como Ele também dá diferentes cruces para carregar.» Não são os talentos e as cruces que nos são dados — é o que fazemos com os nossos talentos e cruces que conta!

Embora o Jimmy seja um homem de negócios, ele opõe-se veementemente a que eu aceite recompensas financeiras pelas minhas «leituras» ou que aceite um dos muitos projetos comerciais de televisão que me são constantemente oferecidos. As ofertas monetárias que chegam de

peessoas que apreciam qualquer ajuda que eu possa ter dado através do uso da minha habilidade psíquica vão para o fundo geral da *Children to Children, Inc.*

Viver duas vidas produtivas é muito exigente. O Jimmy, percebendo o esforço que isso poderia colocar sobre mim, sugere frequentemente que eu me reforme do negócio imobiliário e me dedique inteiramente à fundação e ao meu trabalho psíquico. Isso para mim é impossível. Sentir-me-ia fora de contacto com a vida se fosse afastada das realidades do mundo dos negócios. Há também outro fator que considero ainda mais importante. Deus deu-me um talento para os negócios também, e não posso refutar a Sua vontade recusando-me a desenvolver e utilizar esse talento.

O Jimmy percebe isto, mas preocupa-se porque se importa. Para aqueles que não o conhecem bem, ele parece um homem de negócios em todos os aspetos. É conservador, habituado a tomar decisões sob pressão, e apresenta uma fachada fria e profissional ao mundo exterior. Aqueles que o conhecem, porém, sabem que um coração suave e terno bate por baixo deste semblante severo e que ele é tão simpático quanto realista. Não é um homem de muitas palavras, mas a sua ternura é tocante. Todas as noites, por exemplo, encontro uma rosa de um vermelho profundo sobre a minha almofada, colocada ali pelo Jimmy como prova do seu amor.

Se não houver rosas vermelhas disponíveis, ele pode mudar para uma rosa cor-de-rosa suave, mas é sempre uma rosa. Ele começou isto cedo no nosso casamento e nunca esqueceu. Perguntaram-lhe por que razão mantém isto tão incessantemente. A sua resposta foi simples e direta. «Porque a amo.» Quando tenho de estar fora da cidade e não planeio regressar nessa noite, o Jimmy dá-me sempre um cartão com a imagem de uma rosa, com as palavras «Bon Voyage» e assina «Amo-te...». Ele tem uma maneira de me enrolar no dedo mindinho.

Há vinte e três anos, quando regressei de uma longa viagem, ele recebeu-me no aeroporto e disse ternamente «tive saudades tuas», enquanto, ao mesmo tempo, colocava uma pequena caixa plana na minha mão. Nela estava um dos presentes mais bonitos que ele alguma vez me deu. Era uma cruz fina feita de ouro amarelo e realçada com requintadas ametistas russas. No tamanho físico tinha apenas duas polegadas de comprimento, mas a beleza e a sensação dela vibravam até ao céu.

O Jimmy tinha-a comprado a Emerich Korecz, um erudito especialista em antiguidades raras que lhe disse que ela tinha feito parte do espólio da Sra. Robert E. Lee. Antes disso, tinha pertencido a um bispo da Igreja

Ortodoxa Russa. A cruz tornou-se parte integrante da minha vida. Uso-a numa delicada corrente de ouro, e serve-me como um lembrete constante de que, em todos os assuntos da vida, estamos dependentes da graça da cruz. Eu gostaria de surpreender o Jimmy com presentes, mas esta não é a coisa mais fácil de fazer, pois ele sente que tem tudo o que precisa.

Isso não o impede, contudo, de me surpreender com presentes. De facto, algumas das minhas peças de vestuário favoritas foram-me dadas pelo Jimmy, que as trouxe para casa porque, como ele diz, «não conseguia imaginar-te sem elas». O meu gosto em roupas é simples. A maioria dos meus fatos ou casacos tem bolsos com o propósito específico de carregar os cartões com os nomes daqueles que me pediram para os incluir nas minhas orações. Sou consciente das roupas, mas não sou escrava delas. Vezes sem conta, deixo um vestido novo pendurado no meu armário enquanto escolho um velho favorito para usar.

Uma das bênçãos do nosso casamento, sinto eu, é o nosso amor mútuo pelos animais. O Jimmy não seria capaz de virar as costas a um gato ou cão vadio mais do que eu e, embora ele possa ser extremamente prático em relação às despesas domésticas, nunca o vi opor qualquer objeção às nossas contas de veterinário, por vezes excessivamente altas.

Não há muito tempo, recordo que, durante um período de cerca de dez dias, o Jimmy costumava sair de casa todas as manhãs com um hambúrguer embrulhado em papel e um pequeno recipiente com leite para alimentar um gato vadio meio morto de fome que encontrou escondido sob uma sebe perto de uma casa abandonada. E depois há o Mike, o nosso gato. Ele iluminou tanto as nossas vidas que lhe chamamos *Mike the MagiCat*. Pensava-se que a mãe do Mike era um gato macho pela família que a adotou. Só descobriram que «ele» era uma «ela» quando ela deu à luz três gatinhos no sofá francês da sala de estar deles!

Olharam uma vez para os jovens intrusos e decidiram que algo teria de ser feito. «Vamos ver-nos livres do feio», sugeriu a empregada, «e ficar com o azul e o preto». Quando soube disto, pedi o feio. Fiquei com ele, e ele tem provado ser uma fonte constante de surpresas desde então. Ele foi um problema logo desde o início pois, como todos os jovens impetuosos, era um vadio — mas um vadio com classe! Pelo menos sabia para onde se dirigia. Demonstrou-o na primeira vez que fugiu. Não voltou sozinho — oh não! Ele queria que fosse oferecida uma recompensa por ele, e assim foi.

Um anúncio de destaque usando a sua fotografia e oferecendo uma recompensa pelo seu regresso nos jornais de Washington trouxe resultados

rápidos. Os guardas no portão noroeste da Casa Branca notificaram-me em breve que tinham encontrado o Mike, a vaguear pelos terrenos da Casa Branca. Ignorando as suas ordens (que diziam que animais vadios teriam de ser entregues à *Animal Rescue League* imediatamente), levaram o Mike para «custódia protetora» até que eu o reclamasse. Ele deve ter gostado dos pedaços de carne e peixe que lhe deram enquanto o mantinham sob custódia, pois dois dias depois fugiu novamente. Desta vez foi devolvido numa limusina da Casa Branca acompanhado por dois guarda-costas!

O Mike tem de partilhar a nossa afeição com muitos outros animais que acolhemos sob as nossas asas. A Peggy é um deles. Eram cerca das quatro horas de uma tarde fria e chuvosa quando uma mulher, que vive não muito longe de nós e que deve ter ouvido falar do nosso amor pelos animais, me ligou para o escritório. «Um cachorrinho preto está deitado na sarjeta perto da sua casa», relatou-me ela. «Acho que foi atropelado, pois não faz mais nada senão chorar e ganir».

Victor Rand, o secretário do Jimmy, correu para lá e trouxe-me o cachorro vencedor. Ela tremia terrivelmente e parecia que uma das suas pernas estava partida. Um exame feito pelo Dr. William Larson, do *Friendship Animal Hospital*, revelou que ela tinha também três costelas partidas. Ainda me lembro daquele olhar triste e melancólico nos seus olhos quando a deixámos ao cuidado do Dr. Larson. Ela permaneceu no hospital até as suas costelas terem consolidado. A sua perna ainda estava numa tala, mas isso não nos impediu de a levar para casa e de a cobrir de carinho e cuidados. Já alguma vez viram um cachorrinho tentar expressar os seus agradecimentos caninos tentando dar a pata com uma perna entalada? A Peggy tentou, e com aquele pequeno aperto de pata ganhou para si um lugar duradouro nos nossos corações.

Quando o Jimmy e eu viemos pela primeira vez para Washington em 1942, eu costumava fazer «leituras» para militares nas *Home Hospitality Parties* organizadas pela Sra. Martin Vogel. À medida que o tempo passava e mais e mais pessoas ouviam falar do meu dom psíquico, fiquei inundada com pedidos de ajuda de pessoas que não conhecia. Entre os muitos que procuravam o meu conselho estavam membros dos círculos mais altos do governo, estadistas, embaixadores e dignitários de visita. A minha reputação de fiabilidade espalhou-se e, quando as minhas previsões foram eventualmente publicadas em jornais por toda a nação, chamadas telefónicas, telegramas e cartas inundaram o meu escritório e casa incessantemente. Foi a ampla publicidade que se seguiu à minha profecia

da morte do Presidente John F. Kennedy, no entanto, que me tornou bem conhecida, tanto aqui como no estrangeiro.

A publicação de *A Gift of Prophecy* — o livro sobre mim escrito por Ruth Montgomery — também causou muitos comentários e publicidade, resultando em ainda mais correio! Expressões de medo, preocupações relativas a entes queridos, pedidos de dicas sobre o mercado de ações, tudo começou a jorrar no meu escritório.

As cartas têm agora uma média de aproximadamente três mil por semana, mas houve alturas em que mil cartas por dia se seguiram a alguma previsão ou evento invulgar. A minha coluna diária de horóscopo, que aparece em mais de trezentos jornais nos Estados Unidos, e as minhas palestras frequentes também acrescentaram centenas de cartas à nossa entrega diária. Algumas das cartas são interessantes; outras são patéticas.

“Querida Sra. Dixon,” começava uma, “ouço dizer que faz leituras para muita gente importante, por isso calculo que não estaria interessada em ler para um homem comum que ganha a vida como escritor. Em *The Gift of Prophecy*, Ruth Montgomery conta como a senhora lida com os figurões; diplomatas, estrelas de cinema, estrelas de TV e afins. Bem, se a venda do seu livro dependesse apenas dos nomes importantes que a senhora tanto preza, não lhe renderia muito dinheiro, isso é certo. Uma mulher com o seu dom lança um feitiço de esperança para as pessoas pobres. Mas a senhora não lhes dá essa ajuda. Só pelas celebridades e pelos ricos é que deixa o seu escritório imobiliário. Acho que é melhor esperar até ficar rico e famoso antes de pedir a sua ajuda.”

O remetente desta carta era, sem dúvida, sincero nos seus sentimentos, mas estava errado. Esta foi uma das muitas cartas às quais não pude recusar uma resposta.

“Obrigada pela sua carta,” escrevi. “É apenas porque faço leituras para algumas pessoas que são proeminentes que o senhor alguma vez ouviu falar de mim. Também leio para muitos que não são proeminentes e que, de facto, não têm desejo de o ser. Durante a Segunda Guerra Mundial, li para os soldados que partiam para defender o nosso país e para aqueles que tinham voltado a casa com o corpo, a mente e o espírito despedaçados. Os sargentos e praças eram os meus ‘figurões’. No entanto, quando sou chamada à Casa Branca ou ao Capitólio, isso é relatado como notícia e então o senhor ouve falar da minha leitura para algum V.I.P. Acima de tudo, faço o meu melhor para ajudar as pessoas a ajudarem-se a si mesmas. Cada um de nós tem de descobrir o seu talento e desenvolvê-lo.

O senhor expressou-se graficamente... e isso indicar-me-ia que está na área certa... encontrou o seu talento e está a usá-lo. Como seria bom se eu tivesse o tempo necessário para meditar por si; mas devido às muitas, muitas exigências sobre o meu tempo e pessoa, tornou-se impossível fazê-lo. No futuro, espero ser capaz de repartir os meus dias de modo a poder reservar um dia por semana para falar com as pessoas e tentar ajudá-las com os seus problemas. Peço as suas orações e lembrar-me-ei de si nas minhas. Por favor, não perca a sua fé.”

Outra correspondente, com uma confiança tão profunda no meu dom psíquico que sentiu ser desnecessário explicar o seu problema, escreveu:

“Querida Jeane Dixon, o seu livro prova que o seu talento dado por Deus é maravilhoso. Sei que está ocupada pois li tudo sobre isso. Mas imploro-lhe que dispense um pouco de tempo e surja com uma resposta para o meu problema. Garanto-lhe que a situação em que estou envolvida e a decisão injusta me estão a deixar doente. O meu aniversário é a 3 de maio de 1930. Por favor, ajude-me.” Outra carta estava preenchida com ainda mais confiança — embora o escritor cético não ousasse admiti-lo. “Querida Sra. Dixon,” começava ele. “Gostei do seu livro sobre profecia, mas admito que sou cético em relação a algumas das coisas que a senhora supostamente viu. Se pode realmente prever as coisas antes de acontecerem, por favor, diga-me o passado, presente e futuro e especialmente sobre um negócio que quero concretizar. Obrigado!”

Perguntam-me recorrentemente se acredito em fenómenos psíquicos. Sim, acredito. Frequentemente comparo o meu instinto para coisas não vistas ao instinto de um artista para o equilíbrio das cores e a beleza. O sentimento de fenómenos extrassensoriais faz parte da vida e não pode ser mais ignorado do que a luz ou a escuridão, porque existem tantos V.I.U.s — *Very Important Unknowns* (Desconhecidos Muito Importantes). Muitos de nós, ao entrar numa casa — quer esteja vazia ou ocupada — passámos pela experiência de sentir:

“Eu adoro este lugar!” enquanto outros lugares nos dão a sensação de: “Não gosto deste lugar!”

E quando nos perguntam porquê, raramente conseguimos dar uma resposta satisfatória. Muitas vezes sofremos estes sentimentos antes mesmo de termos entrado numa casa; é algo baseado em considerações que não as práticas. É mais uma resposta consciente a uma reação inconsciente que temos devido a certas vibrações que a casa emana. Existe uma teoria respeitada de que a madeira, devido à sua composição celular, é capaz de

absorver sons e outras vibrações. Uma vez que a madeira reage às condições atmosféricas e se expande no tempo quente e húmido e se contrai no tempo frio e seco, esta teoria explicaria em parte por que razão muitas pessoas pensam que as aparições surgem apenas em certas estações, pois é nessa altura que elas estão conscientes das aparições.

Cada nação tem as suas histórias de fantasmas favoritas. Como indivíduos, muitos de nós temos a nossa própria história favorita ou, para o caso, o nosso próprio fantasma “privado”. O “fantasma” da nossa família era o amado collie preto e branco da minha mãe, chamado “Shep”. Shep era um cão magnífico, mas a sua vida foi demasiado curta. Foi envenenado por um vizinho que não gostava de animais. Lembro-me vividamente de uma noite de tempestade, várias semanas após a morte de Shep. Estávamos todos sentados diante de uma lareira crepitante quando ouvimos um arranhar e um ganir à porta.

A mãe deu um salto. “É o Shep,” gritou ela. “Estou a ouvir o Shep!” Ela escancarou a porta, mas tudo o que encontrou foi o vento uivante e bancos de neve — Shep não estava lá. Ouvimo-lo muitas noites depois dessa noite de tempestade, sempre a arranhar, sempre a ganir. Acredito que o amávamos tanto que tentávamos continuamente trazê-lo de volta. Claro que ele não podia voltar, tinha partido para sempre.

Uma das minhas histórias de fantasmas favoritas foi-me contada por um jovem em cuja palavra eu não duvidaria. Ele estivera no estrangeiro com o Exército e regressou à Nova Inglaterra para descobrir que os seus pais se tinham mudado para uma casa que datava de 1678. Eles tinham-na comprado enquanto ele estava fora, mas nunca disseram muito sobre o assunto. A sua verdadeira introdução aconteceu quando ele estava sozinho, uma noite, na velha mansão. Pegou num livro e foi para a cama ler.

Em poucos minutos, a sua leitura foi interrompida pelo som de passos suaves e arrastados no corredor, seguidos pelo choro persistente de uma mulher. Teria a sua mãe voltado? Teria acontecido algo com ela? Ele saltou da cama e correu em direção à porta. O choro era mais alto agora... Ele abriu a porta e olhou para um corredor vazio. Os passos tinham cessado, mas o choro ainda lá estava, só que tinha mudado para um ganido suave. Emanava de uma lareira emparedada mesmo em frente à porta do seu quarto. Quando os seus pais regressaram, encontraram-no sentado lá em baixo a ver televisão com todas as luzes da casa acesas. “Propositadamente não te falámos do nosso ‘fantasma’,” explicou a sua mãe depois de ele lhes ter contado sobre a mulher que chorava. “Já a ouvimos muitas vezes, mas

queríamos que a descobrires por ti próprio.” Quem se supõe que ela seja, ninguém sabe.

Recordo uma carta que chegou algures por meados do ano passado, na qual o remetente solicitava informações sobre um filho desaparecido. A angústia mental preocupa-me sempre, por isso meditei de imediato, na esperança de captar as vibrações do rapaz desaparecido. Vibrações significam que há vida; a ausência de vibrações significa que a vida se foi. Por vezes, a percepção de vida ou morte chega até mim antes mesmo de eu ter lido completamente a carta; por vezes, o simples toque nela é contacto suficiente para me colocar em contacto com as vibrações da pessoa desaparecida.

Por vezes não recebo quaisquer vibrações imediatas e, não tendo o tempo necessário para meditar, não posso dar qualquer informação psíquica sobre a pessoa desaparecida. A carta acima mencionada, no entanto, “disse-me” de imediato que o jovem que já estava desaparecido há mais de cinco semanas estava vivo, mas todas as informações adicionais me escaparam. Coloquei a carta no meu arquivo ativo e prometi a mim mesma dar-lhe mais atenção mais tarde no dia. Uma concentração adicional durante uma parte calma do dia traz frequentemente resultados mais definidos.

Nada aconteceu naquele dia, embora a minha mente estivesse preenchida com o sofrimento dos pais frenéticos. A resposta veio no dia seguinte. Enquanto trabalhava à minha secretária, chamei subitamente o Victor Rand:

“Sr. Rand... eu tenho algo!” “O que é?” perguntou ele rapidamente. “Sobre o que é?” “O rapaz que está desaparecido... o rapaz sobre o qual recebi uma carta ontem. Acabei de o ver. Ele está vivo. Vejo-o rodeado de flores e arbustos... Ele também não está longe da sua casa. Consigo vê-lo tão claramente como o dia...” “Mais algum detalhe?” “Por agora não. Poderei saber mais antes do fim do dia, mas não vamos esperar por isso. Temos de enviar imediatamente uma carta à mãe dele, contando-lhe o que vi... dizendo-lhe que o vejo a viver num jardim...”

Respirei um suspiro de alívio quando a carta saiu do meu escritório, pois conseguia compreender bem a ansiedade dela.

Alguns dias depois, recebi a confirmação do que tinha visto. A mãe notificou-me que tinha encontrado o filho. Decidido a deixar os pais infelizes por razões apenas por ele conhecidas, o jovem tinha mudado alguns dos seus pertences elementares para um quarto vazio por cima de

uma garagem localizada ao fundo do jardim. Estranhamente, a sua mãe não fazia ideia disso, embora ele se mantivesse vivo através de investidas noturnas ao frigorífico da família. Ela descobriu-o quando, movida por um impulso desconhecido (a sua própria ESP em funcionamento?), decidiu dar uma vista de olhos na garagem vazia. Ouvindo barulhos no andar de cima, investigou o quarto extra e encontrou o filho.

Algumas das cartas mais difíceis de responder são aquelas sobre pessoas desaparecidas das quais não capto vibrações. Recordo uma mulher cujo marido tinha desaparecido enquanto voava para um destino fora dos Estados Unidos. Ela escreveu que não tinha ouvido uma palavra dele desde que ele tinha descolado no seu avião. Esperando que eu pudesse ser capaz de o localizar, enviou-me a rota pretendida, uma descrição completa dele e do seu avião, e alguns dos seus pertences pessoais. Concentrei-me longa e cuidadosamente, mas não consegui detetar as suas vibrações — não recebi qualquer sinal de vida. Com um coração triste e pesado, sentei-me finalmente atrás da minha máquina de escrever.

“Desejo de todo o coração ter alguma notícia do seu marido para si,” escrevi, “mas sou incapaz de captar qualquer uma das suas vibrações. Todas as coisas que me enviou estão a ser devolvidas, pois sei que vai querer guardá-las. Rezarei orações especiais por si e pelos seus filhos.”

Pouco tempo depois, os restos carbonizados do avião e o corpo do marido foram encontrados numa passagem de montanha desolada onde ele se tinha despenhado.

Há uma variedade infinita naquilo que os meus correspondentes perguntam. No entanto, o facto de serem movidos a escrever — juntamente com as emoções que revelam na forma como escrevem — demonstra quão importantes os seus problemas são para eles. Uma mãe escreveu perguntando se eu poderia localizar as fotografias da primeira comunhão do seu filho.

“Fotografei-o enquanto ele se aproximava do altar,” escreveu ela com orgulho, “naquele momento belamente reverente em que ele recebeu a bênção de Deus, e quando caminhou ao longo da grade de volta para mim. O filme,” continuou ela, “foi perdido ou extraviado no laboratório de revelação. Estará perdido para sempre? Poderá ter sido destruído? Ou poderá possivelmente estar em algum canal de correio?”

As preocupações dela tornaram-se as minhas, mas esta, como outras, não tinha uma resposta imediata à espera.

Ocasionalmente, pedem-me para meditar sobre uma lista completa de itens e, embora eu gostasse de aceder, é virtualmente impossível cumprir todos os pedidos.

“Poderia a senhora,” perguntava uma carta, “fazer previsões para mim, dando especial atenção às minhas hipóteses quanto a (a) finanças futuras, (b) viagens ao estrangeiro, (c) casamento e (d) educação?”

Cerca de um terço de todos os que me escrevem pedem orientação para encontrarem os seus talentos e os seus propósitos individuais na vida. Muitas destas pessoas estão verdadeiramente preocupadas com o seu lugar na vida, e eu tento ajudá-las sempre que posso. O maior número de cartas são aquelas com que somos inundados sempre que um boato falso anda à solta. Quando isto acontece, o nosso correio aumenta dramaticamente e a central telefónica da Dixon Company fica tão congestionada que se torna praticamente impossível gerirmos o nosso negócio imobiliário. Mais importante, porém, é o medo e a preocupação desnecessários que estes boatos causam nos corações de muitos milhares.

O nosso correio nunca esteve tão pesado nem a nossa central tão congestionada como em 1964, quando alguém espalhou o boato de que eu tinha previsto a queda de um avião no qual os Beatles viajariam. Eu não o tinha feito. No inverno de 1967, alguém afirmou que eu tinha previsto uma horda de marcianos a descer sobre a terra para levar os nossos filhos e raparigas adolescentes. Embora isto parecesse demasiado rebuscado para ser classificado até como ficção científica, muitos ficaram verdadeiramente alarmados.

Outro boato bateu forte na primavera de 1967. Aqueles que tinham filhos ou maridos ou namorados na “Operação Charlie” da Guarda Costeira passaram muitas noites sem dormir e dias temerosos devido a um boato persistente de que eu tinha previsto que o navio desta operação se afundaria ao largo da Terra Nova e todos a bordo se perderiam. A Operação Charlie, no entanto, terminou com sucesso e o navio regressou em segurança.

Pouco depois da abertura da Expo 67, fui cercada de cartas, telegramas e chamadas telefónicas perguntando se era verdade que eu tinha predito que a ilha artificial que albergava a exposição se afundaria com uma perda de vidas que subia — à medida que o boato crescia como uma bola de neve — de 1500 para 8000 pessoas! As consultas vinham maioritariamente de pessoas de todos os Estados Unidos e Canadá, pois muitos planeavam uma viagem à Expo 67. Outros tinham familiares a residir na área da Expo.

Também chegaram muitas cartas de hotéis e motéis da zona que estavam dependentes do comércio turístico. A pressão tornou-se tão imensa que acabei por pedir ao editor da *Montreal Gazette* para desmentir este boato por mim. Outro boato falso que fez manchetes foi o da destruição de Guam. Um soldado estacionado em São Francisco na altura do boato estava extremamente preocupado com esta “previsão” e telefonou-me para obter um desmentido ou uma confirmação. Informei-o de que não tinha dito nada do género. Outro membro das forças armadas escreveu-me de Okinawa perguntando se havia alguma verdade na minha previsão de que Okinawa desapareceria gradualmente sob as ondas.

Os boatos mais fantásticos são, sem dúvida, criados por algumas pessoas muito imaginativas, e é intrigante saber por que razão creditam estes contos selvagens a mim. Há dois anos, uma rapariga de quinze anos enviou-me uma carta frenética, perguntando se era verdade que eu tinha previsto que todas as raparigas com orelhas furadas morreriam em junho de 1979 de uma doença estranha e fatal. Claro que não era verdade. Respondi-lhe imediatamente e disse-lhe que não havia uma palavra de verdade nisso!

Mas respondi a centenas de cartas sobre isto antes de o assunto morrer. Mais recentemente, em março e abril de 1969, outro boato selvagem foi posto em marcha. Terramotos devastadores tinham sido previstos para o Sul da Califórnia e, como acontece frequentemente, muitas pessoas creditaram-me por ter feito esta previsão sinistra.

A 1 de abril, convoquei uma conferência de imprensa para emitir o seguinte desmentido:

“Durante as últimas semanas, o meu sindicato, Newsday Specials, e eu recebemos mais de 50 chamadas telefónicas por dia e centenas de cartas e telegramas de todo o país, perguntando sobre a validade dos boatos generalizados — erradamente atribuídos a mim — de que eu tinha previsto que, num futuro próximo, a Califórnia — ou uma grande porção desse estado — deslizaria para o Oceano Pacífico. Numerosas personalidades da rádio e da televisão — bem como muitos segmentos da imprensa — circularam a crença de que eu tinha de facto previsto tal catástrofe. Neste momento, gostaria de deixar perfeitamente claro para os meios de comunicação, e através desses meios para os meus concidadãos americanos, que em NENHUM momento previ — nem prevejo — que tal cataclismo esteja iminente. Não digo que não haverá terramotos ou tremores, mas repito que não previ — e não prevejo agora — uma ocorrência tão grave como o desaparecimento iminente da Califórnia.”

Duvido que os boatos falsos sejam alguma vez concebidos ou espalhados maliciosamente. É mais provável, penso eu, que sejam disseminados por jovens que anseiam por atenção e por uma sensação de importância, e que — porque estão aborrecidos — acham que seria divertido provocar um pouco de travessura. Geralmente é impossível rastrear os boatos até às suas fontes. No entanto, após muito trabalho, conseguimos localizar a origem daquele conto marciano.

Começou quando uma *baby-sitter* adolescente em Baltimore, uma devota seguidora de programas de ficção científica, ameaçou as duas crianças a seu cargo com a invasão dos marcianos se não fossem para a cama. “Quem disse que os marcianos vinham buscar-nos?” gritaram elas desafiadoramente quando ela as confrontou com a ameaça. “Jeane Dixon,” respondeu ela secamente. Em poucos minutos as duas estavam na cama — mas esse não foi o fim da história. Na manhã seguinte, contaram aos pais que os marcianos vinham aí e que eu o tinha dito. Espalharam a mesma história na escola e, antes de serem aconchegadas na cama nessa noite, o boato tinha saído de controlo e centenas de crianças assustadas enfiaram-se debaixo dos cobertores — perguntando-se quando viriam os marcianos... Não houve má intenção, mas o mal foi feito nos corações de pequenos inocentes por causa de uma *baby-sitter* desesperada.

As crianças sempre foram queridas para o meu coração, e muitas vezes recordo aquele dia de outono invulgarmente agreste, há vinte e tal outubros, quando, a tiritar dentro do meu casaco de tweed, que de outro modo seria quente, conduzi pela paisagem campestre da Virgínia à procura de uma casa — qualquer casa — com uma linha telefónica que a ela conduzisse.

Eu tinha estado fora, no campo, a maior parte do dia, à procura de uma casa de campo. Como o meu marido tinha partido numa viagem de negócios, esta pareceu-me ser a altura ideal para isso. Um pneu furado estragou os meus planos e precisei de um telefone para chamar a assistência rodoviária. Já tinha perdido quase toda a esperança de encontrar um telefone quando avistei uma linha telefónica que levava a uma pequena casa branca. Depois de terminada a minha chamada, e quando me preparava para sair, várias criancinhas negras saíram a correr de um pequeno galinheiro no quintal das traseiras. Soube, ao falar com elas, que viviam ali com a mãe e a avó... As crianças precisavam de ajuda em muitos aspetos.

Quando o meu marido regressou da sua viagem de negócios, discuti com ele a triste situação delas e, armada com a sua bênção e ajuda financeira, fiz uma lista detalhada do que sentia ser necessário. Tinha de haver um fogão, uma dieta nova e adequada, roupa quente, etc. Também tive de fornecer sabão, escovas, um estojo de costura, graxa para sapatos — em suma, algumas das coisas que são tão necessárias. Ensinar-lhes higiene mental e física foi outra oportunidade de as ajudar — outro privilégio para mim. Numa das minhas visitas bissemanais, a mãe perguntou-me se eu poderia dar um jeito para ela receber um cheque de assistência social maior.

“Uma mulher ali ao fundo da estrada, que tem uma família mais pequena do que a minha, recebe muito mais do que eu,” disse ela. “Como posso conseguir um maior?” “Acha que o governo lhe deve dinheiro que não ganhou?” respondi eu, tentando fazê-la pensar. “Sim,” respondeu ela veementemente. “Prometeram-me cheques de assistência maiores se eu votasse nele e ele ganhasse!”

Com rostos esperançosos, as crianças tinham ouvido a nossa conversa, mas quando se tornou óbvio que eu não forneceria o dinheiro adicional que poderia significar todas as coisas que nunca tiveram, os seus rostos caíram. Voltei-me para o rapaz mais velho — parecia ter uns dezasseis ou dezassete anos — e perguntei:

“Percebes que o bom Senhor te deu um talento que será teu enquanto viveres, e que esse talento ganhará dinheiro para ti se aprenderes a usá-lo?” “Mas Abraham Lincoln disse que fomos todos criados iguais,” respondeu o rapaz. Olhei para ele e sorri. “Sim, ele disse isso... e estava a citar Thomas Jefferson. Mas o nosso Senhor não disse que fomos todos criados iguais. Somos todos Seus filhos, mas não somos iguais em inteligência, não somos iguais em talento e não somos iguais em circunstâncias. Somos, no entanto, iguais aos olhos do nosso Criador porque Ele ama cada um de nós. Somos iguais no facto de que Ele deu a cada um de nós dons particulares — talentos particulares — a fim de realizar um propósito particular. Somos iguais na medida em que Deus ajudará sempre cada um de nós a realizar o nosso propósito, desenvolvendo e usando os nossos talentos. Nesse sentido, somos iguais. Mas como nunca houve ninguém exatamente como tu, com o teu talento particular e o teu propósito particular, ninguém é igual a ti. Tu és especial.”

Um minúsculo vislumbre de esperança surgiu nos seus olhos à medida que o verdadeiro significado do que eu tinha dito se tornava claro para ele.

“Pode ajudar-me a encontrar o meu talento?” perguntou timidamente. E assim sentámo-nos e conversámos. Ali, no galinheiro, discutimos o seu futuro e o futuro dos membros da sua família.

O pequeno fogão redondo que eu tinha comprado para eles tentava o seu melhor para aquecer a área exígua de dez por doze pés, mas a corrente de ar frio que parecia vir de todo o lado tornava-o grosseiramente inadequado. A sala estava escassamente mobilada. Duas camas de campanha no canto da sala e o banco onde me sentei eram quase tudo o que possuíam, mas conseguimos. Conversámos — e os seus espíritos iluminaram-se enquanto eu lhes falava do mundo exterior e do Plano Divino de Deus para cada um de nós.

Com a assistência que eu — e outros — fornecemos, eles logo começaram a sentir uma mudança nas suas vidas. Em janeiro, as duas crianças mais velhas estavam suficientemente preparadas para ir para a escola e, como não havia nenhuma escola para negros a uma distância que permitisse ir a pé do galinheiro, combinei que as crianças brancas que viviam por perto as levassem para a escola delas. “Quando a professora vos perguntar o que querem,” instruí-as, “digam, muito educadamente: ‘Nós só queremos aprender, por favor, obrigada, minha senhora’.” Foi a minha própria maneira de introduzir a integração e funcionou.

Também se organizaram as coisas para as crianças irem à Escola Dominical. Uma das pequeninas, sabendo que eu era católica romana, quis tornar-se uma também. Não havia igreja católica nas proximidades, mas disse-lhe que o que contava não era a igreja que ela frequentava, mas sim os seus pensamentos, palavras e ações durante cada dia da sua vida. Disse-lhe para começar cada dia com agradecimentos a Deus por estar viva, depois para rezar como se tudo dependesse de Deus e trabalhar como se tudo dependesse dela. Outra mudança importante foi feita. Pediu-se a um rapaz mais velho que vivia fora de casa para voltar. Ninguém tinha descoberto ainda onde ele dormiria, mas senti que era essencial ele estar lá enquanto fazíamos as mudanças, para que pudesse avançar com os outros e não ficasse para trás social e espiritualmente.

Ao longo dos anos, mantive um contacto estreito com esta família. Quando a rapariga mais velha estava pronta para terminar o ensino secundário, outro marco foi alcançado. O seu baile de finalistas marcou a primeira vez que a mãe ou a avó estiveram dentro de uma escola, e de cada vez que a rapariga dançava a passar por elas, os seus olhos brilhavam de orgulho e os seus rostos radiantes refletiam uma felicidade interior. O

início da *Children to Children, Inc.*, formalmente organizada muitos anos mais tarde, em 1964, foi influenciado pelas minhas experiências gratificantes com esta família.

Assim que compreenderam que podiam aprender a aprender, e depois aprender a ganhar, fizeram progressos rápidos. Não demorou muito até deixarem de olhar para os governos nacional, estadual ou local em busca de ajuda e sentirem-se orgulhosos de se manterem firmes nas suas próprias conquistas. Hoje, todos os filhos desta família já demonstraram um forte instinto de ajudar outros menos afortunados. As crianças de hoje serão os cidadãos de amanhã e devem ter todas as hipóteses e todas as oportunidades de se desenvolverem em todo o seu potencial para que o mundo conheça a paz e a harmonia.

Com este conceito como base, os objetivos da *Children to Children, Inc.* foram formulados da seguinte forma: AJUDAR AS CRIANÇAS a descobrir a maravilha de Deus e a crescer espiritualmente na religião da sua escolha, dando-lhes fé. AJUDAR AS CRIANÇAS esforçando-se por curar muitos dos males e doenças que as afligem, para que as suas mentes e corpos possam crescer fortes e saudáveis.

AJUDAR AS CRIANÇAS a ajudarem-se a si próprias a encontrar os seus talentos e a desenvolvê-los à medida que desenvolvem as suas mentes e corpos para que, ao amadurecerem, possam levar vidas frutíferas e contribuir para a vida dos outros. AJUDAR AS CRIANÇAS a conhecer o verdadeiro significado da palavra *amor*, como Deus ordenou. Através do amor e da compreensão, aprendemos a viver em harmonia com o plano de Deus para este universo do homem.

Atualmente, grande parte da minha atenção e praticamente todos os meus recursos estão a ser direcionados para a realização de uma das minhas visões psíquicas mais memoráveis: a construção do Centro Médico Jeane Dixon. Este centro, tal como o “vi” e como existe agora num modelo de arquiteto, será construído na forma de uma roda de carroça. Conterá as instalações laboratoriais mais avançadas e sofisticadas disponíveis ao homem, incluindo sistemas de investigação computadorizados. Cada um dos oito raios da “roda” será reservado para o tratamento de doenças infantis específicas.

Leucemia, cancro, distúrbios cardíacos e nervosos estão entre os que serão alojados nas alas especiais. Entre os raios — que terão vários andares de altura, com cada nível sucessivo recuado de modo a proporcionar “terraços de andar” individuais — haverá relvados cuidadosamente e

habilmente ajardinados ou jardins zoológicos para crianças, criados única e especialmente para o prazer dos mais pequenos. O andar inferior dos oito raios encontrar-se-á na capela para todas as fés, a ser construída no cubo da roda. O exterior será coberto com vitrais, coroados por uma espiral imponente rematada por uma chama eterna... É um projeto gigantesco, mas com a ajuda de Deus, tudo é possível.

Por vezes disse que, se soubesse no início que haveria um milhão de passos em vez de quinhentos envolvidos na fundação da *Children to Children, Inc.*, poderia tê-la deixado para o governo e os seus vastos recursos. Mas isto não é verdadeiramente assim. Estou plenamente convencida de que a Orientação Divina me moveu nesta direção. Quando, após a minha “primeira” família ser ajudada, o custo de auxiliar os necessitados subiu além do que o meu marido e eu podíamos fornecer, decidi canalizar os ganhos do meu dom psíquico para este projeto. Anteriormente, este dinheiro tinha sido doado ao *Damon Runyon Fund* e a outras instituições de caridade.

No entanto, desde o início da *Children to Children, Inc.*, a Fundação tem recebido a remuneração que ganho com palestras, aparições na rádio ou televisão, etc. Sempre que recordo aquele dia frio de outono quando a família no galinheiro abandonado se tornou a pedra angular, por assim dizer, da *Children to Children, Inc.*, fico impressionada com o quão impercetível pode ser o início de qualquer coisa. Algumas coisas, porém, começam auspiciosamente — com um sinal — como a vinda de uma pomba através das portas do terraço.

Foi o meu velho amigo, Victor Werner, que, sem o saber, preparou o cenário para uma das minhas visões mais surpreendentes. O Sr. Werner veio ver-me um dia e, durante a nossa conversa, disse-me orgulhosamente que estava prestes a receber uma medalha que lhe fora concedida no final da Primeira Guerra Mundial pelo Rei Alberto da Bélgica. Naturalmente, perguntei em voz alta por que razão nunca a tinha recebido antes.

À medida que a história se desenrolava, apercebi-me de que o Sr. Werner, que se estava a reformar da Função Pública, tinha tido muita influência na consolidação das relações amigáveis entre a Bélgica e os Estados Unidos no período pós-guerra, e como expressão do seu apreço, o Rei Alberto tinha-o distinguido com a medalha de prata na Ordem do Rei Leopoldo II. No entanto, embora esta condecoração tivesse sido oficialmente concedida, o Sr. Werner nunca chegou a receber a medalha porque trabalhava para o Governo dos Estados Unidos.

Naquela época, medalhas e condecorações emitidas por outro governo não podiam ser aceites por pessoas que trabalhassem na Função Pública. A medalha, consequentemente, foi aceite em seu nome e mantida sob custódia pelo Departamento de Estado dos EUA até ao momento em que ele se reformasse do seu cargo oficial no governo. Como ele se estava agora a reformar oficialmente e o Departamento de Estado iria libertar a condecoração, o Sr. Werner mencionou como seria bom se a medalha lhe pudesse ser entregue pelo embaixador belga, pois isso tornaria tudo muito mais oficial.

Concordei e contactei o meu amigo, Sua Excelência o Barão van Scheyven, o embaixador da Bélgica, e perguntei-lhe se ele faria uma pequena cerimónia de entrega. Para meu grande deleite, o Barão consentiu. Não só concordou em entregar pessoalmente a condecoração ao Sr. Werner, como também organizaria uma receção na Embaixada em sua honra. A tarde de terça-feira, 12 de setembro de 1967, foi a data designada. Trinta e um anos tinham passado desde que o Rei Alberto concedera a honra, mas a Bélgica não se tinha esquecido de Victor Werner.

Washington é bonita no outono. O calor latente que envolve a cidade no verão transformou-se num calor suave, ocasionalmente interrompido por uma lufada de ar fresco e revigorante. Todos os dias, mais folhas mudam para cores vibrantes de outono, harmonizando-se com a estação, e bandos de pequenas nuvens brancas aparecem no céu azul-turquesa para tornar o espetáculo mais deslumbrante. O dia 12 de setembro foi precisamente um dia assim. O convite do embaixador era para uma receção às quatro horas.

Quando entrámos na requintada sala de estar da Embaixada, ficámos comovidos com a sua beleza e elegância. A sala de teto alto — palaciana, mas convidativa — estava decorada numa extremidade com peças de época francesa em azul suave, ornamentada por um enorme vaso a transbordar de flores azuis e roxas. A outra extremidade da sala era semelhante, mas em dourado pálido, agraciada por outro impressionante bouquet floral de amarelo e branco. Soubemos que toda a decoração da Embaixada era pessoalmente planeada e supervisionada pela Baronesa van Scheyven.

Por experiência, sei que as receções nas embaixadas são bastante semelhantes. Há alguns discursos, algumas observações gentis e uma ronda de brindes aos visitantes distintos. Esta seria marcada pela entrega oficial da Medalha de Prata de Leopoldo II, um brinde ao Sr. Werner, e depois terminaria. No entanto, senti que esta ocasião seria diferente. Como e de que maneira, não sabia bem, mas o sentimento persistia. Como a condecoração era dada pelos atos humanitários realizados pelo Sr. Werner durante a Primeira Guerra Mundial, grande parte da conversa que precedeu a cerimónia propriamente dita referiu-se a essa guerra. Os convidados recordavam e partilhavam as suas experiências sobre como a guerra tinha afetado as suas vidas em diferentes partes do mundo. Os meus olhos percorriam o teto daquela sala elegantemente decorada, desciam pela parede, até que eu estava a olhar através das portas abertas do terraço, observando as nuvens a tocarem-se, suavemente, delicadamente...

Então aconteceu! No momento em que o Barão van Scheyven começou a entrega, apareceu uma pequena pomba, voando sob o toldo do terraço e através das portas para dentro da sala de estar. Com um suave bater de asas, ela circulou a sala. O meu coração sorriu.

“Oh, Sr. Embaixador,” gritei alegremente, “que sorte! Isto é um bom presságio — um sinal especial! Significa algo de tremenda importância internacional.”

Por esta altura, os convidados observavam a pomba. Ela circulou a sala mais uma vez, pousando num magnífico lustre de cristal, um de um par que adornava a sala. O embaixador ficou ligeiramente agitado e chamou o seu secretário e o mordomo. Percebendo que ele tentaria remover a pomba, interrompi.

“Oh, por favor, não faça isso, Sr. Embaixador,” implorei. “Não imagina o quanto a aparição desta pomba significa! Deixe-a ficar ali, por favor... por favor! Mas” — e aqui os meus instintos femininos precederam

os meus instintos psíquicos — “talvez queira colocar um jornal debaixo do lustre... só por precaução — o seu Aubusson é tão raro e belo.”

Uma onda de riso eclodiu perante a ideia de um visitante tão despretensioso se portar mal em arredores tão dignos. O embaixador, no entanto, viu o humor da situação e perguntou ao seu secretário com uma ponta de sagacidade política:

“Traga-me uma cópia do !” Ele nomeou um jornal específico. “Pode servir para um bom propósito, pela primeira vez!” Voltou-se para mim, gesticulando em jeito de desculpa.

“Lamento, Sra. Dixon. Esta é a primeira vez que algo assim acontece. Nos oito anos que vivemos aqui, estas portas foram abertas muitas vezes antes, mas nunca um pássaro de qualquer espécie voou para dentro da Embaixada... por favor, acredite em mim!”

Não questioneei isso na altura, pois senti que Deus tinha enviado esta pomba para um propósito específico. O Barão van Scheyven caminhou em direção ao seu secretário, que tinha regressado com o jornal. Agora todos se tornaram especialistas em estratégia e, com conselhos de todos os convidados quanto à sua posição mais benéfica, o papel cobriu em breve o Aubusson — diretamente por baixo do braço de cristal cintilante onde a pomba estava pousada.

Com o tapete protegido, o embaixador tentou pôr fim ao incidente com uma observação casual. “Há uma lei que todos temos de levar em consideração,” disse ele, olhando para cima com um leve franzir de sobrancelhas, “e essa é a lei da gravidade.”

Durante todo o alvoroço, Victor Werner tinha sido momentaneamente negligenciado, mas a cerimónia compensou largamente.

“É um privilégio para mim tê-lo aqui,” começou o embaixador a cerimónia, “e poder conferir-lhe, Sr. Werner, a Medalha de Prata da Ordem de Leopoldo, uma condecoração excecional pelos serviços prestados ao meu país. O meu Rei, o meu Governo e eu, damos-lhe de todo o coração, Victor Werner, esta prova da nossa estima e apreço.”

Ele pegou na impressionante medalha e prendeu-a cuidadosamente na lapela de Victor. “Lamento que tenha tido de esperar tanto tempo,” concluiu, “mas sinto-me verdadeiramente honrado por ser eu a entregar-lhe esta medalha.” Lágrimas de felicidade brotaram nos olhos do Sr. Werner

enquanto ele agradecia ao embaixador. Todos se reuniram à volta, felicitando-o e admirando a sua medalha.

Com um movimento quase impercetível da mão, o embaixador indicou a entrada na sala de dois mordomos altos e elegantes, um moreno jovem e um mestre-de-cerimónias de cabelos prateados, carregando bandejas com champanhe e biscoitos delicados. “Vamos aproveitar o terraço,” sugeriu o embaixador, caminhando em direção às portas abertas. Um por um, os convidados seguiram-no, formando pequenos grupos.

Subitamente, o Jimmy chamou a nossa atenção de volta para a pomba. “Olhem!” exclamou ele. “Olhem para a pomba... ela parece estar a seguir-nos.” Voltei-me rapidamente e, reentrando na sala de estar, falei com a pequena pomba em tons suaves e carinhosos. “Vem cá, pequenina,” incentivei. “Vem e deixa-me segurar-te.” Tal como se entendesse as minhas palavras, ela circulou novamente e voou diretamente para mim, pousando suavemente na minha mão direita estendida.

Com a pomba na palma da mão, voltei-me lentamente e caminhei de volta para o terraço, falando com ela baixinho. A resposta invulgar da pomba atraiu a atenção de todos. Toda a conversa cessou; todos os olhos estavam postos em nós, conscientes de que algo estava a acontecer além do que estavam a ver. A pomba aninhou-se na minha mão e observou o meu rosto atentamente, como se tivesse medo de perder uma única palavra. Os seus minúsculos olhos pretos nunca vacilaram, mantendo-se a olhar para mim com grande serenidade.

Estaria ela a dizer-me algo? Não tinha a certeza, mas parei de falar, no entanto, e tentei concentrar-me com ela no que quer que a sua vinda devesse transmitir. Deus revela-Se a Si mesmo e aos Seus planos de muitas formas e, quando Ele prepara o cenário, nenhum poder ou pessoa o pode deter! O olho da minha mente consegue muitas vezes ver profundamente no longínquo além, e o ouvido da minha mente consegue por vezes sintonizar os sons distantes do céu, mas desta vez eu não só vi e ouvi, como senti — Deus omnipresente, Deus a controlar e Deus a dirigir cada cápsula de tempo e espaço.

Desaparecida da minha consciência estava a receção, desaparecidas estavam as pessoas e Victor Werner. Eu estava sozinha com o Eterno, e sentia-me reverentemente maravilhada, experimentando novamente aquele belo silêncio sobrenatural no vasto espaço infinito do grande além. Quase sem consciência de me mover, dei um passo para o terraço, com a pomba na mão. As pessoas afastaram-se um pouco para um lado, e para mim

pareceu que o Mar Vermelho se estava a abrir novamente. Visões vieram até mim... cenas do que haveria de ser.

Era como se eu já não fosse eu — um mortal — mas um espírito de consciência — algures no vasto espaço sem limites, olhando ao longo dos anos para as coisas vindouras. Conseguia sentir a terra a sacudir-se e a tremer sob os pés. Depois pareceu que o mundo tinha parado de rodar no seu eixo. Vi que neste século haverá muitas mudanças geológicas e geográficas e muitos terremotos... rios deixarão de correr e outros alterarão os seus cursos.

Onde há água agora, haverá terra, e onde há terra hoje, águas selvagens e rodopiantes entrarão e destruirão tudo no seu caminho. Foi então que vi a Cruz resplandecente aparecer nos céus orientais, no alto de uma colina escura e solitária. Era grande e magnífica... sinistra e agourenta, mas tão majestosa e cheia de amor que soube que era a Cruz de Cristo! Ondas de trovões e relâmpagos rolaram sucessivamente até que toda a criação pareceu ecoar o mesmo som que envolveu a terra quando Ele a criou. E depois houve silêncio... e subitamente senti que já não estava sozinha.

Todo o som tinha recuado para o grande vazio e, em vez disso, paz e tranquilidade cobriam a terra devastada.

Toda a gente no mundo estava, de alguma forma, a ver a Cruz comigo! E ocorreu-me que todos os que presenciavam este espetáculo compreendiam claramente que se tratava da Luz iluminadora de Deus dentro de si próprios! Sabiam, tal como eu, que já não precisávamos de *“lua ou estrelas de noite, ou de sol para brilhar de dia”* — cada um de nós estava a experienciar a glória espiritual da Luz de Deus no seu interior. E o mundo, e todos os seus povos, ficaram imóveis.

Extasiada, comecei a erguer a pomba para a soltar, mas Alguém guiou a minha mão de novo para baixo e, quando ela pousou, ouvi a voz do nosso Senhor Jesus dizer: “Agora sois TODOS Meus discípulos!” Ouvi — e ao ouvir soube — pois Ele tornou o Seu significado claro para além de qualquer dúvida: que chegará o dia em que as religiões tal como as conhecemos hoje, cristã, judaica, hindu, budista, não existirão mais, e seremos todos, de facto, verdadeiros discípulos de Jesus. E com este clarão de perfeito entendimento veio de novo a Sua voz compassiva: “Agora sois todos Meus discípulos!”

Continuei a escutar, mas a voz tinha recolhido os seus ecos de som suave e partido. Mais uma vez, eu era mortal. Todas as visões e sons tinham recuado para o grande além. A minha mão ergueu-se no ar para dizer adeus à pomba. Ela posicionou-se lentamente na minha mão e, entregue a sua mensagem, sem um olhar para trás, abriu as suas suaves asas emplumadas e voou para oeste, em direção ao sol poente. A visão tinha terminado.

Quando mais tarde contei isto ao meu amigo John Fetzer, ele ficou extremamente silencioso e pensativo. John, presidente do clube de basebol Detroit Tigers e presidente de uma cadeia de estações de rádio e televisão no Michigan e no Nebraska, é inquestionavelmente um homem de negócios muito realista. No entanto — e isto apenas aumenta a sua estatura como homem — ele nunca permitiu que a sua atitude realista o cegasse para o núcleo espiritual da vida ou para os fenómenos do mundo psíquico. Já ouvi pessoas referirem-se a John como um “intelectual abstrato” e, embora eu não partilhe inteiramente dessa visão, ele é, no entanto, um pensador profundo. John está convencido de que a aparição da pomba e a visão que se seguiu foram uma verdadeira manifestação do alto.

“Suspeito seriamente que a vinda da pomba,” comentou ele depois de refletir intensamente, “e o teu contacto subsequente com o Mensageiro da Paz, tem uma conotação que deveria transmitir uma lição muito valiosa, não só à hierarquia dos Estados Unidos, mas também à pessoa comum. As pombas, claro, sempre foram associadas à paz. Existe literatura abundante sobre o assunto para fundamentar isto. Seria meu sentimento que, uma vez que és particularmente dotada para levar mensagens a pessoas em lugares altos que lidam com os instrumentos de guerra e os muitos perigos em que os Estados Unidos da América se encontram, é apropriado, de facto, que recebas uma mensagem que nos alerte para fazermos todos os esforços para chegar a soluções pacíficas para os problemas do mundo, em vez de recorrermos ao conflito armado. Parece-me que, se o nosso país continuar a seguir o seu curso atual, isso poderá muito bem levar não só à nossa própria destruição, mas à de todo o mundo, o que atrasaria o nosso desenvolvimento evolutivo literalmente milhares de anos. O facto de teres participado nesta mensagem de paz trazida por uma pomba que apareceu do nada e partiu para um vácuo de mistério indicaria para mim que a mensagem teve origem na mesma Fonte que te dá o talento para prever os acontecimentos mundiais vindouros.”

Há momentos agora em que, no crepúsculo da noite, recordo esses momentos preciosos em que a voz do Nosso Senhor Jesus profetizou que um dia seríamos “todos um sob Deus”. Muito foi profetizado para os anos que se seguem a 1999, quando esta visão se tornará realidade... e muito acontecerá antes desse dia. No entanto, acredito que o soar daquela voz anunciou uma nova era de compreensão, de amor e devoção, pois o sinal da pomba é o sinal do amor contínuo de Deus e dos Seus planos para todos nós.

3

Deus Fala aos Homens

Foi quando a pequena pomba veio pousar na minha mão estendida que me lembrei mais uma vez de quão perto estamos de reconhecer que somos todos um sob Deus. Eventualmente, a Sua vontade tornar-se-á o nosso caminho. Uma vez que Deus nos cria um a um, o Seu olhar amoroso está sobre cada um de nós como está sobre o pardal. Ele está continuamente a falar connosco e podemos ouvi-Lo se abirmos as nossas mentes e corações para escutar.

Ele quer usar cada um de nós como um meio de instaurar o Seu Reino na terra. Ele quer que sejamos canais através dos quais o Seu Plano Divino é dado a conhecer e cumprido. É um sentimento de temor e inspiração ser um trabalhador para o Senhor. Conheço este sentimento porque conheço as suas alegrias desde a minha infância.

Começou de uma forma invulgar quando uma gentil senhora cigana chamou a atenção da minha mãe para os padrões únicos das linhas nas minhas mãos. Fascinada, apontou para o interior da minha mão direita e exclamou:

“Ela tem a Estrela de David na mão, e aqui” — ela ofegou e olhou uma segunda vez — “aqui está a Meia-Lua!”

A minha mãe sorriu compreensivamente, pois de algum modo parecia sentir o significado de tudo aquilo. A mulher cigana continuou:

“A sua filha, minha senhora, está destinada a grandes coisas. Em ambas as mãos ela tem todas as marcas de uma grande mística.”

Perdida em pensamentos profundos, ela deu meia-volta e desapareceu na sua carroça. Quando regressou, tinha uma bola na mão — uma bola de cristal.

“Toma, minha pequena,” disse ela baixinho, colocando a bola suavemente nas minhas mãos estendidas. “Pega nela — diz-me o que vês.”

Olhei para dentro dela e o que vi era tão bonito que quase me fez chorar. Vi uma costa selvagem e rochosa numa terra distante e um mar turbulento a embater nas arestas recortadas das rochas em ruína. Ondas gigantes dividiam-se num banho de minúsculas gotículas de chuva de espuma branca, flutuando para baixo e para cima novamente, perdendo-se no sussurro do vento. Mais para o interior, uma gaivota apontava para as nuvens, voando para o cumprimento do seu destino.

“Estás a descrever a minha terra natal, pequena,” disse a cigana tristemente. “Acabaste de ver a visão mais maravilhosa da terra. Fica com a bola. É tua. Pode fazer mais nas tuas mãos do que nas minhas!” Foi o meu primeiro encontro com uma cigana e, através dessa experiência, comecei a perceber que tinha um propósito específico na vida.

Saber que se é chamado por Deus para um propósito especial é um conhecimento que não pode ser comparado a nada mais. As pessoas perguntam-me frequentemente como sei que o que recebo psiquicamente se tornará realidade. A resposta é: as minhas previsões nem sempre se tornam realidade. Existem muitas formas diferentes através das quais o futuro me é revelado, e apenas um número limitado destes eventos me é dado a conhecer através da revelação.

As revelações são sinais da vontade de Deus, e não da vontade do homem. Quando Deus revela um evento futuro através de uma revelação, nada do que o homem faça o mudará. O Senhor dá uma revelação a quem Ele quer, quando quer e como quer. Uma revelação nada tem a ver com percepção extrassensorial. É Deus a revelar a Sua vontade e, quando Ele escolhe usar-me como canal para a Sua revelação, eu escuto, vejo e sinto...

Outra forma, embora menos certa, através da qual recebo conhecimento de eventos futuros é o que chamo de “via psíquica”. Frequentemente, quando conheço pessoas e lhes aperto a mão, sinto vibrações. Ao sentir e interpretar estas vibrações, posso dizer muitas coisas sobre essa pessoa. Eu “vejo” ainda mais se tiver a oportunidade de tocar nas mãos delas com a ponta do dedo anelar da minha mão direita. Os meus

dedos são supersensíveis e, muitas vezes, um toque suave permite-me captar um canal individual de comunicação com a eternidade.

Quando digo “canal”, refiro-me a uma frequência de comunicação que nos foi dada pelo nosso Criador. Todos temos os nossos próprios canais individuais, as nossas próprias frequências, para a comunicação com o Senhor. Muitas vezes consigo captar o “canal” de um indivíduo assim que o conheço, pois por vezes este sinal é tão forte que penetra qualquer perturbação que possa existir.

Curiosamente, nunca encontrei duas pessoas que comuniquem no mesmo “canal”. Não tenho dúvidas de que a maioria das pessoas não está consciente dos seus próprios “canais”, mas para mim estes sinais são tão claros e inequivocamente reais que frequentemente me revelam o que lhes aconteceu em tenra idade, bem como o que lhes acontecerá até ao seu último dia na terra.

Outra forma de receber os sinais é através de um contacto direto com o Senhor. Quando rezo e medito e peço orientação ao Senhor, muitas coisas me são reveladas, porque é nesses momentos de contacto tranquilo com Deus que me torno consciente dos muitos sinais que nos rodeiam. É nesses momentos que muitos “eventos-em-preparação” parecem fechar-se sobre mim. De alguma forma, continuo a receber sinais extremamente fortes da Rússia.

Eles, os russos, têm os seus próprios objetivos na vida, mas concentram-se nos seus desejos mundanos e não nos desejos de Deus para eles. Estão cheios do seu próprio planeamento, do seu próprio pensamento e das suas próprias ideias. Os sinais seguintes mais fortes que recebi até agora estiveram sempre ligados à família Kennedy. Eles parecem ter também um propósito forte, e essa força de pensamento é poderosa.

Muitas vezes, quando preciso de uma resposta para uma pergunta específica, medito com essa única pergunta em mente, sabendo que, se me concentrar, meditar e rezar, Deus me revelará a resposta. É quase como ouvir o vento a soprar e a uivar em volta da casa numa noite tempestuosa de outono — quanto mais forte é o vento, mais claramente se consegue ouvir o seu som. Muitas vezes a resposta à minha pergunta já está a ser elaborada na mente de outras pessoas, mas eu não tenho consciência disso até que Deus me permita “sintonizar” as suas frequências. Isto permite-me captar os seus pensamentos e conversas sem estar presente.

A telepatia é ainda outra forma. Claro que muitas pessoas falam sem terem nada na cabeça, mas os pensamentos das pessoas pensantes são fáceis de ler. O simples facto de estar perto delas trai frequentemente os seus segredos mais íntimos. A bola de cristal que utilizo é, de certa forma, uma extensão desta capacidade telepática. A bola não é em si um poder, mas um ponto de concentração — um instrumento. Quando peço a alguém que olhe para ela e se concentre, sou capaz de ver não só os seus pensamentos mais íntimos, mas também de me tornar consciente do que se passa nas suas mentes subconscientes e dos seus planos e esperanças pessoais. Vejo coisas que lá estão há anos sem que eles o saibam.

Os sonhos são ainda outra via. Tanto o Antigo como o Novo Testamento falam de sonhos. O mesmo faz a história e o mesmo faz a literatura. Em Números 12:6, o Antigo Testamento diz-nos:

“E Ele disse: Ouvi agora as minhas palavras: Se entre vós houver profeta, Eu, o Senhor, em visão a ele Me farei conhecer, e em sonhos falarei com ele.” No Novo Testamento lemos: *“E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho. E, tendo-se eles retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.”*

Há muitos anos, quando a Basílica de São João de Latrão era a sede da Igreja de Roma, o Papa Inocêncio III sonhou que via um homenzinho a apoiar-se contra São João de Latrão, que se inclinava para um lado. Interpretando isto como significando que a estrutura da igreja estava a enfraquecer, ele questionou-se longa e frequentemente sobre a identidade deste estranho homenzinho. No devido tempo, São Francisco e os seus primeiros seguidores procuraram uma audiência com o Papa.

O Papa Inocêncio, reconhecendo-o imediatamente como o homenzinho que lhe tinha aparecido no sonho, ouviu atentamente tudo o que ele tinha a dizer e pôs em marcha muitas das ideias defendidas por São Francisco. Foi por causa dos sonhos que Sigmund Freud, o médico e psicólogo austríaco, fundou a sua famosa escola de psicanálise.

Nas minhas próprias experiências, Deus revela-me frequentemente coisas quando estou no limiar do despertar de um sono profundo. Embora

haja pouca ou nenhuma dúvida de que os sonhos revelam por vezes os nossos pensamentos mais íntimos, as complexidades e emoções das nossas vidas quotidianas tornam frequentemente imprudente tentarmos analisar os nossos sonhos, a menos que saibamos interpretá-los. No meu caso, Deus usa frequentemente sonhos para me alertar para eventos vindouros, ou para me dar orientação especial neste método de comunicação mais antigo entre Deus e o homem.

Ao dormir, a sua mente consciente está em repouso e a mente subconsciente está muito vulnerável a tudo o que chega ao alcance mental. Pode ser o espírito do Senhor que quer comunicar consigo, ou o diabo que quer seduzi-lo, usando o meio da mente inconsciente. Acredito firmemente que a mente subconsciente assumirá o controlo e continuará a trabalhar no canal que utiliza durante as suas horas de vigília. Por outras palavras, se a mente consciente opera num canal pecaminoso, o subconsciente permanecerá nesse canal, abrindo a mente para a influência de Satanás.

É por isso que é tão importante manter o seu canal sintonizado diretamente com o Criador durante as suas horas de vigília. Quando o fim do dia se aproximar, faça um inventário dos seus pensamentos e peça perdão a Deus, fechando assim a porta à influência de Satanás na sua mente subconsciente. Pode estar descansado de que Deus não permitirá que Satanás use o canal que reservou para contacto exclusivo com Ele.

Para mim, uma revelação é a mão de Deus a pousar sobre mim, revelando o que vai acontecer, e é uma experiência completamente diferente. Uma revelação é algo especial. Por vezes, dois, três ou até quatro anos podem passar sem que Deus me conceda uma revelação e, depois, uma manhã, acordo e sinto-me maravilhosamente bem. Sinto-me inspirada e sei que algo de grande vai acontecer. Sinto-me como se estivesse mergulhada em amor e sinto vontade de abraçar a própria vida e dizer: “Oh, Deus, é maravilhoso estar viva!”. Sinto-me inspirada e o dia inteiro parece ser diferente. Ninguém me consegue envolver numa discussão e nenhum problema parece demasiado grande para ser resolvido. Quando vou para casa à noite, tenho aquela leveza no andar que normalmente não tenho, e no dia seguinte este sentimento de grandeza e paz multiplica-se.

No terceiro dia torna-se tão grande como uma montanha e, depois, na noite do terceiro dia, sei que Deus usou estes três dias para me preparar para a Sua mensagem, pois uma revelação segue-se sempre no quarto dia. Em algum momento desse dia, Deus revelar-me-á a Sua sabedoria e mostrar-me-á a Sua vontade para uma dada situação. Todas as minhas

revelações tratam de situações internacionais. Nunca são destinadas a uma pessoa como indivíduo.

Durante o resto do quarto dia, após uma revelação me ter sido dada, o meu amor pela humanidade é tão grande que sinto vontade de tocar nas pessoas para as deixar partilhar isso e deixá-las sentir quão grande e maravilhoso é realmente o amor de Deus. Acreditem, esta é uma experiência que o dinheiro não pode comprar. É uma experiência que acontece apenas depois de se ter sido preparado pelo Senhor para uma revelação. O que quer que Deus revele nestas revelações tem de acontecer.

Estes não são planos feitos pelo homem; ou são a vontade de Deus ou Deus permite que aconteçam. No caso do assassinato do Presidente John Kennedy, o conhecimento da sua morte veio-me numa revelação e não houve nada que eu pudesse fazer para impedir o assassinio. Só Deus é suficientemente grande para tirar o bem daquilo que, às vezes, nos parece trágico e mau. Aqueles que acreditam no poder e na bondade de Deus aceitam a Sua vontade. A vontade da humanidade não pode mudar a vontade de Deus.

As mortes do Dr. Martin Luther King, Jr., e do Senador Robert F. Kennedy foram-me dadas através de telepatia, não através de uma revelação, e não teriam de ter ocorrido se os eventos em torno destas duas pessoas tivessem sido alterados. Após uma revelação me ter sido dada no quarto dia, o grande amor de Deus ainda me rodeia e permanece comigo por mais três dias — por um período de sete dias no total — e depois, no oitavo dia, tudo termina.

Às vezes, depois de uma revelação, penso: “Oh, será que algum dia será possível recriar estes gloriosos sete dias?”. Mas sei que um pensamento como este é em vão, pois Deus colocou aquele sentimento maravilhoso como um escudo protetor à minha volta para me preparar para a vinda da revelação, e nada do que eu faça alguma vez o trará de volta.

Durante estes sete dias torno-me tão sensível e recetiva que sintonizo sinais de pessoas de quem nunca ouvi falar e recebo informações que não sabia que existiam. A mais pequena onda cerebral humana torna-se um farol poderoso e eu sei, sem querer, o que as pessoas à minha volta estão a pensar; mas sei também que posso afetar os seus padrões de pensamento tocando nelas e, ao fazê-lo, trazer um pouco do amor de Deus para as suas vidas.

Não é algo que seja meu que lhes transmito; é antes um dom especial que o Senhor lhes transmite através de mim. Sei que Ele é Amor. Trabalho arduamente e tento basear toda a minha vida em trazer esta percepção àqueles com quem entro em contacto. Tento, mas nem sempre consigo. Vivo cada dia com a esperança de fazer melhor... com a ajuda de Deus.

4

O Futuro Que Já Aconteceu

As raras e belas experiências de revelação divina são momentos de dons especiais. Cada um de nós, no entanto, vive cada dia com dons especiais que fazem parte do nosso próprio ser, e a vida é um processo de descobrir e desenvolver estes dons dados por Deus dentro de cada um de nós. Foram-me dados certos dons psíquicos que tenho vindo a desenvolver e a usar de acordo com a vontade de Deus, conforme sou capaz de compreender a Sua vontade — o Seu propósito para a minha vida.

Há muitas formas através das quais descobri e consegui gradualmente, ao longo dos anos, desenvolver a minha capacidade, o meu talento para perceber as capacidades e o potencial no talento dos outros, para receber os pensamentos e planos feitos pelo homem de outros e, por vezes, para “ver” o resultado de certos eventos criados pelo homem.

Uma das minhas primeiras experiências esteve ligada a uma bola de cristal. Ocorreu quando, aos oito anos de idade, fiz uma “leitura” para Elinor Glyn, enquanto ela estava na Califórnia para a filmagem do seu famoso *Three Weeks*.

“Vejo-a,” disse-lhe eu, “a escrever à luz da lua... vejo-a a reunir palavras e a equilibrá-las delicadamente antes de as usar... essa é a altura em que tem a sua maior inspiração, não é verdade?”

Ela olhou para cima e assentiu. Agarrou a minha mão e segurou-a com força e, por um momento fugaz, estivemos muito, muito próximas. Lembro-me de pensar como Elinor Glyn era realmente bonita e senti uma profunda simpatia por ela. Não foi a sua fama que me atraiu, mas o seu rosto e personalidade.

Creio que sempre gravitei em direção a pessoas mais velhas. Recordo com carinho os meus primeiros anos quando, assim que ouvia visitantes lá em baixo, saltava da cama e espreitava ao canto com a minha roupa de noite. Quando os meus pais recebiam visitas, era-me permitido sair da cama — não que eles o encorajassem; toleravam-no. Muitas vezes corria para baixo e saltava para o joelho do meu pai. Sentada ali, segura e protegida dentro do calor protetor dos seus braços, contava aos amigos dos meus pais tudo sobre eles próprios.

Eles adoravam, claro, mas se compreendiam a minha missão na vida é algo que nunca saberei. Talvez tenha crescido demasiado depressa nesses primeiros anos. Nunca brinquei com bonecas; aliás, nem sequer sentia a falta delas! Sei que algumas raparigas se sentiriam privadas se não tivessem bonecas para brincar, mas eu não me sentia nada assim. Para mim, a parte mais fascinante da vida era o futuro.

Tive aquela bola de cristal durante muitos anos até uma noite em que regressei ao nosso apartamento em Washington e percebi, ao começar a abrir a porta, que alguém o tinha assaltado durante a minha ausência. Percorri divisão por divisão. Os armários tinham sido revistados, as gavetas tinham sido viradas ao contrário, mas nada parecia faltar até eu procurar a bola de cristal. Foi o único item roubado naquela noite. A bola que tenho agora foi-me dada em sinal de apreço por uma mulher que me conhecera anos antes do roubo. Eu não estava nada entusiasmada com a ideia de a conhecer, mas a minha amiga, *Lady Bumgardner*, insistiu para que eu a visse.

“Faz-me um favor, Jeane querida. Por favor, tenta arranjar uns momentos para a ouvir.” *Lady*, para mim, é uma santa na terra... não lhe pude recusar.

Mas era um daqueles dias frenéticos em que tudo parecia exigir a minha atenção e eu simplesmente não a podia ver nessa altura. Disse-o à *Lady*. A insistência da amiga dela, porém, foi mais forte do que as minhas objeções e, quando o meu secretário entrou no escritório na manhã seguinte dizendo-me que uma amiga próxima de *Lady Bumgardner* gostaria de me ver por um momento, tive de ceder. Tento ser sensível aos problemas das pessoas, não importa como ou quando chegam até mim e, quando a cumprimentei e toquei nos seus dedos, soube que ela estava extremamente perturbada. Imaginem os vossos dedos tendo sido lixados até ao nervo vivo; isso faz-nos sentir as mais pequenas coisas, até um grão de pó. Foi dessa forma que senti os problemas dela.

A bola de cristal estava no meu escritório naquele dia e ofereci-me para a usar para analisar os problemas dela. Agora, quero enfatizar que, quando uso uma bola de cristal, muito do que observo me é transmitido através de telepatia, por isso, na realidade, poder-se-ia dizer que tudo o que faço é captar pensamentos e vibrações do indivíduo que está comigo. A bola serve como um meio de concentração. Em poucos minutos, soube que esta mulher planeava ir para a Europa e divorciar-se do marido.

“Não se divorcie,” implorei-lhe. “A sua vida significa demasiado para dar um passo desses. Fique com o seu marido, pois dentro de seis meses toda a sua vida mudará. Imaginar-se-á a viver noutro mundo em breve — a mudança será assim tão grande!”

Ela adiou o divórcio e eu quase tinha esquecido todo o assunto quando, dois dias antes do fim do período de seis meses, ela me ligou da *Union Station* de Washington, informando-me que o marido tinha morrido e que ela estava a levar o corpo para Cleveland para o sepultamento.

“Por favor, deixe-me vê-la mais uma vez,” implorou ela. “Há tanto de que lhe quero falar...” Quando nos encontrámos, ela não esperou um momento para me dizer o que lhe ia na alma. “Desta vez não vou voltar para casa,” desabafou ela.

“Não me dou bem com a minha cunhada, e a herança do meu marido é mais do que suficiente para me manter livre de preocupações por muitos anos.” Subitamente ocorreu-me — a resposta de que ela precisava. “Volte — a sua cunhada não está bem. Volte e cuide dela. Ela precisa de si.”

Teria sido compaixão? Nunca saberei, mas por qualquer razão ela voltou para casa. A sua cunhada morreu dois meses depois, recompensando-a pela sua dedicação com uma herança considerável. Relato isto porque, quando a minha bola de cristal foi roubada, foi esta mulher que me ligou e perguntou se eu lhe permitiria arranjar outra para mim. Ela encarregou um agente de organizar uma busca por todo o mundo, tentando encontrar uma bola de cristal que pelo menos se igualasse à que eu tinha acabado de perder.

O Natal é sempre um tempo de felicidade e meditação, e o Natal de 1962 não foi exceção. Eu estava a passar parte da época festiva com ela na sua *villa* em Roma quando ela recebeu a notícia de que uma bola de cristal que correspondia às minhas especificações tinha sido encontrada.

“Um joalheiro belga tem uma e afirma que possui um grande poder magnético e diz que pertenceu outrora a um nobre belga. Ele quer enviá-la

imediatamente. Gostaria que ele o fizesse?” “Claro!” Uma condessa chegou cedo na manhã seguinte com a bola de cristal. Era perfeita.

Não uso a bola de cristal com muita frequência, mas cada vez que a uso pareço “ver” algo dramaticamente significativo. Este foi o caso quando, em maio de 1965, me concentrei na Europa e fiquei sobressaltada ao ver dois objetos obviamente de origem russa, um dos quais ostentava as estranhas iniciais MIRV, orbitando a terra num caminho que parecia uma cintura azul.

O significado do outro não me foi revelado até ao Natal de 1966. Era um veículo de testes múltiplos, testando um sistema de propulsão que utilizava raios cósmicos e forças magnéticas. Vi estas forças a atraírem-se e a repelirem-se de uma forma que as aproveitaria para conduzir uma nave espacial para o espaço sideral. Os russos estão muito à nossa frente neste campo e temos de recuperar o atraso ou seremos deixados para trás nas viagens interplanetárias. Sei agora por que razão a importância do MIRV me foi mostrada antes de o veículo de testes ser revelado, porque o MIRV era e continua a ser uma ameaça imediata à nossa sobrevivência.

“Parece um submarino que dispara mísseis atômicos,” recordo-me de descrever para mim mesma — depois percebi que era um transportador de mísseis em órbita terrestre, capaz de disparar mísseis atômicos através dos seus tubos semelhantes a torpedos. Olhei novamente e notei sistemas de orientação eletrônicos separados em cada um dos mísseis, permitindo-lhes procurar o seu próprio alvo.

Há mais de dois anos, avisei a Administração desta ameaça. Infelizmente, o nosso Secretário da Defesa não respondeu. No entanto, se o Departamento de Defesa tivesse reservado tempo para inserir a probabilidade de tal desenvolvimento no cérebro mecânico calculador do computador, poderíamos estar agora à frente dos russos em vez de estarmos freneticamente a tentar “recuperar o atraso”. Em 1965 descrevi o MIRV como um “submarino do céu” devido à sua semelhança com um submarino disparador de mísseis.

O Dr. John S. Foster, Diretor de Investigação e Engenharia de Defesa em Dallas, descreveu-o como um “autocarro espacial” num discurso proferido dois anos mais tarde, a 13 de dezembro de 1967. Em 1965, avisei que nove das nossas grandes cidades do leste estavam em perigo. Ogivas são colocadas nos satélites russos MIRV em múltiplos de três. O primeiro continha nove ogivas — destinadas a nove cidades... Em 7 de outubro de 1967, perante a Câmara de Comércio de Norfolk, Virgínia, aponte que “até

1 de junho de 1967, eu não sabia o que significavam as letras MIRV. Apenas sabia que significava perigo para nós.”

A edição de junho da revista *Fortune* publicou um artigo intitulado “*The Shifting Equation of Nuclear Defense*” de Richard J. Whalen. Neste artigo, o Sr. Whalen discutia o valor dos MIRVs. Mais tarde, nesse mesmo ano, o Sr. Robert McNamara, o nosso então Secretário da Defesa, admitiu na véspera do quinquagésimo aniversário da Revolução Russa que a U.R.S.S. estava agora a produzir um MIRV... isto, dois anos e meio após o meu aviso inicial!

(A história da revista *Fortune* também tocou noutra das minhas previsões. Em 1963, ao aparecer no programa *Tonight* de Johnny Carson, avisei que “uma explosão sobre as nossas cabeças poderia e iria apagar algumas das luzes e neutralizaria as nossas comunicações.” Dois anos depois, ocorreu o grande apagão da Nova Inglaterra e, pela primeira vez, o estúdio de Johnny Carson ficou paralisado — as luzes apagaram-se!)

Os soviéticos têm mísseis defensivos “criando explosões de energia semelhantes ao sol e dispersando enormes impulsos de radiação térmica no quase vácuo do espaço,” relatou a *Fortune*, e continuando o seu comentário sobre o programa de testes russo, o Sr. Whalen prosseguiu afirmando que “os testes soviéticos tinham sido claramente planeados com anos de antecedência.

Entre os seus setenta e um disparos estavam testes de prova, testes de sistemas de armas, efeitos e testes com mísseis e radares. Os russos, obviamente alargando a sua tecnologia de mísseis antibalísticos, em duas ocasiões durante os testes lançaram um ICBM, intercetaram-no com uma explosão nuclear e depois dispararam um segundo míssil, presumivelmente para determinar se a sua ogiva era afetada pela radiação resultante da explosão anterior. Também estudaram os efeitos de apagão das explosões no seu radar.” Vi este teste há anos e esta foi a razão pela qual avisei contra o Tratado de Proibição de Testes. O Sr. Whalen estava correto no seu artigo, mas omitiu um detalhe importante. Vi três grandes mísseis disparados em sequência. Os dois primeiros estavam a 200 milhas de distância, o terceiro, 500 milhas atrás do segundo. O primeiro míssil rebentou numa explosão atômica. O segundo passou através da nuvem em cogumelo... depois um míssil de interceção subiu do solo para destruir o terceiro míssil. O primeiro foi um teste preliminar.

Quando as correções foram feitas e, como explicado pelos cientistas, “os circuitos foram ‘endurecidos’ contra a radiação e a fissão,” os

soviéticos tentaram um segundo teste muito semelhante ao primeiro. Este foi altamente bem-sucedido e, como resultado direto deste programa de testes bem planejado, prosseguiram sem demora com a construção da sua defesa de mísseis antibalísticos.

Sabendo o que estava a acontecer na União Soviética, liguei para dois senadores poderosos durante o verão de 1967 e implorei-lhes que não ratificassem o “Tratado Consular” com a Rússia baseando-se no aviso da Administração de que precisávamos de observadores no “corredor de Tallinn”. Eu não sabia nessa altura o que era o “corredor de Tallinn”, mas tanto os generais Bernard Schriever como Curtis LeMay declararam desde então que as instalações do tipo Tallinn são mísseis e mísseis antibalísticos capazes de produzir raios X libertados por explosões nucleares de ultra-alta energia.

Estes raios X “pulsados” podem causar reações violentas dentro da estrutura molecular dos materiais e podem destruir ou neutralizar mísseis nucleares de ataque. Em 1965, a Administração não reservaria tempo para investigar seriamente os meus avisos. Depois de ter feito uma pesquisa extensa sobre este assunto, o Sr. Whalen admitiu no mesmo artigo da revista *Fortune* que “os E.U.A. levam a ameaça dos raios X das defesas ABM soviéticas suficientemente a sério para estarem envolvidos em modificações dispendiosas de mísseis cujos componentes são vulneráveis. Por exemplo, os fios de ouro fino (que absorvem prontamente os raios X) estão a ser substituídos nos circuitos do computador de orientação do Minuteman II, e a mudança está a ser incorporada no design do Poseidon e do Minuteman III. Como os revestimentos refletos usados para proteger o nariz de um míssil do calor da reentrada são ineficazes contra os raios X térmicos, novas técnicas de endurecimento e materiais de blindagem estão a ser procurados.”

No entanto, até testarmos realmente contra uma super bomba de 100 megatonas, como os soviéticos fizeram, não teremos a certeza. Além disso, tem de se encontrar um substituto para os pontos de contacto de ouro numa ogiva atômica porque, numa imagem mental, uma visão psíquica, vi clarões a atravessar os pontos de ouro, neutralizando a bomba. Deveríamos começar imediatamente com um programa de emergência para explorar o poder a ser encontrado nos raios cósmicos e nas forças magnéticas.

Se falharmos nisto, poderemos ainda perder a nossa liderança na exploração espacial. Ao relatar o que vejo psiquicamente, sou, como devo ser, tão impessoal quanto possível. Frequentemente não tenho a mínima

compreensão do que vejo; no entanto, os fragmentos encaixam-se quando os eventos previstos se concretizam. É como observar o mostrador de um relógio. Consigo ver os ponteiros moverem-se, mas não conheço o funcionamento do mecanismo por trás deles. No caso de uma profecia, porém, há um poder divino a trabalhar. Deixem-me dizer isto: não tenho nenhum pacto com Deus para que Ele me mostre tudo — mas estou eternamente grata pelo que Ele me permitiu ver.

Quando as pessoas me pedem para descrever o meu dom, fico sem palavras. Podiam muito bem pedir-me para descrever o amor ou a eletricidade; por vezes recebo as coisas de forma tão fugaz que, concentrada em compreender o que estou a ver, falho na concentração nos pormenores. Consequentemente, a menos que tenha alguém ao meu lado a quem possa descrever a minha visão e os vários detalhes, muito disso pode perder-se. O meu conhecimento sobre os programas de testes russos, por exemplo, não me veio numa revelação, mas numa visão psíquica — muito possivelmente através de transferência de pensamento. Por vezes torno-me tão ultrassensível que muitos canais de comunicação parecem abrir-se todos ao mesmo tempo, expondo planos feitos pelo homem até então secretos.

Uma experiência típica começou a ganhar forma quando conheci Jean Stout, esposa de um comandante reformado da Marinha que, naquela altura (setembro de 1965), se tinha tornado Chefe de Operações de Missão do Gabinete de Voos Espaciais Tripulados. Nesta função, ele estava diretamente envolvido no programa espacial Apollo. Jean Stout e eu conhecemo-nos no nosso escritório imobiliário em Washington, mas o que começou como uma reunião de negócios depressa se transformou numa partilha de interesses mútuos.

Os negócios passaram para segundo plano enquanto explorávamos as personalidades uma da outra. Ambas gostámos do que vimos, pois a nossa amizade continuou a crescer desde então. Foi durante um compromisso como oradora em Cleveland, em setembro de 1965, que fiz uma chamada telefónica para Jean Stout porque uma série bastante intrigante do que pareciam ser termos altamente técnicos que lidavam com o voo espacial me tinha acabado de surgir. A minha primeira impressão foi:

“Estes destinam-se ao Fred Stout,” e disse isto à Jean. “Por favor, escreve o que te vou dizer,” disse-lhe eu. “As palavras e imagens que vou descrever não fazem sentido algum para mim, mas vou dar-tas tal e qual como as recebi. Tenho a certeza de que são de grande importância para o

teu marido e senti que tinha mesmo de te ligar! Diz ao teu marido que ele estará envolvido na seleção da ‘janela’ para os primeiros disparos lunares tripulados. Não fiques muito entusiasmada com isto ainda, pois falta pelo menos três anos. Ele poderá, no entanto, estar interessado em saber que o vejo a observar — ao longo de um intervalo de oitenta e três horas — o que parece ser uma unidade composta por dois televisores. Há também uma espécie de disposição de calha, parecida com um triângulo incandescente, que se move para cima e para baixo. Diz ao Fred. Ele vai querer saber isto!”

Fred Stout ficou atónito quando Jean o confrontou com a informação mais tarde nesse dia. “Isto é incrível,” respondeu o sobressaltado comandante da Marinha.

“Isto é simplesmente estranho. Como é que ela pode saber sobre isto?” “O que é esta ‘janela’ a que Jeane Dixon se referiu?” perguntou Jean Stout. “É um termo comumente usado na terminologia espacial para descrever o período de tempo durante o qual podemos lançar uma nave espacial.

Determinar a ‘janela’ envolve levar muitos fatores em consideração. Alguns destes são a rotação da terra, os tempos e áreas de lançamento e recuperação e luz do dia suficiente na área de lançamento para permitir a descarga de combustível no caso de uma anulação. No caso de um disparo lunar direto, a ‘janela’ torna-se ainda mais intrincada, uma vez que teremos de considerar as condições nas áreas de destino, bem como as da terra.” “E quanto à ‘calha’ e aos dois televisores?” perguntou Jean.

“Essa é uma descrição bastante precisa do padrão de reentrada de uma cápsula espacial,” continuou ele. “A coisa que parece um triângulo brilhante significa o módulo que deve seguir a calha inclinada ao regressar à nossa atmosfera, caso contrário ou arde devido a uma velocidade de reentrada demasiado grande ou fica fora de controlo devido à falta de velocidade. Embora o movimento real da cápsula dentro do triângulo seja, obviamente, manuseado pelos próprios astronautas, todo o processo de reentrada é controlado por um homem em frente a uma consola, equipada com dois ecrãs de televisão...”

Durante muitos meses depois disso, Jean Stout e eu mantivemo-nos em contacto estreito. Eu ansiava sempre por vê-la e desfrutava dos nossos tempos juntas. A sua mente brilhante e o seu dom de memória total foram sempre uma fonte de inspiração e fascínio para mim. Mas não houve nada de agradável ou inspirador no que aconteceu quando almoçámos juntas no

Hotel Mayflower em Washington, a 20 de dezembro de 1966, quando Jean me pediu para meditar sobre o futuro do programa espacial.

“Estou interessada no programa Apollo. Como é que parece?” Estendi-lhe a mão. “Tens algo na tua mala que tem a ver com o Apollo,” respondi. “Posso dar uma vista de olhos?” Jean abriu a mala. “É isto?” questionou ela enquanto me mostrava um bloco de notas onde estava um selo autocolante do Apollo. “Não. É algo cúbico...”

Jean ficou perplexa mas, procurando melhor, encontrou um pequeno cubo de plástico dourado que continha um alfinete de gravata do Apollo que o Fred tinha trazido consigo de Cabo Kennedy.

“É isto?” Assenti. “Mas como raio podias saber que eu tinha aquela coisa?” exclamou ela, um pouco intrigada. “O Fred recebeu-o apenas ontem e deixou-o cair na minha mala enquanto vínhamos de carro esta manhã...”

Não respondi mas, em vez disso, retirei a tampa do pequeno módulo e espreitei para dentro. Ali estavam eles — três astronautas em miniatura, recostados nos seus assentos. Olhei fixamente para eles e senti uma súbita onda de piedade envolver-me. Jean comentou mais tarde que notou uma mudança tremenda em mim — como se eu tivesse subitamente descoberto a morte no Paraíso. “Jean,” disse eu baixinho, “há morte neste programa...” O horror encheu-me enquanto observava o que se desenrolava perante os meus olhos. “Jean, vai haver perda de vidas neste módulo antes do final de janeiro. Três homens morrerão na cápsula, mas não necessariamente em voo. O que vai acontecer, acontecerá devido a negligência. Pode ser evitado se a cablagem for verificada e verificada novamente e cuidadosamente examinada. Não há nada, no entanto, que o teu marido possa fazer a esse respeito.

Há também algo estranho no chão daquela cápsula,” continuei. “Parece tão fino que quase se assemelha a folha de alumínio. Receio que uma ferramenta deixada cair sobre ele ou um calcanhar pressionado firmemente contra ele passasse logo através dele. E debaixo do chão” — por um momento parei, procurando as palavras certas — “debaixo do chão vejo um grande emaranhado de fios...” Observei mais de perto a cápsula. “Vejo uma terrível catástrofe de fogo... e isso causará a morte dos astronautas... sinto as suas almas a deixarem a cápsula em chamas em sopros de fumo...”

Ambas ficámos abaladas e, quando Jean Stout voltou a colocar a cápsula com os três homenzinhos na mala, foi como se ela estivesse a pôr os homens a descansar com reverência. Partimos calmamente, cada uma com os seus próprios pensamentos sobre o desastre iminente. Como Fred Stout tinha voado de regresso a Cabo Kennedy, Jean tinha combinado encontrar-se com dois amigos e ir para casa com eles. Discutindo o que eu lhe tinha dito, eles aconselharam a Jean a não contar ao marido, uma vez que ele não levaria o assunto a sério de qualquer maneira.

No entanto, quando Fred chegou ao aeroporto pouco antes das férias de Natal, Jean contou-lhe de qualquer modo e a resposta dele foi exatamente o que ela esperava.

“Tu tens mesmo uma coleção de amigos espantosos, querida,” observou ele humoristicamente. “Não vamos ter um voo tão cedo, por isso é melhor esqueceres a previsão dela.” “Mas a Jeane Dixon não disse que aconteceria em voo,” enfatizou ela. “Ela disse apenas que aconteceria! E há outra coisa que te quero dizer também — a Jeane disse algo sobre o chão da cápsula espacial, algo sobre ser muito parecido com folha de alumínio e que um homem podia quase enfiar o pé através dele...”

Fred registou uma surpresa nítida e, após uma pausa intrigada, fez algum comentário em voz baixa sobre alguns designs espaciais serem diferentes — muito diferentes.

Depois, no mês seguinte, a 27 de janeiro de 1967, aconteceu! Um incêndio incontrollável carbonizou três promissores jovens astronautas além de qualquer reconhecimento enquanto testavam a cápsula Apollo em Cabo Kennedy, deixando uma América atónita em estado de choque. Liguei para a Jean na manhã seguinte à tragédia e disse-lhe para dizer ao Fred que ele deveria pedir a alguém que examinasse a cablagem da cápsula assim que ela tivesse arrefecido o suficiente, e que ele descobriria que ela pareceria estar toda errada.

Mais tarde, nesse mesmo dia, liguei novamente e disse que tinha uma forte impressão de que algo como uma chave de fendas ou uma chave de porcas seria encontrado no local do problema. Eu não percebo a ponta de um corno sobre as complexidades dos circuitos eletrónicos, mas poderia ter desenhado um diagrama do sistema de cablagem da cápsula se mo tivessem pedido, pois por esta altura já conhecia o interior da cápsula tão bem como os designers. Meses depois, o relatório oficial final divulgado ao público foi apoiado por uma fotografia de uma ferramenta amontoada num emaranhado de fios...

Após a tragédia, Jean Stout deixou algumas fotografias comigo que se referiam aos astronautas e ao programa Apollo. Ela sentiu, disse ela, que o meu marido poderia gostar de as ver. Como se verificou, elas permitiram-me visualizar os astronautas nos seus assentos e onde foram encontrados depois de o incêndio ter sido extinto.

Nas minhas visões psíquicas, vejo frequentemente palavras e termos que não só me são completamente desconhecidos, como parecem ter um significado único para o programa ou ocasião a que se destinavam. No caso do Apollo, as palavras “*window*” (janela), “*zero gravity environment*” (ambiente de gravidade zero) e “*vox*” chegaram até mim com uma clareza excecional. Não significavam muito para mim, no entanto são familiares para todos os que trabalham no programa espacial. Desde então, Fred Stout disse-me que “*vox*” é um tipo de sistema de comunicação usado no programa Apollo, mas que tem sido muito problemático.

Nem sempre acontece desta forma. Por vezes, um grande número de palavras perde-se antes de eu ter a oportunidade de as usar devido, suponho, à minha falta de familiaridade com elas e à minha incapacidade de as traduzir para a linguagem quotidiana. Para a completa mistificação de muitos especialistas em línguas, eu frequentemente “recebo” palavras, dados e descrições muito superiores e muito mais precisos do que quaisquer termos ou frases de uso comum, palavras geralmente apenas conhecidas por uma elite académica.

Um aspeto significativo da previsão relativa ao programa Apollo foi que o acidente estava especificamente marcado para ocorrer “*antes do fim de janeiro*”; toda a experiência psíquica foi uma surpresa completa para mim — certamente não foi algo que eu tivesse introduzido num almoço pré-natalício. A informação que recebi foi minuciosamente detalhada, tanto verbal como pictoricamente. A cada um de nós Deus dá dons e talentos particulares. Ele deu-me o dom da percepção psíquica que me permite “ver” padrões em vidas individuais e detetar alguns planos humanos de homens e nações. Por vezes, Ele abençoou-me com a experiência de ser um canal através do qual revelou uma parte do Seu Plano Divino.

O que se segue é um registo do que percebi através de visões psíquicas relativas aos assuntos dos homens e das nações.

Para muitas pessoas, os motins raciais são um desenvolvimento algo inesperado dos últimos anos. “*As condições sociais não estavam maduras para eles até agora,*” dizem. Porque foram criados pelo homem, estes motins e condições poderiam ter sido evitados. A minha primeira visão desta sombra escura, que está a cobrir a maior parte dos Estados Unidos hoje, surgiu quando, em criança, estava em oração na Catedral do Sagrado Coração, no famoso *Sunset Boulevard* de Hollywood.

Enquanto meditava, recebi uma visão de pessoas negras a caminhar sobre os telhados dos nossos edifícios governamentais, simbolizando, claro, um desrespeito por parte de alguns pela autoridade estabelecida. Mas também as vi a receberem cargos de importância muito antes de estarem prontas para eles, por parte daqueles que tentavam servir os seus próprios propósitos egoístas.

Foi em 1948, quando eu procurava algo muito distante de qualquer coisa que remotamente se assemelhasse a motins descontrolados e buscava ajuda para alguém com quem tinha almoçado nesse dia, que subitamente a bola de cristal se encheu de tumulto. Vi polícias com capacetes e soldados fortemente armados a conduzir e a arrastar homens carrancudos e beligerantes através de multidões furiosas.

Vi homens feridos a sangrar nas ruas, e o ar da noite estava cheio do grito das sirenes dos carros da polícia, ambulâncias e carros de bombeiros. Homens e mulheres, cheios de ganância, partiam janelas e saqueavam lojas enquanto a polícia e os soldados observavam.

As chamas e a violência espalharam-se como um fungo incontrollável por toda a nação. Vi Washington em chamas... Ali mesmo soube que estes motins, instigados pelos génios organizacionais da U.R.S.S. trabalhando nos bastidores, continuariam em 1968 e para além disso.

Avisei a nação repetidamente sobre isso e contei a Madeline Maloney, uma amiga próxima do Presidente e da Sra. Truman, a esse respeito, mas os meus avisos foram ignorados. Se os meus avisos tivessem sido levados a sério naquela altura, 1968 não teria ficado nas páginas da história dos E.U.A. como o ano sangrento que acabou por ser. No futuro, os motins não se limitarão aos Estados Unidos, mas rebentarão por todo o mundo.

Comecei o ano de 1968 cheia de boas intenções, e uma das minhas primeiras boas ações foi ligar para Jean e Fred Stout para lhes desejar um bom e próspero ano novo. “E já agora,” comentei quase no fim da nossa conversa, “o Presidente Johnson retirar-se-á da corrida presidencial.” “Por

razões de saúde?” questionou Jean. “Não,” respondi. “A saúde dele é boa, mas ele vai simplesmente desistir!” Jean deve ter refletido seriamente sobre o assunto e discutido com muitos dos seus amigos que a visitaram nesse dia, pois ligou-me logo cedo na manhã seguinte. “Desta vez excedeste-te mesmo.” Ela sorriu. “Muitos dos meus amigos estão dispostos a acreditar em algumas das tuas previsões, mas esta está a ir um pouco longe demais. Não se mata o Pai Natal.”

Se o Presidente Johnson era ou não um “Pai Natal” que criou demasiados programas de ajuda é algo que só pode ser decidido pelos juízes imparciais da história. A 31 de março, eu estava em casa a tentar tratar os efeitos de um mau caso de sinusite quando, por volta das dez para as nove da noite, o meu telefone tocou. Era Jean Stout.

“Ainda manténs a tua previsão de que o Presidente se retirará da próxima corrida?” perguntou ela. “O meu marido ainda acha que esta é a tua previsão mais disparatada até à data.” “Sim,” disse-lhe eu, “e mais ainda, ele anunciá-lo-á no programa ‘especial’ da Casa Branca que vai começar dentro dos próximos dez minutos. Suponho que, como boa americana, deveria ir lá abaixo ouvi-lo, mas ele vai anunciar que se retira da corrida e eu já sei disso. Houve alturas durante os últimos dois meses em que estive menos certa disso, mas ele tomou a sua decisão final. É definitivo agora.”

Pouco tempo depois, o meu telefone tocou novamente. “Tinhas razão, Jeane. O Presidente anunciou mesmo que não voltará a ser candidato à Presidência. Como raio soubeste?” “Chama-lhe ‘telepatia’, chama-lhe ‘transferência de pensamento’ se quiseres. Soube-o porque estava sintonizada no canal do Presidente e ‘li’ o conflito que se desenrolava dentro dele.”

Muitas pessoas não acreditaram em mim quando, na altura da tomada de posse de Kennedy, previ que Jacqueline Kennedy não só acrescentaria muito glamour e muitas estrelas à coroa do marido, como acabaria por perder algumas estrelas na sua própria coroa. “Impossível,” comentaram muitos dos meus amigos quando lhes contei. “Ela é uma senhora demasiado grandiosa para isso.” Outra amiga, Rose Dickens, sentia o mesmo. “Como poderia alguém tão doce e adorável como Jacqueline Kennedy manchar a sua coroa?” perguntou ela.

Eu também me perguntava. Fiquei fascinada quando a Sra. Kennedy redecorou a Casa Branca e demonstrou um interesse invulgar em restaurar a mansão presidencial ao seu atual esplendor. Ela encheu a Casa Branca

com uma elegância renovada — e tanto amigos como inimigos a admiraram por isso. A sua dignidade, o seu porte real e a sua disciplina inspiradora durante os dias de luto que se seguiram ao assassinato do marido levaram o Presidente da França, Charles de Gaulle, a dizer: “Ela deu um exemplo ao mundo inteiro de como se comportar.”

Se algo estava a acontecer à sua coroa, era precisamente o oposto do que eu tinha previsto, mas quando, pouco tempo após a morte do Presidente, Jacqueline e a sua irmã, a Princesa Lee Radziwill, apareceram em público com Marlon Brando, muitas pessoas que sabiam da minha previsão contactaram-me. “Será este o erro dela?” perguntaram. “Isto vai afetar a sua ‘coroa’?” Os meus constantes desmentidos tornaram-se quase monótonos. “Não, não é isto,” continuava a dizer-lhes e, “Não, o erro dela virá depois de se ter mudado para Nova Iorque.”

“E quanto à casa grande que ela acabou de comprar em Georgetown?” perguntaram-me. “Isso não indica que ela vai permanecer aqui?” “A reputação dela sofrerá como resultado de algo que tem a ver com um livro,” respondi finalmente, não tendo a mínima premonição de como um livro se tornaria envolvido nisto.

Eu não tinha ouvido falar de quaisquer livros específicos a serem escritos sobre a Sra. Kennedy, nem conhecia ninguém que planeasse escrever um livro. Quando foi anunciado, no entanto, que William Manchester tinha sido solicitado para escrever um livro sobre a morte do Presidente, soube que era isso. “Finalmente aconteceu, Rose,” disse à minha amiga. “Este livro provocará o erro que enfraquecerá o seu pedestal.” E quando o livro foi publicado, fez precisamente isso.

De facto, começou durante os dias finais que precederam a publicação, quando um desentendimento entre os Kennedys de um lado e William Manchester do outro resultou numa batalha legal sobre quem tinha o direito de fazer as alterações finais no manuscrito. Uma sondagem a nível nacional indicou que, como resultado desta controvérsia, um terço das pessoas inquiridas tinha perdido a fé em Jacqueline Kennedy.

Não há dúvida de que ela tinha o direito — uma responsabilidade — de se opor a qualquer coisa no livro que tendesse a invadir a privacidade da sua própria família imediata. O acordo que ela tinha redigido com William Manchester especificava precisamente isso. Ela tinha, de facto, o direito de ler o manuscrito e fazer ela própria as alterações. Quando finalmente se chegou à leitura do manuscrito, no entanto, ela delegou esta responsabilidade em outros e depois queixou-se à editora de que nem todas

as correções tinham sido feitas antes da publicação. Pediu mais alterações no último momento. Isto causou tal furor que os itens que ela queria apagar do manuscrito foram impressos em todo o mundo, produzindo assim cem vezes mais leitores do que teriam tido de outra forma.

Muitas das minhas visões parecem prever o impossível — como foi o caso da visão sobre Jacqueline Kennedy. No entanto, tornou-se realidade. Outra que cai na mesma categoria diz respeito ao eventual regresso da Rússia ao Cristianismo. Há muito tempo que sei que a Rússia está a ser preparada para passar por uma mudança tremenda.

Ficou-me claro numa visão, porém, que este desenvolvimento ocorreria no futuro distante. O altar russo que vi estava longe, mas vi que, mais uma vez, o altar das igrejas cristãs estaria ao alcance do povo da Rússia. Este renascimento religioso será parte de um renascimento geral — um renascer da fé em Jesus Cristo.

Eu vejo agora a filha de Estaline, Svetlana Alliluyeva, como uma figura central neste desenvolvimento e como uma grande influência na deserção de muitos oficiais comunistas para o Ocidente.

A visão sobre Svetlana Alliluyeva surgiu-me na primeira parte de maio de 1967, enquanto eu falava numa igreja de Maryland. Subitamente, os rostos da congregação escureceram e comecei a ver uma visão de Svetlana, que tinha chegado recentemente a este país. A visão cresceu até ela apagar completamente toda a congregação. Raios de sol rodeavam-na e, atrás dela, vi um fluxo constante de homens e mulheres a moverem-se lentamente pela estrada da deserção. Soube por esta visão que a sua deserção para o Ocidente significaria um ponto de viragem na vida de muitos europeus de Leste. Alguns dias depois, quando vi uma boa amiga minha, Helen Gaudin, contei-lhe o que tinha visto na minha visão e quão entusiasmada estava com o povo russo a regressar à harmonia com a vontade de Deus.

Cinco dias depois disso, a 17 de maio de 1967, para ser exata, o primeiro dos caminhantes que eu vira a fazer o seu caminho pela senda da deserção entrou oficialmente. Pois nesse dia o Departamento de Estado anunciou que o encarregado de negócios da Embaixada da Hungria em Washington, D.C., tinha apresentado a sua demissão ao seu governo em Praga e tinha solicitado asilo político nos E.U.A. Mas isto era apenas o começo! Duas semanas depois, a trinta e um de maio, uma informação confidencial foi divulgada através de um jornal.

O Departamento de Estado seguiu-a com uma confirmação parcial de que Erne Bernat, Secretário de Imprensa da Embaixada da Hungria e um oficial de alto escalão no Serviço de Inteligência Húngaro, tinha desertado para os E.U.A. a 21 de abril. A sua deserção tinha sido mantida no mais estrito sigilo. Em 28 de junho desse mesmo ano, uma história no *The New York Times* confirmou outra deserção do Leste. O jornal relatava que o Professor Ma Szu Tsung, o músico que fugiu da China Comunista em dezembro de 1966, estava a atacar Pequim num livro no qual acusava Pequim de uma campanha brutal contra os educadores e intelectuais chineses.

O maior golpe na causa comunista até essa altura, no entanto, ocorreu quando o Coronel Yevgeny V. Runge, um membro do Comité de Segurança do Estado soviético, desertou para Berlim Ocidental a 10 de outubro. “Um dos agentes comunistas mais bem informados que alguma vez passou para o nosso lado,” anunciou orgulhosamente um oficial do governo de Bona. Ele era também um dos poucos que tinha penetrado com sucesso o escudo de segurança da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Estou otimista quanto ao futuro do povo da Rússia. Gostaria, porém, de ver o mesmo futuro brilhante para Svetlana. Vejo os seus filhos separados dela e vejo também a possibilidade distinta de que eles sejam alienados dela através da propaganda russa que a desacredita. Incidentalmente, foi-me revelado que um dos seus filhos morrerá muito mais jovem do que o outro, causando grande tristeza a Svetlana.

Devido ao facto de viver em Washington, muitos dos canais de comunicação que se abrem para mim estão ligados à política. Durante o mandato do Presidente Johnson, muito do que recebi tinha uma ligação de uma forma ou de outra com os seus programas legislativos favoritos ou com ele pessoalmente. Uma visão que assustou os meus amigos — embora apenas por alguns segundos — esteve ligada a ele pessoalmente. Surgiu-me enquanto almoçava com Kay Halle, uma amiga minha. Kay é filha e sobrinha dos dois fundadores das lojas de departamentos Halle’s em Cleveland, Ohio.

Foi ela quem sugeriu ao Presidente-eleito e à Sra. Kennedy que as pessoas eminentes nas artes, ciências e humanidades fossem convidadas como convidados especiais para o Baile de Tomada de Posse, para que fossem reconhecidas como iguais aos políticos — o que eram e mais ainda — como os verdadeiros criadores do nosso grande país. Kay sempre foi

fascinada pela política e o seu livro, *Irrepressible Churchill*, escrito após dois anos de fins de semana na residência de campo de Winston Churchill em Chartwell, Inglaterra, demonstra-o sobejamente.

Foi a forma como Churchill falou sobre ser metade americano que deu a Kay a ideia de fazer passar um projeto de lei especial no Congresso, concedendo a Winston Churchill a primeira cidadania americana honorária alguma vez outorgada por esta nação por voto do Congresso pleno.

Aqueles que leram *A Gift of Prophecy* recordar-se-ão de que foi a ela que recorri quando vi a nuvem negra e sinistra baixar-se sobre a Casa Branca. Eu queria que ela convencesse o Presidente Kennedy a não fazer aquela viagem fatal a Dallas, mas percebo agora que os meus esforços foram inúteis porque a morte dele foi-me mostrada numa revelação, e uma revelação de destino nunca pode ser mudada.

Mal tínhamos começado o nosso almoço na casa dela em Georgetown quando subitamente tive um sentimento inquietante sobre o Presidente Johnson. “Kay, ouve...” disse eu apressadamente. “Estou a receber algo... vejo-o no ar e vejo algumas decisões apressadas a serem tomadas e—” “Por favor, para, Jeane,” interrompeu-me Kay com um olhar temeroso nos olhos. “Não me digas que vai acontecer alguma coisa aos Johnsons! Por favor! Não quero ouvir.” “Não é tudo tão mau como isso, Kay,” disse tranquilizadamente. “A vida dele já está fora de perigo. Há algum tipo de ameaça — creio que é de Cuba — e por causa disso estão a mudar os planos de voo do Presidente.

Para tornar as coisas ainda mais confusas para os cubanos, planeiam aterrar num aeroporto diferente do originalmente planeado na Flórida.” Nessa mesma noite, um noticiário de rádio relatou que, devido a um boato de uma ameaça de ataque cubano “Kamikaze” ao avião presidencial, a insígnia presidencial tinha sido removida da sua fuselagem e, por causa desta ameaça, o plano de voo do *Air Force One* tinha sido alterado. Houve realmente uma ameaça cubana à vida do Presidente Johnson?

A Casa Branca nunca o admitiu realmente, mas talvez seja melhor assim. O que recebi foi sem dúvida devido ao que chamo de “transferência de pensamento”. A segurança do Presidente naquele momento muito precário estava na mente de tantas pessoas que eu simplesmente tinha de a receber; os sinais eram assim tão fortes!

Há alguns anos, enquanto me preparava para sair após ter assistido a um almoço oferecido pelo Congressista do Alabama Frank Boykin, notei

uma nuvem escura a envolver o Congressista Boykin quando um homem, dois lugares à minha frente, pousou o braço no ombro de Boykin. Quando ele deixou o congressista, a nuvem foi com ele... Quando chegou a minha vez de me despedir, disse: “Frank, não sei quem era aquele homem que pôs o braço sobre os teus ombros, mas notei uma nuvem pesada a rodear-te enquanto ele estava perto de ti. Se tens quaisquer negócios com ele, debes reconsiderá-los, pois este homem vai meter-te em sarilhos.

Vais tornar-te vítima das circunstâncias, Frank.” “Não te preocupes com isso, Jeane.” Ele sorriu de bom humor. “Tudo é feito por amor — afasta a nuvem com um sopro.” Desejo agora que o Frank Boykin tivesse ouvido, pois pouco tempo depois o Frank envolveu-se profundamente num empreendimento imobiliário em Maryland. Devido a isto e à sua associação com o seu parceiro de negócios, acabou numa posição muito precária. Foi necessário um perdão do Presidente para limpar o seu nome.

A minha instituição de caridade favorita é a *Children to Children, Inc.* e, quando alguém se oferece para patrocinar um baile de caridade e doar todos os lucros à *Children to Children*, fico emocionada por aceitar esta honra. Um baile desse tipo foi-me oferecido pela Sra. Ernest Medders de Muenster, Texas, no inverno de 1966. Os Medders eram conhecimentos casuais, pois eu sabia pouco sobre eles, exceto que possuíam uma quinta magnífica conhecida como *Colonial Acres* e eram amigos próximos do Governador Connally do Texas.

As suas festas luxuosas e as suas manadas de gado Angus vermelho e preto e cavalos Appaloosa eram conhecidas em milhas à volta. O convite dos Medders perturbou-me. Eu queria comparecer, mas não queria ser a portadora de más notícias, especialmente para pessoas suficientemente gentis para ajudarem a minha caridade favorita. Eu tinha tido uma visão de que a sua tremenda fortuna estava prestes a desaparecer, mas não sabia como lhes dar esta notícia desanimadora.

A data para o baile foi marcada para uma altura em que eu tinha de estar em Houston para um compromisso como oradora. *Colonial Acres* situava-se convenientemente perto da cidade, por isso depois corri para a quinta deles, tomei banho, vesti-me e juntei-me ao baile, escoltada por Margaret e Ernest Medders. O cenário era como um conto de fadas. Mais de mil convidados estavam ou a dançar ao som da “música champanhe” da orquestra de Lawrence Welk, vinda de avião especialmente para a ocasião, ou apinhados em volta do buffet sumptuoso, repleto de iguarias americanas e continentais. Iluminados pelo brilho suave de três mil velas, eles jantaram

e dançaram — e todos os lucros desta grande *soirée* reverteriam para a *Children to Children*.

Senti-me extremamente grata aos Medders por terem organizado um baile tão bonito. Sendo uma madrugadora, dei um passeio matinal refrescante antes de qualquer outra pessoa na casa começar a mexer-se. Margaret Medders juntou-se a mim no meu quarto logo após o meu regresso para conversarmos sobre tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Eu tinha mesmo de lhe contar sobre a minha visão! “Margaret,” interrompi-a, “o vosso dinheiro vai ser cortado tão súbita e abruptamente como uma torneira corta um fluxo de água.” “Dinheiro cortado?” exclamou ela, totalmente perplexa. “Como pode ser isso?”

Os nossos advogados garantiram-nos vezes sem conta que a parte da herança do meu marido será de pelo menos quinhentos milhões de dólares!” “Como acontecerá não sei dizer,” tentei explicar gentilmente. “Tudo o que sei é que tu e o Ernest não receberão mais dinheiro de nenhuma fonte herdada. Posso falar apenas por ti e pelo teu marido. Se os vossos filhos perderão os seus fundos fiduciários — não sei.”

A fortuna esperada, como os Medders me explicaram mais tarde, ficou presa em manobras legais. Eles lutaram desesperadamente pela sua herança, pois nem sempre tinham vivido a vida de milionários, e ver a “sua” fortuna afastar-se do seu alcance era insuportável para eles. Não conseguiram compreender a súbita reviravolta dos acontecimentos, pois não só acreditavam firmemente que a fortuna era legitimamente deles, como também tinham feito contribuições luxuosas para o partido Democrata e também grandes doações para caridade.

Para eles, tinha simplesmente de resultar... mas nunca resultou. Ernest e Margaret Medders acabaram por concordar em declarar falência. Foi-lhe permitido, no entanto, manter a sua quinta de 185 acres, uma vez que estava protegida pela lei de propriedade familiar do Texas. Há uma forte possibilidade de uma produtora cinematográfica usar a história deles como tema principal para um novo filme e, se esse for o caso, as recompensas financeiras compensarão grandemente a sua enorme perda.

Frequentemente os meus bons amigos lembram-se do que eu lhes relatei anteriormente, mas que já foi por mim esquecido há muito. Frank Britto, por exemplo, recordou-me um aviso que lhe fiz sobre a sua própria condição física, dizendo-lhe quão imprudente era comer apenas uma refeição por dia — tarde da noite — consistindo em nada mais do que amido, cerveja e carne. Na altura, recordo-me dele a sorrir para mim.

“Isso não é nada com que te devas preocupar, Jeane.” Riu-se ele. “A Mãe Natureza cuidará dos seus, e até agora não tive avisos...” O Frank partiu pouco depois para o Brasil e o meu aviso foi esquecido até ele ir nadar numa extensão solitária de praia na costa brasileira.

«“Tinha acabado de passar a rebentação,” recordou ele mais tarde, “e estava pronto para voltar quando todas as minhas forças me abandonaram. Em vez disso, os meus braços e pernas pareciam estar a ser picados por mil agulhas. Não conseguia avançar mais pelos meus próprios meios e ter-me-ia afogado se a mudança da maré não me tivesse levado de volta à margem.

“Foi então que me lembrei do aviso da Jeane sobre a minha dieta, e um exame médico minucioso revelou logo que tinha sido a dieta imprópria a causar a minha condição debilitada.”

Alguma vez teve a experiência de alguém que sabe estar noutra parte do país materializar-se subitamente ao seu lado? Isto aconteceu-me inúmeras vezes, mas nunca tão claramente como quando Arlene Dahl apareceu um dia enquanto eu dava um passeio. Tinha sido uma manhã difícil. Estivera fechada no meu escritório a maior parte do tempo e decidira prolongar a minha pausa de almoço com uma curta caminhada pelo quarteirão. Subitamente senti Arlene Dahl a caminhar ao meu lado. “Hoje é o dia do meu casamento,” disse-me ela. “Só queria que soubesses.” Ela desapareceu tão depressa como tinha aparecido, mas eu soube que este era o dia dela.

Conheci a Arlene quando ela me escreveu da Califórnia, informando-me que iria assistir à tomada de posse do Presidente Johnson e que gostaria de me conhecer enquanto estivesse em Washington. Sempre tive muito interesse nela e tornámo-nos amigas logo desde o início. É uma mulher bonita com um olhar raro para as coisas boas da vida e, quando apareceu ao meu lado e me falou do seu dia de casamento, soube exatamente o que lhe oferecer — uma taça *Steuben*! Por isso, comprei-a e enviei-a pelo correio nesse mesmo dia. Mais tarde recebi uma carta da Arlene informando-me do seu regresso de uma longa lua-de-mel europeia.

“Não tínhamos pensado casar durante a nossa estadia em Barbados,” escreveu ela. “Apenas planeámos expor os nossos filhos — os dois dele e os meus dois — uns aos outros e ver como se dariam. Na verdade, como a ilha era então britânica, não sabíamos se um casamento seria possível.” O que mais espantou a Arlene, porém, foi a data de envio do meu presente. O

carimbo do correio na embalagem era idêntico à data do seu casamento. Coincidência? Tanto ela como eu sentimos que foi mais do que apenas isso.

Quando Martha Rountree, famosa no mundo da radiodifusão, foi solicitada para dar um resumo das previsões que eu tinha feito para ela ao longo dos anos, reagiu à sua maneira — escrevendo-as como se estivesse a preparar um guião de rádio ou televisão para um produtor. Ao escrevê-las, no entanto, usou adjetivos mais lisonjeiros do que eu alguma vez ousaria usar sobre mim própria, mas por uma questão de precisão vou citá-la.

“Sei que existem psíquicos,” escreveu Martha, “pessoas que conseguem fechar os olhos e entrar num transe e, dizem-me, apontar eventos que ainda estão para vir. Jeane Dixon é diferente. Ela simplesmente sabe algo de repente. Chega-lhe num lampejo — e, como um carro de bombeiros a responder a um alarme, ela entra em ação. Quando a Jeane está perto de nós, torna-se a nossa protetora.

De 1959 a 1963, enquanto eu fazia um comentário de notícias numa rede de rádio, ela costumava dar-me grandes pistas. Seguindo-as, encontrava sempre uma grande história à minha espera. Costumo dizer que a Jeane está ‘em radar com Deus’. Acredito nisto. Ela parece saber sempre quando é necessária, quando alguém está em apuros ou quando o perigo espreita. Ela liga-nos e vem ter connosco com a sua preocupação antes de percebermos que existe um problema.

“Eu queria uma casa no campo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Encontrei a casa ideal na Virgínia. A Jeane implorou-me para não a comprar, embora a empresa imobiliária do marido estivesse prestes a ganhar uma boa comissão com isso. Ela disse-me que eu não seria capaz de me reformar, embora eu achasse que sim, insistindo que qualquer casa que me tirasse da vista do público seria má para mim. Claro que não dei ouvidos. Quando achamos que sabemos o que queremos, tornamo-nos teimosos. Passei um cheque, entreguei-lho — e pronto.

“Os meses seguintes foram excitantes. Finalmente tinha a minha casa de sonho. Tendo vendido as minhas propriedades televisivas, cheguei finalmente ao ponto em que podia ansiar por aquele jardim que queria, ver uma árvore crescer, escrever um livro ou apenas aproveitar a vida com a minha família. A primeira divisão concluída foi o quarto de bebé da minha filha Martha, e eu mal podia esperar para a mudar para lá com a Miss Trolle, a sua ama. No entanto, quando disse à Jeane que a Martha e a Miss Trolle se iam mudar, ela opôs-se firmemente, independentemente do facto

de termos um caseiro e a sua família na propriedade e Lily Burns, uma velha amiga, do outro lado da rua, para vigiar as coisas.

“A Jeane informou-me de que não era o momento certo para a Martha e a Miss Trolle irem — que eu devia reservar um quarto para elas no Hotel Mayflower, onde o meu marido e eu estávamos hospedados. A atitude dela foi difícil de compreender para mim. A casa tinha sido redecorada de cima a baixo e, dentro de mais uma semana ou dez dias, o meu marido e eu planeávamos torná-la também a nossa residência oficial. Durante semanas a Jeane instara-me a fazer mais seguros. Continuava a insistir que o que tínhamos não era adequado, visto termos enviado para lá toda a nossa biblioteca, toda a nossa prata, os nossos presentes de casamento, a loiça da minha avó, os meus móveis favoritos, tapetes e cortinados. Como toda a instalação elétrica tinha sido renovada, além do facto de a casa estar de pé há mais de trezentos anos — a ala original, entenda-se — achei insensato estar sobre-segurada.

“Mas se conhece a Jeane Dixon, sabe que quando ela sente algo, aventurar-se-á na calada da noite, se necessário, ou viajará de um lugar para outro até encontrar uma forma de evitar o que ela simplesmente sabe que vai acontecer. Por isso, mantive a Martha e a Miss Trolle no hotel, embora parecesse um tanto esbanjador.

“Então o inevitável aconteceu! O meu marido apanhou uma pneumonia! Depois, o pior nevão em mais de cem anos fechou todas as estradas e autoestradas. Então, à meia-noite, o Barney, proprietário do motel numa variante perto da nossa propriedade, ligou para nos dizer que a nossa casa estava toda em chamas, a arder sem controlo! Os bombeiros voluntários tiveram muita dificuldade em chegar à nossa propriedade — só tínhamos água de poço — e para complicar ainda mais as coisas, os charcos na zona estavam todos congelados...

Pode imaginar o que aconteceu. A casa ardeu até ao chão. O fogo, tendo começado no sistema de aquecimento, espalhou-se completamente pelo interior antes de ser sequer visível do lado de fora. Se estivesse alguém na casa na altura, teria sido impossível resgatá-lo. Quando contei à Jeane, ela comentou: ‘Bem, eu simplesmente não podia deixar a Martha e a Miss Trolle serem queimadas... Ela é minha afilhada, sabes!’”

As pessoas perguntam frequentemente se posso prever o resultado de corridas de cavalos. Embora tenha a certeza de que Deus não me deu o meu dom para este propósito, aconteceu no entanto em várias ocasiões eu saber

o resultado de uma corrida antes de ela começar — e muitas vezes contra probabilidades tremendas.

Num dia chuvoso de maio de 1967, o meu marido, Jimmy, e eu saímos juntos do escritório para nos juntarmos a Betty e Eugene Casey no Hipódromo de Bowie, em Maryland. Eugene Casey é o Presidente do Conselho de Administração da pista e tinha-nos convidado em inúmeras ocasiões, mas de alguma forma nunca tínhamos encontrado o tempo necessário. Desta vez, porém, após aceitar o seu amável convite, encontramos-nos num mundo inteiramente diferente. Com Eugene Casey como nosso guia, deambulámos pelo salão do clube de Bowie. Enquanto conversava com os convidados reunidos, comecei a perceber que este não parecia apenas ser outro mundo, mas era de facto outro mundo. As conversas estavam salpicadas de terminologia de hipódromo que eu nunca soube que existia. Quando o meu anfitrião explicou que eu tinha sorte porque tinha chegado no “*getaway day*” — o último dia da corrida quando todos tentam fazer “*the last killing*” (a última grande jogada) — ri-me, pois nada estava mais longe da minha mente.

O que eu temia aconteceu em breve. Embora não tivesse interesse real no resultado das corridas, todos os outros tinham. Em poucos minutos fui pressionada a escolher um vencedor. Olhei para o Sr. Casey. Ele tinha prometido que ninguém me pediria para prever o resultado da corrida, mas por esta altura estava impotente. O Jimmy também não podia fazer nada. Na verdade, fez precisamente o oposto. Deu-me aquele olhar certo que significa:

“Por favor, faz o que puderes.” Escolher um vencedor? Eu? Nunca pedira a Deus antes por nada material. As minhas orações diárias são sempre pelas coisas básicas da vida: saúde, orientação de Deus nas minhas atividades diárias, bom senso, sabedoria e fé, mas nada de material. No entanto, desta vez senti que tinha de tentar. Sem pensar mais, toquei na cruz de ouro cravejada de ametistas que uso sempre e, segurando-a levemente, falei silenciosamente com Deus: “Se é para eu ouvir o nome de um vencedor — estou a ouvir...”

Toda a conversa à minha volta cessara. Todos pareciam estar ou a meditar ou a suster a respiração, esperando que eu escolhesse um vencedor.

Então ouvi uma voz... uma voz suave e calmante. Parecia vir do alto. “Summer Sunshine,” sussurrou ela. “S-u-m-m-e-r S-u-n-s-h-i-n-e...” Teria ouvido bem? Seria uma voz ou meramente a minha própria mente a pedir por sol de verão (*summer sunshine*) neste dia chuvoso? Escutei de novo,

mais atentamente desta vez. Sim, ali estava de novo, embora não tão clara como na primeira vez: “Summer Sunshine... Summer Sunshine...” E como sinos que se desvanecem lentamente numa brisa noturna, a voz calou-se. Não havia dúvida. Esta era a resposta. “Summer Sunshine,” gritei para a multidão silenciosa. “Summer Sunshine será o vencedor.”

A reação foi instantânea. “Nunca ouvi falar dele,” disse um homem com desdém. “Tenho a certeza de que nem sequer está listado.” Por um momento, o grupo conversou excitadamente enquanto folheava freneticamente o programa tentando localizar o misterioso *Summer Sunshine*. A segunda corrida já estava em curso e, se houvesse tal cavalo, teria de ser encontrado antes da próxima começar. “Achei-o,” gritou alguém triunfantemente. “Está agendado para a sexta corrida.”

Por esta altura todos o tinham encontrado e as expetativas começaram a aumentar até que alguém na multidão verificou o desempenho anterior do cavalo. Uma corrente de riso eclodiu num pequeno grupo de homens ali perto. “Ora, aquela égua nunca ganhou uma corrida na vida,” ouvi um deles rir. “Isto é ridículo...” Fechei os olhos e sorri... tinha realizado o que me fora pedido. A reação deles não tinha importância.

À medida que a hora da sexta corrida se aproximava rapidamente, Betty Casey perguntou se podia fazer uma aposta por mim. Dei-lhe todo o dinheiro que trazia comigo e pedi-lhe para apostar tudo no *Summer Sunshine*. Nada transforma tanto uma multidão de pessoas distintas, bem vestidas e bem comportadas como uma corrida de cavalos. Todas as inibições desaparecem; toda a reserva é lançada fora como um manto. Todos começam a gritar o nome do seu cavalo favorito. Betty Casey voltou para junto de mim.

“Apostei tudo no Summer Sunshine para ti, Jeane,” interrompeu ela com um sorriso forçado — sentindo, na verdade, pena de mim. O meu entusiasmo foi quase abafado pelos gritos que se ergueram por *Little Red Broom*, o cavalo favorito da corrida e, quando os cavalos contornaram a curva distante e entraram na reta final, o tumulto era insuportável. Ali estava *Little Red Broom* a liderar por um corpo! Alguns dos seus fãs na multidão já tinham começado a contar os ganhos esperados quando *Summer Sunshine* se adiantou, ultrapassou *Little Red Broom* e com uma súbita explosão de velocidade ganhou a corrida. O vencedor pagou a uma taxa de vinte para um.

Seguindo o meu princípio de nunca usar o meu dom para proveito pessoal, peguei nos meus ganhos no *Summer Sunshine*, juntamente com

uma doação dos Caseys, e usei-os para pagar as propinas, alojamento e alimentação no *Beckley College* de um jovem rapaz negro que eu estava a ajudar nos estudos. Deus trabalha de maneiras misteriosas para realizar as Suas maravilhas.

Há alguns anos, em 1964 para ser exata, Carl van Lowe, um homem que outrora possuiu uma cadeia de supermercados, associou-se ao ramo comercial da *James L. Dixon and Company, Realtors*. Era um homem capaz e, quando nos informou um dia de que lhe fora pedido para ir para o Chile estabelecer uma cadeia de supermercados naquele país como parte de um programa para países subdesenvolvidos, aceitámos relutantemente a sua demissão.

À medida que os seus planos progrediam, fiquei psiquicamente perturbada com eles. Tive de me disciplinar continuamente enquanto o ouvia explicar os seus planos para o Chile. Ele estava cheio de entusiasmo. A sua esposa, disse ele, teria um papel ativo nos assuntos comunitários chilenos e ele salientou a sorte que tivera em encontrar dois companheiros capazes, Bud Greenway, um especialista em armazéns, e Paul Kindig, um inspetor de carnes do governo, para se juntarem a ele neste novo empreendimento.

Demorou bastante tempo até o contrato ser finalizado mas, uma vez ultrapassadas as formalidades, ele começou a correr em doze direções ao mesmo tempo. Uma manhã encontrei-o algo angustiado. Decidi falar com ele sobre isso. “Vamos ter saudades tuas, Carl,” disse-lhe eu. “Nós—” Parei subitamente. O Carl pareceu desaparecer na parede atrás dele. Ele estava mais do que apenas transparente... estava a desvanecer-se! “Carl...” continuei hesitante, “gostaria que não te pressionasses tanto. Estás a dar demasiada importância a todo este assunto. Sinto-me inquietante, pois recebo que não vais de todo para o Chile...” Um sorriso cobriu o seu rosto.

“Os documentos finais serão assinados esta tarde, Jeane. Estás um pouco atrasada com esse ‘sentimento’.” No início de junho, Carl adoeceu gravemente e foi levado para o hospital. Uma semana depois, a 17 de junho, precisamente no dia em que ele e a sua esposa deveriam ter voado para o Chile, Carl van Lowe morreu.

Na primavera de 1967, enquanto me dirigia para um almoço para esposas de oficiais do Exército em Fort Myer, Virgínia, perguntaram-me quem seria o vencedor do *Kentucky Derby* desse ano. “Proud Clarion,” respondi sem hesitar. “Proud Clarion será o vencedor este ano!” Questionada depois sobre como fora capaz de prever o vencedor, tive de

admitir que nem eu sabia. Simplesmente disse o primeiro nome que me veio à mente quando pensei em “*Kentucky Derby*”. H. L. Hunt, o bem conhecido bilionário do Texas que me acompanhara a esse almoço, diz agora que gostaria de ter acreditado na minha palavra e de ter apostado o seu dinheiro no *Proud Clarion*.

Um ano depois, porém, em 1968, ele ligou-me. “Quem será o vencedor este ano, Jeane?” sondou ele. “Gostaria de te poder dizer,” respondi pensativa, “mas não consigo. Está tudo tão confuso... não recebo nada. Algo está errado este ano... haverá uma confusão de qualquer espécie.” Houve confusão de facto! *Dancer’s Image*, o vencedor do *Derby* de 1968, foi desclassificado depois de se ter sabido que lhe fora dado um analgésico para aliviar a dor no seu tornozelo.

De John Koepf, um velho amigo, veio a previsão que fiz outrora sobre Vince Lombardi, o bem conhecido treinador do clube de futebol *Redskins*. A sua recordação da ocasião é bastante vívida. “Conheço a Jeane Dixon há muitos anos,” observou John quando questionado sobre o seu conhecimento dessa previsão específica. “Foi em fevereiro de 1968, quando falava com ela sobre várias coisas, que o tema se voltou para o futebol. Sou fã de desporto há anos e tudo o que tenha a ver com futebol capta a minha total atenção.

Imagine-se a minha surpresa quando, do nada, a Jeane interrompeu subitamente o fio da nossa conversa e comentou de forma casual, mas direta: ‘Os Redskins vão ter um treinador novo!’ ‘Quando?’ perguntei, ficando muito curioso. ‘Não nesta temporada, mas logo a seguir.’ Homem, como eu me agarrei a essa! ‘Quem vai ser?’ inquiri eu, determinado a descobrir tudo o que pudesse sobre esta mudança importante. Ela concentrou-se por um momento e vi-a a refletir profundamente. Franziu o sobrolho como se procurasse mais pormenores. Depois disse: ‘Tudo o que vejo agora é uma inicial V...’ ‘O V de vitória?’ provoqueei eu a sorrir. ‘Queres dizer que o novo treinador vai levar os Redskins à vitória?’ ‘Não, não o V de vitória,’ disse ela, ligeiramente irritada. ‘O V que vejo é a inicial do seu primeiro nome... Espera!’ interrompeu-se. ‘Vejo outra coisa... vejo o apelido dele a começar por L...’ ‘Vince Lombardi!’ gritei entusiasticamente. ‘Queres dizer o Vince Lombardi. Nem consigo acreditar!’ Ela olhou para cima, toda sorrisos.

“Enquanto almoçava com um amigo na NASA poucos dias depois da previsão surpresa da Jeane, mencionei que o Lombardi ia treinar os Redskins. Se eu me tornei motivo de riso! O tipo com quem eu estava sabia

mais de desporto do que eu alguma vez esperarei saber e quase me expulsou do edifício a rir. Algum tempo depois voltei a tocar no assunto. ‘Sei que o Lombardi vai treinar os Redskins,’ disse-lhe enfaticamente com o que eu pensava ser toda a convicção necessária para o convencer. ‘Acredita na minha palavra.’ Risos — ainda mais altos do que antes — saudaram as minhas palavras. ‘Estás outra vez nisso.’ O meu companheiro de mesa sorriu com o que parecia ser pena. ‘Porque é que não desistes?’

A temporada veio e passou e nada aconteceu, mas eu persisti em falar da mudança do Lombardi para os Redskins. Em dezembro de 1968, o meu amigo especialista em futebol passou por minha casa. ‘Quando é que vais esquecer essa tua previsão ridícula sobre o Vince Lombardi?’ perguntou ele. ‘Sabes que o Vince nunca se mudará. As probabilidades de ele se mudar para os Washington Redskins são de cerca de uma num milhão. Se, no entanto, acontecer, conta com um grande almoço num restaurante à tua escolha. Combinado?’

Poucas semanas depois recebi um cartão dele com uma mensagem simples de uma linha: ‘O Vince mudou-se para Washington. Onde queres comer?’ Liguei-lhe pelo telefone, o cheiro da vitória ainda nas minhas narinas. ‘Esquece o almoço,’ disse eu a terminar depois de termos discutido a mudança de Vince Lombardi para os Redskins. ‘Eu soube que ele se ia mudar para aqui desde o início. A Jeane Dixon contou-me!’ ‘Se eu soubesse disso, não teria pensado em contradizer-te,’ foram as suas palavras de despedida proferidas com amargura.”

Enquanto almoçava um dia com Lorene e James Melton, Lorene pediu ao marido para me mostrar as fotografias do seu barco novo. Ele “por acaso” tinha uma fotografia dele na carteira e estava todo sorridente ao passar-me a fotografia colorida por cima da mesa. Mostrava uma embarcação elegante com James de pé na ponte de comando. Enquanto olhava para a fotografia do barco, vi as suas linhas tornarem-se cada vez mais ténues enquanto outro barco aparecia no seu lugar. “Jimmy,” disse eu suavizando o seu entusiasmo, “não vais ficar com este barco muito tempo. Vejo um—” “Para com isso, Jeane!” interrompeu ele. “Não te deixo tirar-me esse barco lindo!” Mas eu continuei. Em termos elogiosos descrevi-lhe o seu barco novo, mas ele simplesmente não quis ouvir. Escassos dois meses depois, quando comprou o seu barco novo, sentiu-se algo embaraçado por não me ter ouvido.

Quando uma visão psíquica não se cumpre como esperado, não é porque o que me foi mostrado não esteja correto; é porque eu não

interpretei os símbolos corretamente. Quando isto ocorre, enche-me de arrependimento e de um desejo fervoroso de pedir mais orientação da próxima vez que tiver de interpretar uma visão ou sonho que pareça demasiado simbólico para ser facilmente compreendido logo à partida. Desejo agora ter interpretado corretamente os símbolos quando tive um sonho que lidava com o futuro de membros da minha família imediata.

Começou com uma chamada da minha cunhada, Mildred Pinckert. Ela ligou-me da Califórnia no ano passado para me informar de que o meu irmão, Erny, ia ser submetido a uma cirurgia no dia seguinte. “Por favor, Jeane,” implorou ela, “reza pelo Erny e vê se consegues descobrir se a operação será bem-sucedida!” Rezei nessa noite por uma resposta e adormeci com a mente focada no futuro do Erny.

Foi de manhã cedo no dia seguinte, pouco antes do amanhecer, que a resposta me veio num semi-sonho. Vi o Erny e a Mildred a caminharem juntos. Ela estava extremamente bonita num belo vestido vermelho vivo com gola alta, mangas compridas esvoaçantes e uma saia que tocava o chão. O que mais me impressionou, porém, foi uma vela que ela segurava à sua frente. Era um pedaço de vela curto e já consumido que eu sabia ter sido outrora longo — muito longo.

A chama dourada oscilava à medida que ela se movia e apagou-se de vez quando ela parou em frente ao Erny... Liguei à Mildred mal acordei. “Não te preocupes com o Erny,” disse eu. “Ele vai ficar bem. Estará contigo todos os dias da tua vida.” A operação do Erny foi um sucesso completo, mas a Mildred morreu pouco tempo depois. Eu deveria ter sabido isto, pois estava tudo no meu semi-sonho. Se eu não estivesse tão completamente absorta no bem-estar do Erny, não teria parado depois de lhe transmitir que o Erny recuperaria. Teria aconselhado que ela própria visse um médico para que a sua vida não fosse apagada como uma vela antes da do Erny.

Por vezes tenho visões que são inexplicáveis devido ao facto de a informação que recebo ser incompleta. Tal foi o caso quando vários membros da nossa equipa do escritório e eu assistimos ao casamento de Iletha Herring, outro membro da nossa equipa, há dois verões. Foi enquanto estava sentada com a congregação, a observar a noiva e o noivo parados perante o altar, que vi a Morte entrar na igreja silenciosa.

Casamentos são cerimónias tão bonitas que eu simplesmente não esperava que isto acontecesse; mas ela estava lá — não convidada e fúnebre em todos os aspetos. Estava representada por dois caixões de

aspeto sinistro cobertos de preto que vi repousar atrás da Iletha e do seu noivo — esperando pacientemente para serem preenchidos. Naturalmente senti-me triste quando deveria estar feliz. Estariam os caixões ali para a Iletha e o seu novo marido? A visão não dizia.

Não me foi mostrado quem ia morrer, ou porquê. Ver os dois caixões, porém, fez-me perceber que duas das pessoas envolvidas neste casamento seriam em breve chamadas a julgamento. No caminho para casa contei aos membros da minha equipa sobre a visão. Pedi-lhes para a considerarem confidencial, uma vez que não queria que ninguém no círculo de amigos próximos da Iletha ficasse alarmado. Poucas semanas após o casamento da Iletha, aconteceu o esperado.

Chegou-nos a notícia de que o padrinho do casamento se tinha afogado. O seu súbito falecimento foi seguido, duas semanas mais tarde, pela morte accidental do irmão do noivo. Ambos faziam parte do cortejo nupcial.

O futuro reserva-nos tanto vida como morte. Pat Parker Headley testemunhará isto de bom grado! Após perder o marido da maneira que previ que aconteceria (ver *A Gift of Prophecy*), tornámo-nos muito próximas e vimo-nos imensas vezes. Muitas vezes ela vinha a nossa casa usar o piano para acabar de compor um concerto que estava a dedicar ao seu irmão.

A Pat, embora sendo uma pessoa encantadora, na minha opinião não tinha a perseverança necessária para ser uma compositora vocacional. Sou uma casamenteira incurável e, quando vi a Pat a interessar-se pelo Dr. Lee Williams, um muito bem-sucedido especialista de nariz, ouvidos e garganta, esperei pacientemente nos bastidores, usando doses imensuráveis de autodisciplina. Eu sabia o que ia acontecer e estava tão ansiosa por lhe contar. Depois veio a noite do concerto. Em todos os aspetos, esta era a noite da Pat.

A noite centrava-se nela como solista com a Orquestra Sinfónica Nacional da Força Aérea a tocar o concerto que ela escrevera para o seu irmão. Com o Dr. Williams sentado ao meu lado, vi a Pat a tocar com todo o seu coração. Subitamente ele reagiu. “Amo-a,” ouvi-o pensar. “Amo-a.” Fiquei encantada, pois sabia que isto fazia parte do futuro dela. Sendo boas amigas, a Pat e eu éramos bastante francas uma com a outra. Após o casamento tivemos uma conversa tranquila de coração para coração e disse-lhe que o casamento era apenas o início da felicidade para ela.

“Vais ter um bebé, Pat,” disse-lhe eu com o coração cheio de felicidade. “Sei que durante os teus doze anos de casamento com o teu primeiro marido o teu médico te disse que nunca terias filhos. Ele estava errado. Consigo ver-te a embalar um adorável rapazinho nos teus braços.” Vários meses depois ela ficou grávida e eu quis muito juntar-me à sua felicidade, mas não consegui. “Simplesmente não consigo estar feliz com esta gravidez,” disse eu ao meu secretário. “Este não é o bebé que vi nos braços dela...” A Pat perdeu o bebé e, após consolá-la, aponte-lhe que ela ainda teria o rapazinho que eu previ. “Eu sabia que acabarias por perder este bebé,” disse eu, “mas a felicidade que o teu filhinho te dará compensará largamente por isso... e eu quero ser a sua madrinha!” Hoje, Philip Lee Williams é um rapaz em crescimento e substituiu com sobras a tristeza que acompanhou os anos anteriores.

Muito frequentemente, previsões e bons amigos parecem andar de mãos dadas, talvez porque pense neles com frequência. Vejam a minha amizade com Louise e Harold Mott, por exemplo. Conhecemo-nos desde o dia em que fiz uma previsão sobre o bebé dela em 1945. Um amigo mútuo enviou a Louise ter comigo quando ela parecia estar extremamente perturbada com a saúde do seu filho. “Pode dizer-me o que há de errado com o meu bebé?” perguntou ela implorando. “Ele tem algo que possa ser curado?”

Parece estar bem quando está deitado nos meus braços, mas de alguma forma fica doente quando o ergo. O que posso fazer?” Um olhar convenceu-me de que a criança estava num ponto muito baixo. Foi-me mostrado psiquicamente que ele não viveria muito mais tempo e que a cirurgia a ser realizada nele não teria sucesso. Conteí a verdade que tinha visto. Quando o marido dela regressou do serviço no estrangeiro, consultaram imediatamente um cirurgião especialista que recomendou a cirurgia. Ele achava que o problema era causado por uma ligeira pressão no cérebro e que poderia possivelmente ser resolvido através de uma operação. A cirurgia foi realizada, mas sem sucesso. O rapazinho morreu.

Após o funeral, a Louise veio ver-me. “Não haverá mais filhos para mim, Jeane,” declarou ela enfaticamente. “Todo o meu amor é para a minha filhinha de agora em diante.” “Eu vejo as coisas de forma diferente, Louise,” disse eu alegremente. “Vejo-te não apenas com uma, mas com três meninas!” Ela riu. “De onde viriam?” retorquiu ela. “Não tenho planos para mais nenhuns.” Três meses depois, ela ligou-me. “Estou grávida, Jeane,” anunciou ela ofegante. “A tua previsão parece estar a tornar-se realidade.”

A história repetiu-se quando ela descobriu que estava grávida novamente um ano e meio após o nascimento da sua segunda menina. “Tu és responsável pelas últimas duas,” observou ela no dia em que ligou para me dar as boas notícias. Claro que eu não era responsável por nenhuma das duas — era apenas uma mensageira.

Uma noite, enquanto o Jimmy e eu jantávamos com alguns amigos no final de 1966, senti um impulso súbito de ir a um telefone e ligar à Louise. “A tua segunda filha acabou de ter um pequeno acidente de automóvel, mas não é nada com que te devas preocupar,” assegurei-lhe. “Podes, no entanto, sugerir-lhe que se mantenha fora de carros nas próximas semanas.” Após a filha regressar a casa nessa noite, a Louise contou-lhe o meu aviso. “Acabámos de ter o acidente que a Sra. Dixon previu,” disse a filha surpreendida. “Não foi nada senão uma pequena mozza e um guarda-lama raspado...”

Uma coisa que o meu aviso fez, porém, foi torná-la especialmente cuidadosa. Ela evitou deliberadamente os carros, mas quase escorregou uma noite, como a Louise me contou mais tarde, quando um namorado muito especial lhe pediu para ir a uma festa com ele. “Ela esteve prestes a ir, mas decidiu contra isso no último momento,” confessou a Louise. “Ainda bem que o fez. O rapaz envolveu-se num acidente quase fatal a caminho da festa e ficará hospitalizado durante semanas. Se ela o tivesse acompanhado, talvez não estivesse viva hoje.”

Fiz uma terceira previsão para a Louise há cerca de três anos, precisamente quando me preparava para voar para a Califórnia. Na minha pressa não consegui chegar à fala com ela, por isso liguei para a sua irmã Rachel, em Nova Iorque. “Diz à Louise para ser compreensiva com o Harold quando ele lhe disser que vai deixar os seus escritórios de advocacia e vai trabalhar por conta própria. O que ele está a planear fazer é realmente o melhor e tudo vai correr muito bem.” Quando a Rachel transmitiu a minha mensagem à irmã, a reação foi quase igualmente previsível. “Consegues imaginar-me a ouvir isto da Jeane primeiro e não do meu próprio marido?” disse ela com um olhar atónito. “Eu como, durmo e bebo com o tipo, mas ele nunca me disse que era nisto que estava a trabalhar!” Eu não fui clarividente neste caso; foi meramente transferência de pensamento que me alertou para os planos do Harold.

A minha última previsão relativa à Louise e ao Harold ocorreu na primavera de 1967, quando a Louise ligou e me disse excitada que ia redecorar a casa toda. “Devias ver-me agora,” disse ela, recuperando o

fôlego entre as palavras. “Estou a segurar o telefone numa mão e um monte de amostras de tecido na outra, e estou a afogar-me em livros de papel de parede, tabelas de tintas e amostras de tecidos.” “Espera aí, Louise,” disse eu. “Abranda. Enquanto estavas a falar, vi homens a carregar móveis para fora da tua casa.

É bastante claro para mim que te vais mudar em breve.” “Isso não pode estar certo, Jeane,” reagiu ela. “Não temos nenhuns planos de mudança!” “Espera de qualquer maneira,” sugeri eu, “pois vejo-te mesmo a mudar-te. Não sei para onde, mas vejo-te a deixar essa casa.” Seguindo o meu conselho, ela adiou todos os planos de decoração e não voltou a pegar nos seus livros de papel de parede, tabelas de tintas e amostras de tecidos até se ter mudado para uma nova casa no Arizona. O Harold tinha, mais uma vez, através de transferência de pensamento, contado-me os seus planos...

Há alguns que têm o dom ocasional para a cura física e mental. Houve algumas ocasiões na minha vida que sugerem que eu, também, fui usada como um canal para o poder de cura de Deus. Um exemplo interessante disto é a experiência que tive com James J. Harkins, Diretor de Serviço da *Newbury Guild*, uma firma que produz cartões de boas-festas de luxo. Em setembro de 1966, quando conheci o Sr. Harkins pela primeira vez durante uma das suas viagens de negócios à capital da nação, notei que a sua mão direita estava completamente coberta de verrugas, uma delas aparentemente inflamada e — como ele indicou depois — bastante dolorosa. Nenhum de nós mencionou as verrugas durante o nosso primeiro encontro; no entanto, fiquei preocupada com elas. Mais tarde nesse mesmo dia, um James muito surpreendido, enquanto lavava as mãos, descobriu que todas as suas verrugas tinham desaparecido. Aquele momento poderia ter sido uma coincidência.

Desde essa altura, sempre que o Jim Harkins está na cidade, encontramos-nos na Catedral de São Mateus às sete da manhã para as nossas devoções matinais. Conhece-se muito sobre a vida de uma pessoa desta forma e logo ele passou a confiar em mim. Durante doze longos anos — como vim a saber — ele tinha sido atormentado por uma dor incessante nas pernas e coxas. Por vezes tornava-se tão má que ele metia almofadas debaixo das pernas quando viajava de comboio e, se tivesse de conduzir qualquer distância, levava os pés e tornozelos ligados para suporte.

A 28 de junho de 1967, às dez para as três da manhã, ele acordou sentindo uma sensação estranha semelhante a um choque elétrico suave

percorrer todo o seu corpo, descer pelas pernas e depois desvanecer-se. Logo na manhã seguinte ele ligou-me e estava muito excitado. “Alguma vez te disse que esta minha dor tem vindo a piorar ultimamente?” “Não,” respondi eu, “mas eu já o sabia.

Tropeçaste de forma algo desajeitada uma manhã quando saímos de São Mateus porque — e eu senti-o — estavas a sentir essa dor...” “Sentiste mesmo a dor?” perguntou ele, surpreendido. “Sim, e tenho rezado por ti desde então.” Foi então que ele me contou o que tinha acontecido. Quando descreveu como o choque o afetou e depois desapareceu, soube logo que Deus o tinha curado. Desta vez não poderia ter sido uma coincidência. À data em que escrevo, já passou mais de um ano e o Jim Harkins continua sem dores.

Em 1966, a *Lady Bumgardner*, a Louise e o Harold Mott e eu voámos para Fort Smith, no Arkansas, onde fui levada de uma livraria para outra para autografar exemplares de *A Gift of Prophecy* à medida que eram vendidos. A meio do nosso itinerário, a Louise pediu ao nosso motorista para fazer um pequeno desvio para nos permitir parar no Restaurante do Porter. “O B. A. Porter, o dono, é um bom amigo meu,” explicou a Louise enquanto seguíamos caminho. “Ele está doente há meses e todos os médicos lhe dizem que parece ser causado por um vírus profundamente enraizado.

Nada do que lhe receitam ajuda. Ele arrasta-se até ao restaurante, fica umas horas e depois vai para casa, voltando para a cama. Só queria passar por lá e dizer ‘Olá’.” O Sr. Porter, parecendo de facto muito doente, estava à nossa espera. Quando a nossa breve visita chegou ao fim, peguei na mão dele e disse, sentindo quão devoto ele era: “Deus o abençoe. Vou rezar por si.” Juntos fizemos a nossa primeira oração pelo regresso da sua saúde. Rezei sinceramente e pedi a Deus que o curasse, se fosse a Sua vontade.

Desde então tenho tido notícias do Sr. Porter. As suas dores deixaram-no no momento em que caminhou de volta para a cozinha do restaurante após a minha partida. A sua força perdida também regressou como que por milagre. Agora, dizem-me, ele reza por mim todos os dias.

Um dos exemplos mais tocantes de cura aconteceu, não instantaneamente, mas como resultado de eu ser capaz de diagnosticar um problema que os médicos não conseguiam ver. É a história de Mary Alice Riesenman. Quando tomei conhecimento deste caso, ela tinha dois anos e meio e ainda não tinha dado um único passo na vida. O seu pai, o Dr. F. Regis Riesenman, o bem conhecido investigador psíquico e psiquiatra,

tinha, no decurso da tentativa de descobrir uma cura para ela, consultado os melhores especialistas em ortopedia e pediatria. Além disso, tinha levado a sua filhinha ao Instituto Internacional para a Saúde Mental, onde ela foi mantida sob observação atenta durante cinco semanas assustadoras.

Os especialistas estavam todos de acordo. Mary Alice, alegavam eles, tinha paralisia cerebral provocada ou por uma lesão no momento do nascimento ou resultante de uma doença grave que ocorreu quando ela tinha apenas um mês de idade. Estando familiarizado com a capacidade psíquica de Peter Hurkos, o Dr. Riesenman, em desespero, enviou-lhe alguns artigos de vestuário da Mary Alice. O Sr. Hurkos, que tem sido capaz de adivinhar factos até então desconhecidos sobre pessoas através do contacto físico com alguns dos seus bens, respondeu que a Mary Alice caminharia no seu terceiro aniversário, 21 de dezembro de 1960, e que no dia de Natal desse ano faria o seu caminho até à árvore para ir buscar os seus presentes. Aconteceu como Peter Hurkos previu.

Isto foi encorajamento suficiente para o Dr. Riesenman continuar e ela foi equipada com sapatos ortopédicos e recebeu exercícios corretivos para desenvolver os músculos das pernas, apesar da sua convicção firme de que a Mary Alice nunca se tornaria totalmente ágil devido à paralisia cerebral. Numa ocasião, quatro anos depois, o Dr. Riesenman mostrou-me orgulhosamente uma fotografia de família de si próprio, da sua esposa e dos seus cinco filhos. “É esta a Mary Alice?” perguntei eu, apontando para uma das meninas na fotografia.

Ele assentiu. “Então deixa-me dizer-te o que há de errado com ela,” disse eu, e atravessei o meu escritório num andar de pato exagerado. “É assim que ela caminha” — mostrei-lhe — “e é desta maneira que ela sobe as escadas.” E lançando a minha perna direita para cima e para fora, procedi a subir as escadas. Surpresa e interesse surgiram nos seus olhos. “Exatamente,” disse ele. “Tens razão... mas nunca a viste caminhar. Como sabes isto?” “Sabes porque é que ela faz isto?” perguntei educadamente, adiando uma resposta à sua pergunta. “Oh sim,” respondeu ele, e começou a dar-me o seu historial médico até ao mais ínfimo pormenor. “Deixa-me dizer-te o que está errado,” interrompi eu. “A Mary Alice não tem paralisia cerebral. Ela nasceu com uma deslocação congénita das ancas.

Nesta altura, a natureza está a formar novos encaixes e ela continuará a melhorar e começará a caminhar melhor. Ela não precisará de cirurgia.” Foi um Dr. Riesenman agradecido que relatou as minhas descobertas a um famoso especialista em ortopedia. Os raios X confirmaram o que eu lhe

tinha dito. Uma nova série de exercícios foi receitada para a Mary Alice e concordou-se que, uma vez que a natureza tinha assumido o controlo, a cirurgia planeada não seria necessária.

Estas são algumas das percepções e experiências que tive durante uma vida inteira de tentativa de trazer a minha vida para a harmonia com a vontade de Deus, cumprindo o Seu propósito para mim nesta terra e usando os dons que Ele me deu da melhor maneira que posso. Há duas outras visões psíquicas que tive que afetaram grandemente os americanos e que são suficientemente importantes para receberem consideração separada nos capítulos seguintes: o assassinato de Martin Luther King, Jr., e o assassinato do Senador Robert F. Kennedy — ambos os quais reformularam o curso da história.

A Morte de um Sonhador

«“Tenho um sonho hoje... Tenho um sonho de que os meus quatro filhinhos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pelo conteúdo do seu carácter... Quando deixarmos a liberdade soar, quando a deixarmos soar de cada aldeia e de cada aldeola, de cada estado e de cada cidade, seremos capazes de apressar esse dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, serão capazes de dar as mãos e cantar nas palavras daquele velho espiritual negro: ‘Livres finalmente! Livres finalmente! Graças a Deus Todo-Poderoso, somos livres finalmente...’”» (Martin Luther King, Jr., Verão de 1963)

«“E depois cheguei a Memphis. E alguns começaram a falar das ameaças — ou a falar sobre as ameaças que circulavam. Ou sobre o que me aconteceria por parte de alguns dos nossos irmãos brancos doentes. Bem, não sei o que acontecerá agora. Temos alguns dias difíceis pela frente. Mas isso agora não me importa realmente. Porque estive no topo da montanha. Não me importarei. Como qualquer pessoa, gostaria de viver uma vida longa. A longevidade tem o seu lugar. Mas não estou preocupado com isso agora. Só quero fazer a vontade de Deus. E Ele permitiu-me subir à montanha. E olhei para o outro lado e vi a Terra Prometida. Por isso estou feliz esta noite. Não estou preocupado com nada. Não temo homem algum... ‘Os meus olhos viram a glória da vinda do Senhor’.”» (Martin Luther King, Jr., 4 de abril de 1968)

«“E, vendo-o de longe, antes que chegasse perto deles, conspiraram contra ele para o matarem. E disseram uns aos outros: Eis que vem lá o sonhador. Vinde, pois, agora, e matemo-lo, e lancemo-lo nalguma cova, e

diremos: Uma fera má o comeu; e veremos o que será dos seus sonhos...”»
(Gênesis 37:18-20)

E a 4 de abril de 1968, um sonhador foi morto... Uma conspiração? Um ato de ódio de um único indivíduo? Oficialmente talvez nunca saibamos, mas eu sabia que Martin Luther King, Jr., acabaria por ser assassinado já em 1960. “A sua utilidade terminará em 1968,” disse eu ao meu marido Jimmy e a alguns dos nossos amigos próximos numa reunião naquela altura. “Sinto fortemente que, para obter o avanço rápido que o Dr. King deseja para o seu povo, ele começará a usar comunistas conhecidos, com a crença de que será mais capaz de servir o seu povo. Em vez de ele ser usado, porém, os comunistas inverterão a situação e começarão a usar o movimento negro para servir os seus próprios objetivos. Assim que tiverem infiltrado o movimento negro, o Dr. King deixará de ter utilidade para a causa comunista — e eles eliminá-lo-ão. Isto,” prossegui na previsão, “acontecerá em 1968, quando a sua utilidade para eles tiver acabado. Ele sofrerá uma morte violenta.”

Quando digo que Martin Luther King e os comunistas trabalharam juntos, não implico que ele fosse comunista ou que apoiasse a conspiração comunista como tal dentro dos Estados Unidos. Sinto, no entanto, que a influência deles sobre ele foi suficiente para dizer que ele se tinha tornado um instrumento involuntário dos comunistas. Esta informação veio-me não numa revelação, mas através de telepatia. Tive indícios já em 1948 de que comunistas dentro dos Estados Unidos estavam a planear a sua infiltração no movimento negro, mas não foi até 1960 que começaram a planear o assassinato do homem que estaria a liderar os negros na sua luta pelos direitos civis em 1968.

Durante anos o movimento cresceu e, a 29 de janeiro de 1964, o Diretor do FBI, J. Edgar Hoover, testemunhou perante um subcomité da Câmara:

« “[O partido Comunista] esforça-se apenas por explorar o que são frequentemente queixas e reclamações legítimas dos negros para o avanço dos objetivos comunistas. Questões raciais controversas ou potencialmente controversas são deliberada e avidamente agarradas pelos comunistas para a exploração mais completa possível. Incidentes raciais são ampliados e dramatizados por comunistas num esforço para gerar tensões raciais. Como resultado, tais campanhas são na realidade utilizadas como um trampolim para estender a influência comunista entre os negros.” »

Não há dúvida de que o Sr. Hoover tinha factos para o apoiar. Na verdade, o *Congressional Record* de 29 de julho de 1963 contém informações dos arquivos do Comité da Câmara sobre Atividades Antiamericanas relativas a cinquenta e nove dos oficiais, membros do conselho de administração, comités jurídicos, de saúde e outros da NAACP. Estes registos indicam que, entre eles, estes membros estiveram associados a mais de 450 organizações identificadas como frentes comunistas pelo Governo dos E.U.A.

Embora muitos membros tenham apenas um número limitado de afiliações passadas ou presentes com estas organizações, alguns têm impressionantemente mais. Um fundador e oficial-chave da NAACP, por exemplo, o falecido W. E. B. DuBois, tinha nada menos que noventa e seis afiliações em frentes comunistas. Senti esta ligação muito antes de inquéritos oficiais chegarem aos factos concretos.

Em 1955, um homem descrito pelo Dr. King como um “organizador brilhante, eficiente e dedicado e um dos melhores e mais persuasivos intérpretes da não-violência”, o Sr. Bayard Rustin, juntou-se ao Dr. King como um conselheiro próximo e de confiança. No entanto, no passado, o Sr. Rustin tinha sido membro do grupo da Liga Juvenil Comunista no *City College* em Nova Iorque. Mesmo alegando ter-se demitido da YCL no início dos anos 40, continuou a trabalhar de perto com organizações como a *War Resisters League*, que considero questionável.

As suas atividades incluíram também trabalhar no e com o Fórum Americano para a Educação Socialista, que foi citado pelo Subcomité de Segurança Interna do Senado como uma frente comunista. Em 1957, o Sr. Rustin assistiu à décima sexta convenção nacional do partido Comunista dos Estados Unidos e mais tarde em 1958, de acordo com o *Congressional Record* de 13 de agosto de 1963, o mesmo Sr. Rustin fez uma viagem à Rússia para participar numa reunião do Comité de Ação Não-Violenta Contra Armas Nucleares. Hoje, porém, o mesmo Sr. Bayard Rustin é o Diretor Executivo do Instituto A. Philip Randolph e também Presidente do Comité Executivo da Conferência de Liderança sobre Direitos Civis.

Não há dúvida de que, enquanto o Dr. King procurava organizar formalmente o movimento negro, “outros” elementos estiveram presentes logo desde o início pois, quando ele formou a Conferência de Liderança Cristã do Sul em março de 1957, o Dr. Fred Shuttlesworth estava lá com ele. Quem é o Dr. Shuttlesworth? O Dr. Shuttlesworth durante a década de 1960 era o presidente do Fundo Educativo da Conferência do Sul, e é aí

que reside a dificuldade. De acordo com um relatório das audiências do Subcomité de Segurança Interna do Senado realizadas em março de 1954,

«“O Fundo Educativo da Conferência do Sul, Inc., foi inicialmente um adjunto da Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano. Após a exposição da Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano como uma frente comunista, esta começou a murchar e foi finalmente dissolvida, mas o Fundo Educativo da Conferência do Sul, Inc., continuou. O jornal oficial, o Southern Patriot, que era publicado pela Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano, foi assumido pelo Fundo Educativo da Conferência do Sul, Inc., que professa o mesmo propósito ostensivo.”»

«“A Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano foi concebida, financiada e estabelecida pelo Partido Comunista em 1938 como uma organização de massas para promover o comunismo em todos os Estados do Sul. Earl Browder, antigo secretário-geral do Partido Comunista nos Estados Unidos, numa audiência pública, identificou a Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano como uma das ‘correias de transmissão’ do Partido Comunista. Sob a data de 29 de março de 1944, a Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano foi citada pelo Comité Especial de Atividades Antiamericanas como uma frente comunista...”»

Em 1960, quando Bayard Rustin saiu do círculo próximo de conselheiros do Dr. King, outro homem, Jack H. O’Dell, também conhecido como Hunter Pitts O’Dell, ocupou o seu lugar. Quem é O’Dell? Um estudo de dois volumes intitulado *Structure and Organization of the Communist Party of the United States*, publicado pelo Comité da Câmara sobre Atividades Antiamericanas, tem uma lista na página 576 daqueles eleitos para o comité nacional do partido Comunista dos E.U.A. conforme conhecido pelo Comité em novembro de 1961. Hunter Pitts O’Dell está lá listado...

Outro nome de interesse em ligação com esta história de infiltração é o do Dr. James A. Dombrowski. Ele, incidentalmente, foi uma das pessoas que mudou da Conferência do Sul para o Bem-Estar Humano para o Fundo Educativo da Conferência do Sul. Foi o Dr. James A. Dombrowski quem foi identificado nas audiências do Subcomité de Segurança Interna do Senado em março de 1954 como membro do partido Comunista por outro comunista admitido, John Butler, um antigo oficial da delegação do partido no Alabama. O Dr. King estava ciente disso.

«“King tem cooperado estreitamente com o Fundo Educativo da Conferência do Sul desde o nosso último relatório,”» de acordo com o

conselheiro do Comité Jack Rogers, do Comité Legislativo Conjunto do Louisiana sobre Atividades Antiamericanas, numa publicação do Comité que trata das atividades do Fundo Educativo da Conferência do Sul, Inc., no Louisiana.

«“Ele [King] apresentou uma longa declaração sob juramento no Tribunal Federal em Nova Orleães apoiando fortemente James A. Dombrowski e o Fundo Educativo da Conferência do Sul como ‘integracionistas’ de bom carácter. Quando vi esta declaração, enviei a King três cópias do nosso primeiro relatório sobre o Fundo Educativo da Conferência do Sul por correio aéreo, entrega especial; e enviei-lhe uma mensagem através do seu advogado, Wiley A. Branton, de Atlanta, Geórgia, dizendo que ele, King, poderia comparecer em Tribunal em Nova Orleães e repudiar a declaração se assim o desejasse, com base no facto de lhe terem sido dadas provas das ligações e liderança comunistas do Fundo Educativo da Conferência do Sul... Se King estivesse alguma vez inclinado a limpar-se da mancha do Comunismo, esta teria sido uma oportunidade excelente, bem justificada dadas as circunstâncias. Lamento informar o Comité de que nenhuma resposta, fosse ela qual fosse, foi recebida de Martin Luther King, e a sua declaração ainda consta no registo do tribunal em Nova Orleães, apesar do seu conhecimento certo do verdadeiro carácter da liderança comunista do Fundo Educativo da Conferência do Sul.”»

O círculo de conselheiros do Dr. Martin Luther King, Jr., tinha sido infiltrado por comunistas e ele aparentemente não se opôs porque queria usar o seu dinheiro, os seus contactos e o seu génio organizacional para o avanço do seu próprio povo.

«“Estou farto e cansado de pessoas dizerem que este movimento foi infiltrado por comunistas e simpatizantes comunistas,”» foi citado como tendo dito no New York World-Telegram, a 23 de julho de 1964.

«“Há tantos comunistas neste movimento de liberdade como há esquimós na Flórida.”» Robert F. Kennedy, então procurador-geral, concordou com ele por razões que desconhecemos. *«“Com base em toda a informação disponível do FBI e de outras fontes,”»* comentou ele, *«“não temos provas de que qualquer um dos principais líderes dos grandes grupos de direitos civis sejam comunistas ou controlados por comunistas. Isto é verdade em relação ao Dr. Martin Luther King, Jr., sobre quem foram feitas acusações particulares, bem como em relação a outros líderes.”»* No entanto, o que citei aqui é apenas uma pequena porção das

provas disponíveis acumuladas na Biblioteca do Congresso, apontando para uma infiltração pesada dos comunistas dentro do movimento dos direitos civis.

«Durante o último ano antes da morte do Dr. King, a minha convicção de que o ano de 1968 seria o seu último ano ganhou força e entrou em foco nítido. Na segunda-feira dessa semana fatídica em abril, o meu marido pediu-me para entregar alguns papéis confidenciais ao falecido Frank W. Boykin, antigo congressista do Alabama e mais tarde presidente do conselho da *Tensaw Land and Timber Company*. Os Boykins são nossos amigos há muitos anos, e ver o Frank e a sua esposa foi sempre um prazer. “Fica e almoça connosco, Jeane,” persuadiu a Sra. Boykin. “Está um dia tão bonito...” Assim, juntei-me a eles e aos seus outros convidados para almoçar no terraço do Hotel Washington...

“Lembro-me muito bem desse dia,” recordou Frank Boykin. *“Estávamos a almoçar na sala de jantar no terraço do hotel. Ao nosso lado estava sentado o Mayor Washington, a discutir política com um par de jornalistas... a mesa dele estava quase a tocar na nossa... A minha mente voltou aos anos felizes que passei em Washington como congressista do Alabama, e o meu amor pela cidade e pelo nosso modo de vida era tão grande que eu simplesmente não conseguia concordar com a ideia de milhares de pessoas a usarem-na para outra marcha de protesto...”*

Tenho falado com muita gente no Sul ultimamente, disse eu à Jeane, e estão todos preocupados com estes problemas e tudo o mais, e detesto ver o Martin Luther King chegar aqui e organizar outra marcha sobre a cidade. Tenho uma reunião planeada com o Congresso Charles Halleck, Connie Rivers, Bob Sikes e Armstead Seldon na esperança de obter uma injunção para impedir King e os seus milhares de seguidores de marcharem sobre Washington... porque onde quer que ele vá, o problema segue-se mais cedo ou mais tarde...”

Jeane ergueu os olhos do seu prato e tocou na minha mão. *“Não te preocupes com isso, Frank,”* disse ela com certa tristeza. *“Martin Luther King não chegará a Washington... ele será baleado antes de conseguir chegar aqui. Será baleado no pescoço...”* *“Mas ele está a planear vir cá nos próximos dias para organizar esta coisa,”* disse eu, sobressaltado e incrédulo. *“Não me digas que ele será baleado tão cedo...”* *“Precisamente tão cedo,”* enfatizou ela. *“Ele nunca chegará aqui. Será baleado primeiro... e Robert Kennedy será o próximo!”»*

Saí do hotel e regressei ao meu escritório. Um homem tinha ligado enquanto eu estava fora e insistira em falar comigo. Finalmente, convencido de que eu não estava disponível, pedira à minha rececionista, Barbara, para anotar uma mensagem e instruíra-a firmemente a certificar-se de que eu a recebia. “Diga à Sra. Dixon que antes do fim da semana a bandeira na Casa Branca estará a meia-haste... Ela compreenderá.” Essa foi a mensagem dele. Na quarta-feira dessa mesma semana, entrou outra chamada. Desta vez, a chamada foi encaminhada para Victor Rand.

“Certifique-se de que a Sra. Dixon recebe a minha mensagem. Diga-lhe que não há dúvida — a bandeira da Casa Branca estará a meia-haste antes desta semana acabar.” O Sr. Rand contou-me sobre o assunto quando regressei ao meu escritório mais tarde nesse dia. Ele parecia perturbado e preocupado, embora não tivesse conhecimento da chamada anterior atendida pela Barbara. Explicou, algo nervoso, que ficara impressionado com a voz culta de quem ligara, mas confuso com a sua maneira insistente e a obscuridade da sua mensagem.

O Sr. Rand disse que pressionou o interlocutor por uma explicação, mas este apenas respondeu: “Diga apenas à Sra. Dixon o que lhe disse... ela compreenderá.” O Sr. Rand concluiu: “E com isto, desligou. O que é que ele queria dizer, Sra. Dixon?” “Ele quer dizer que Martin Luther King, Jr., será assassinado antes do fim da semana!”

Na noite desse dia fatídico, a Sra. Nancy Smith e eu estávamos a jantar no *Blackie's House of Beef*. Enquanto desfrutávamos da visita dos proprietários, o Sr. e a Sra. Ulysses Auger, à nossa mesa, um homem que estivera a observar a máquina de teletipo instalada no corredor do restaurante arrancou um pedaço de fita da máquina, deu alguns passos até à nossa mesa e entregou-me calmamente a tira de fita, enquanto dizia:

“Aqui tem, Sra. Dixon, a sua previsão. Martin Luther King está morto.”

Com os comunistas, o assassinato nunca é trabalho de um só homem. A conspiração faz parte da ideologia comunista, e Martin Luther King, Jr., foi vítima de uma conspiração desse tipo. Recebi psiquicamente que o homem que matou o Dr. King não é James Earl Ray (que não é comunista). Ele esteve envolvido na trama, mas não conhecia a extensão da conspiração até estar demasiado envolvido para conseguir sair. Ele não sabe os nomes verdadeiros dos outros envolvidos na trama de assassinato, mas pode reconhecer o seu “contacto” se for colocado face a face com ele. Ele apenas

conhece o homem pelo seu nome fictício... Consegui sintonizar-me no canal do seu “contacto” e vi a mudança de nome.

Vejo quatro pessoas a planear os passos finais do assassinato. Vejo-as a traçar os detalhes de última hora com precisão. Primeiro, há um homem jovem, de estatura média, loiro, na casa dos trinta anos. Vejo-o a gesticular, a discutir, a pensar... Depois há o homem que cometeu o assassinato propriamente dito. Ele está no final dos seus vinte ou início dos trinta anos. É branco, de complexão média e de fala suave. É um comunista ou um assassino experiente usado pelos comunistas. Ele esteve envolvido na trama logo desde o início, quando esta foi planeada num local inteiramente diferente de Memphis. Mais uma vez, devo enfatizar isto: o assassinato não foi um ato espontâneo. Foi premeditado. Alguns dos colaboradores próximos do Dr. Martin Luther King, Jr., estavam a par, e são estas as pessoas que organizaram os detalhes finais que levaram ao seu assassinato. Os assassinos não tiveram total sucesso em fazer de Ray o bode expiatório de todo o caso. Num artigo com direitos reservados, a *U.S. News and World Report* de 24 de março de 1969 listou uma série de perguntas sem resposta.

«*“Alimentando a suspeita generalizada de conspiração,”* relata a revista, *“estiveram estes desenvolvimentos: Ray disse ao tribunal, no seu processo de uma hora e meia, que discordava de várias ‘teorias’ de que não houve conspiração para matar o Dr. King. Mas não elaborou sobre a sua declaração. Em Washington, o Departamento de Justiça revelou que a ‘investigação sobre as alegações originais de uma conspiração ainda está aberta’.* A viúva do Dr. King, Coretta, e muitos outros negros duvidaram que Ray tivesse agido sozinho. Disse a Sra. King: *‘Esta confissão de culpa não pode permitir que se feche o caso, que se acabe a busca pelos muitos dedos que ajudaram a premir o gatilho’.* John Larry Ray, um irmão do homem condenado, disse ao *St. Louis Post-Dispatch*: *‘O meu irmão disse que havia mais alguém nesta jogada, mas isso foi abafado pelo Federal Bureau of Investigation’.*

O Subcomité de Segurança Interna do Senado anunciou que estava a reunir provas relativas a uma possível conspiração. Disse o presidente, o Senador James O. Eastland (Dem.), do Mississippi: *‘Há algumas coisas sobre este caso que me indicam que pode ter havido uma conspiração’...* O registo de Ray também foi citado para indicar a sua inépcia passada no crime. No entanto, foi apontado que ele conseguiu levar a cabo o assassinato de uma figura nacional de forma quase perfeita e depois iludir

uma das caçadas humanas mais extensas do mundo durante dois meses enquanto cruzava fronteiras internacionais sem impedimento.”»

Existem outras perguntas que precisam de resposta se os opositores da crença de que houve de facto uma conspiração envolvida quiserem silenciar toda a oposição. Não havia nada no passado de Ray que indicasse fanatismo. Ele não tinha razão aparente para querer matar Martin Luther King. Por que razão então, se Ray foi suficientemente frio e organizado para concretizar o assassinato alugando um quarto de pensão barata, fechando-se na casa de banho e matando King com apenas um tiro, entrou em pânico e deixou a sua espingarda para trás — a única coisa que o poderia ligar ao homicídio?

Não há nada no seu passado que sugira os contactos necessários ou o planeamento organizacional essencial para organizar as suas falsas identidades e a sua fuga elaborada para a Europa. Isto exigiu mais do que o planeamento habitual e mais dinheiro do que Ray alguma vez possuiu. Onde é que ele obteve os cerca de 10.000 dólares que gastou durante o tempo em que fugiu da Penitenciária Estadual do Missouri em abril de 1967 até ser capturado em Londres a 8 de junho? Com a morte de Martin Luther King, fica uma pessoa mais que se poderá tornar potencialmente perigosa para os comunistas — a sua esposa, Coretta King.

«“A Sra. King tem muito do mesmo carisma do seu marido,” relata a Newsweek de 24 de março de 1969. “Aonde quer que vá, uma multidão de admiradores fervorosos, negros e brancos por igual, parece materializar-se quase de imediato... Inicialmente, Coretta levava a sua mensagem com as palavras do Martin. Pouco depois do assassinato, apareceu no lugar dele num comício contra a guerra em Nova Iorque e usou como texto notas que ele deixara. Mas, à medida que continuou a cumprir a sua longa lista de aparições, desenvolveu a sua própria ideologia. Esta está enraizada no que ela entende ser a filosofia em desenvolvimento de King... Ela despreza o envolvimento dos E.U.A. na ‘guerra civil’ do Vietname e pede ‘amnistia’ para os resistentes à conscrição e desertores do Exército.”»

«“O Reverendo Abernathy herdou a posição do Dr. King,” explica um líder dos direitos civis do Norte. “Mas a guardiã da imagem é a Sra. King.”» É aqui que vejo problemas futuros. Coretta King tornar-se-á muito ativa na política, onde o seu magnetismo pessoal e destemor lhe serão muito úteis. A sua determinação, no entanto, levá-la-á a graves sarilhos com outros membros da comunidade negra. Vejo as mesmas pessoas que

exerciam as suas doutrinas comunistas sobre o Dr. King a tentarem agora usar a sua esposa como o tinham usado a ele.

Devido às circunstâncias, o seu próprio povo acabará por se virar contra ela e, nos anos vindouros, ela correrá grande perigo de perder a vida. As suas atividades não serão compreendidas e rasgarão o movimento negro em várias fações em vez de o unificar. Martin Luther King, Jr., dedicou os últimos anos da sua vida à causa da justiça social e económica para o seu povo e para todos os povos.

Na sua obsessão bem-intencionada mas equivocada, acreditou que poderia trazer o bem que procurava manipulando infiltrados e recursos comunistas para servirem o seu propósito. Devido a este grave erro de cálculo, a sua vida foi tirada e o seu movimento sofreu uma divisão profunda. A sua causa era grande; os seus meios não o foram. Mas o impacto da sua vida e trabalho continuará a ser sentido nos anos vindouros.

5

A Morte de Robert, o Filho de Job

Quando RFK morreu, não foi porque tivesse de morrer. A sua vida poderia ter sido mais longa e produtiva — contudo, ele escolheu morrer. Alguns chamaram-lhe **“a vontade de Deus”**. Não foi de todo assim. Sei-o porque todas as visões que recebi sobre a morte iminente do Senador Robert F. Kennedy eram reflexos de pensamentos de homens. Homens planearam a sua morte, não Deus. Eu simplesmente sintonizei-me nos canais deles e os seus planos foram-me expostos. Eu **“vi-o”** morrer — contudo, sei que ele poderia ter prolongado a sua vida se tivesse apenas escutado...

Num capítulo anterior, aponteí que as vibrações dos membros da família Kennedy são extremamente poderosas e que muito do que planeiam ou do que lhes acontece me é continuamente revelado. No livro bíblico de

Job, Capítulo 1, Job perdeu todos os seus filhos porque Satanás assim o quis e Deus permitiu que acontecesse. Esta história tem uma sequência trágica. Chegou-me num sonho quando vi o patriarca bíblico Job aparecer do passado distante e caminhar até um Joseph Kennedy solitário, abraçando-o com um toque terno e compreensivo. Voltei-me para Job e olhei para o seu rosto. Estava sulcado pela dor e compaixão, e marcas de lágrimas secas apareciam no seu rosto queimado pelo sol.

Olhei para o Joe... e vi o seu rosto distorcido pela angústia e pelo luto. Um medo incontrollável transparecia nos seus olhos quando ele virou a cabeça e reconheceu o rosto de Job... “O que queres?” conseguia sentir a mente dele implorar. “Por que me abraças? O que temos nós em comum?” E o susto ofuscou o brilho majestoso da sua aura enquanto ele parecia esperar pela resposta... Mas Joseph Kennedy sabia a resposta, e eu também! Sempre soube que a tragédia perseguiria a família Kennedy. Vi acontecer ao John Kennedy e sabia que o Robert se seguiria.

Quando, a 4 de abril de 1968, disse ao Frank e à Ocllo Boykin que Martin Luther King, Jr., seria baleado, seguido por Robert F. Kennedy, não foi a primeira vez que partilhei a minha visão relativa à morte de RFK. Mas finalmente, a 13 de setembro de 1967, senti que era imperativo informar pessoalmente o Senador Robert Kennedy sobre este perigo para a sua vida e selecionei James Fahey, autor de *Pacific War Diary* e amigo próximo tanto dos Kennedys como meu, para ser o meu embaixador na tentativa de nos aproximarmos.

«“A 13 de setembro de 1967, fiz uma das minhas visitas ocasionais à capital,” recordou Jim Fahey quando questionado sobre essa primeira tentativa de estabelecer comunicação direta entre Jeane Dixon e Robert Kennedy, “e passei por casa da Jeane. Tens de fazer uma coisa por mim, Jim, disse ela com uma nota de urgência na voz. Tenho de ver o Senador Robert Kennedy — é extremamente importante. Tenho um exemplar autografado do meu livro, *A Gift of Prophecy*, para o senador, e quando lho entregares, por favor diz-lhe que tenho de o ver sobre um assunto de gravidade extrema... espero que ele compreenda. A minha receção foi a habitual quando cheguei ao escritório do Bobby. É bom ver-te, Jim. Sorriu ele. Há alguma coisa especial que eu possa fazer por ti hoje? Esta era a minha oportunidade! Agarrei-a! Sim, Bobby, há. A Jeane Dixon pediu-me para te entregar este exemplar autografado do livro dela, e disse que te quer ver. Pediu-me para te dizer isto! Sei que dizer que ‘lhe caiu como uma bomba’ é muito estereotipado, mas foi dessa forma que ele reagiu. Recuou

e depois parou. Lentamente, a cabeça baixou até os seus olhos fitarem o chão à sua frente. Percebi que a minha mensagem o atingira com força... e por um breve momento pensei que ele ia responder, mas nada saiu... o silêncio foi a única reação tangível. Passaram vários momentos antes de eu quebrar a quietude mortal da sala. Tenho de ir agora, Bobby. Tenho um compromisso para ver o Senador Ralph Yarborough do Texas. O Senador Kennedy olhou para cima cansado, mas de resto impassível. Dá-lhe os meus cumprimentos, Jim, disse ele suavemente. Obrigado por teres passado por cá... Perguntei-me se ele estaria a falar a sério desta vez. Depois de regressar ao escritório da Jeane, contei-lhe a reação de Robert Kennedy. Ela pareceu desapontada, mas não comentou. Mais tarde, nesse mesmo ano, escrevi-lhe uma carta, afirmando novamente que achava que ele deveria entrar em contacto com Jeane Dixon. Sugeri que poderia ser feito de forma informal. O Bobby nunca respondeu.”»

Após discursar numa convenção de acionistas e detentores de franchises da organização *Kentucky Fried Chicken* durante janeiro de 1968 em Miami Beach, Flórida, perguntei à audiência se tinham quaisquer perguntas específicas, o que é meu costume após dar uma palestra. Naquela altura específica, muitas das perguntas versavam sobre o mesmo assunto. “Robert Kennedy tornar-se-á alguma vez Presidente dos Estados Unidos?” perguntou um dos acionistas. A minha resposta foi direta e incondicional. “Não,” respondi. “Ele nunca se tornará Presidente dos Estados Unidos.”

Lembro-me desta pergunta tão claramente porque me surpreendeu que ninguém tivesse pressionado por mais detalhes. Para a audiência, era apenas uma de muitas perguntas e, uma vez dada a resposta, passaram por cima dela e prosseguiram para a seguinte. Além disso, naquela altura o Senador Kennedy ainda não tinha anunciado a sua candidatura à Presidência, pelo que parecia apenas um assunto de importância relativamente menor. Sendo homens de negócios, acabaram por virar a discussão para a sua própria empresa. “É aconselhável comprar mais ações da Kentucky Fried Chicken?” inquiriu um membro da audiência. “Certamente que sim,” respondi, “pois vejo que ela se vai dividir muito, muito em breve!” (Desde essa altura, já se dividiu duas vezes.)

Nessa mesma noite, aproximadamente catorze convencionistas juntaram-se a mim na minha suite no Hotel Fontainebleau. Com eles estava o meu amigo Jim Matthews, Presidente da cadeia de restaurantes *Topps Drive-In* na área de Washington, D.C. — agora Vice-Presidente e membro do conselho da *Gino's, Inc.*, uma organização que controla 170

restaurantes. Mas foi Frank Callahan, um executivo de relações públicas de uma firma de Filadélfia, que quis saber mais sobre a minha previsão sobre Kennedy. “Tem a certeza de que Robert Kennedy nunca chegará à Presidência?” disse ele. “Sim, Sr. Callahan,” respondi. “Recebo que ele será assassinado na Califórnia em junho próximo.” Naquela altura não previ que seria em Los Angeles, mas sabia que seria na Califórnia. Foi um grupo de pessoas pensativo que deixou a minha suite naquela noite.

«*“Depois de a Jeane falar perante o banquete da nossa Convenção da Kentucky Fried Chicken,” recordou Jim Matthews, “alguns de nós subiram à suite dela no hotel. Comigo estava o Frank Callahan, um executivo da agência de publicidade Lewis and Gilman em Filadélfia, que trata da nossa conta. O Frank estava muito ansioso por conhecer a Jeane, por isso veio connosco. Devia haver pouco mais de dez pessoas lá naquela noite, e alguém brincou: ‘Ok, Jeane, dá-nos mais algumas previsões’. ‘Vou dar,’ respondeu ela, ‘mas mantenham esta em segredo por agora. Vou dar-vos mais detalhes sobre a minha previsão relativa ao Senador Kennedy. Ele nunca se tornará Presidente porque será assassinado na Califórnia em junho deste ano. Ele terá um destino semelhante ao do seu irmão Jack’. Também no mesmo fôlego, disse-nos que teríamos graves problemas com a Coreia do Norte... e, curiosamente, os norte-coreanos capturaram o USS Pueblo poucos dias depois. De qualquer modo, alguns dias após o assassinato do senador, tínhamos uma gravação comercial agendada aqui em Washington para o Coronel Sanders. O Frank Callahan veio de Filadélfia e com ele veio o Gus Cacoran e o nosso executivo de conta. O Frank entrou no estúdio e caminhou direito a mim com um olhar bastante estranho. ‘Jim, quero dizer-te uma coisa. Quando regressiei a Filadélfia depois de a Jeane ter feito aquela previsão sobre Robert Kennedy na sua suite do hotel, contei ao Gus. Ele não acreditou em mim. Sinceramente, disse ele, não consigo acreditar que alguém possa ter o poder de prever eventos assim com tanta antecedência no futuro. Ele mudou entretanto de opinião’. ‘Podes crer que sim,’ interrompeu o Gus. ‘Digo-te que a partir de agora acreditarei em tudo o que ela prever. Estou convencido!’”»*

A ameaça do assassinato de Robert Kennedy permaneceu comigo e, a 29 de março de 1968, enquanto discursava no pequeno-almoço de celebridades *Theta Sigma Phi* em Fort Worth, Texas, previ novamente a sua morte à Mia Whitehead, que me acompanhava, aos membros do comité de boas-vindas e à esposa do Senador John Tower do Texas. “Ele será baleado,” observei impulsivamente, “enquanto estiver na Califórnia!” A 4 de março de 1968, James Fahey teve outra reunião com o Senador Kennedy

e saiu do seu escritório convencido de que o senador de algum modo pressentia que a eternidade começara a fechar-se sobre ele.

«*“Estava em Washington em ligação com a Fundação Children to Children da Jeane Dixon,”* relatou Fahey, *“e passei pelo escritório dela. A Jeane estava ocupada, por isso subi para ver o marido dela. Enquanto esperava, peguei num jornal e a primeira coisa que me saltou à vista foi uma coluna de Bob Duke, um dos redactores do Mobile, Alabama, Register. Tinha a data de terça-feira de manhã, 20 de fevereiro de 1968. ‘JEANE DIXON PREVÊ SELDEN DENTRO, BOBBY FORA’, dizia a manchete. ‘A vidente de Washington Jeane Dixon disse a uma multidão cativada de mais de 5.000 pessoas aqui na segunda-feira à noite que o Senador Robert F. Kennedy nunca será eleito Presidente’.*»

Continuava a listar mais previsões sobre a política dos E.U.A., mas não me interessaram. Por que diria ela que ele nunca se tornaria Presidente? Ele nem sequer estava na corrida! Quando vi a Jeane mais tarde nesse dia, não mencionei a história do jornal, nem a mencionei ao Bobby quando o vi na manhã seguinte. Tinha a certeza de que por esta altura ele não se deixaria intimidar pelo que quer que Jeane Dixon pudesse prever para ele. Mas nesta ocasião específica reconheci o primeiro sinal de que, embora o Bobby pudesse não fugir de uma morte ou derrota prevista, ele pressentia que algo estava iminente. Tornou-se óbvio quando lhe dei uma pequena placa de S. Patrício que eu tinha comprado em Boston. Era uma coisa pequena e simples, com S. Patrício de um lado e um poema de três linhas do outro.

O Bobby leu-o: *‘Que Possas Estar no Céu Meia Hora Antes de o Diabo Saber que Estás Morto’*. A mão dele tremeu enquanto os seus olhos seguiam as palavras, mas o sorriso que eu esperava nunca se materializou. Ele não falou... na verdade, a sua reação foi muito semelhante à que tive quando lhe disse que Jeane Dixon o queria ver. Ficou apenas a olhar para aquilo. Os seus olhos estavam tristes e melancólicos quando finalmente olhou para mim.

Uma semana após essa reunião, vi-o novamente, mas desta vez estava na televisão a anunciar a sua decisão de concorrer à Presidência. Tudo se encaixou então: o pedido urgente da Jeane para o ver, a reação dele ao meu poema, a expressão triste nos seus olhos... Fiquei assustado e procurei formas de chegar até ele e dizer-lhe que ele nunca conseguiria... A oportunidade surgiu quando, a 27 de maio de 1968, visitei Dave Powers no seu escritório no Centro Federal de Registos em Waltham, Massachusetts.

O Dave fora anteriormente um dos assessores do Presidente Kennedy na Casa Branca e a nossa amizade vinha do tempo em que apresentei um exemplar do meu livro, *Pacific War Diary*, ao Presidente. Passei por lá agora para renovar o nosso conhecimento e ao mesmo tempo para lhe pedir que pressionasse o Bobby para uma conferência com a Jeane. ‘Dave,’ disse eu seriamente, ‘tenho notícias que te vão deixar de queixo caído. Trata-se de Robert Kennedy e Jeane Dixon. Sei que pretendes ir à Irlanda esta semana com a Joan e a Eunice Kennedy para a dedicação do Parque Presidente Kennedy. Queres dizer à Joan que acho que ela devia organizar uma pequena reunião familiar e convidar a Jeane porque ela tem de falar com o Robert?’. ‘Queres contar-me?’, perguntou ele. ‘Não posso, Dave... quem me dera poder’. ‘Ok, eu digo-lhe...’. A próxima vez que vi o Dave foi a 1 de julho, um mês após o assassinato...”»

O nosso amigo, o falecido Congressista Frank Boykin do Alabama, também tentou avisar os Kennedys da futilidade do esforço de Robert Kennedy em concorrer à Presidência, mas novamente sem sucesso. «“Quando a Jeane previu a morte de Martin Luther King e a de Robert Kennedy no mesmo fôlego durante o nosso almoço no Hotel Washington, não foi surpresa para mim,” comentou o congressista.

“Ela estava sempre a dizer que o Bobby nunca conseguiria... mas King e Kennedy — e aparentemente num espaço de tempo tão curto um do outro — ambos estavam a causar tantos problemas... O Bobby estava sempre a aconselhar o que todos os negros deveriam fazer, e ele não compreendia... nunca ganhou um tostão na vida, nem nunca teve de trabalhar... Tentei avisá-lo, mas ele não quis ouvir. O pai dele, Joe Kennedy, é um dos melhores amigos que tenho. Nos bons velhos tempos, ele chefiava a Comissão Marítima dos E.U.A. enquanto eu era o vice-presidente do Comité da Marinha Mercante. Somos amigos há mais de trinta e cinco anos e somos muito próximos. Uma vez, enquanto alguns de nós almoçávamos na casa dele em Hyannisport, o Joe levantou-se e fez-me o elogio mais simpático que qualquer homem poderia fazer a outro.”»

«“Se eu tivesse apenas mais um amigo como o Frank Boykin,” disse ele ao grupo, “não precisaria de mais amigos.” Creio que foi devido à nossa relação próxima que ele me contactou mais tarde para me perguntar se eu faria algo com o Bobby... mas ninguém conseguia, sabe. “A Jeane Dixon disse-me repetidamente que algo aconteceria ao Bobby. Ele não ouvia ninguém. Seguiu o seu próprio caminho. Há algum tempo o Joe ligou-me precisamente quando eu estava a dar um banquete para 165

senadores e congressistas e disse: ‘Frank, tenta chegar ao Bobby e vê o que podes fazer com ele’. ‘Joe,’ disse eu, ‘sabes que não consigo fazer nada com ele.’

Ele não ouve. Ele quer simplesmente fazer tudo... tudo no mundo, sabes...’. ‘Eu sei,’ disse ele desesperadamente. ‘Então vê se consegues que o Howard Smith fale com ele’.” Assim, liguei ao Congressista Smith, e ele e o Bobby falaram longamente. “Sabe, o Bobby era simplesmente impetuoso,” concluiu Frank Boykin. “O Jack era tão diferente. Era um homem de coração bondoso.”»

Embora tenha tido muitos pressentimentos relativos à morte de RFK, eu estava convencida de que ele realmente não tinha de morrer como eu previra. Contudo, o sentimento de que isso acabaria por acontecer tornou-se cada vez mais forte até àquele dia final, 28 de maio de 1968, quando percebi com certeza que a morte estava finalmente e irrevogavelmente a fechar-se sobre ele. Eu estava a discursar numa convenção no Grande Salão de Baile do Hotel Ambassador, em Los Angeles, nesse dia e quando, no final do meu discurso, convidei a perguntas da plateia, a questão que parecia estar na mente de todos foi a primeira a ser feita. “O Bobby tornar-se-á Presidente dos Estados Unidos?” perguntou uma senhora, e uma audiência tensa e expectante aguardou pela resposta.

A resposta veio-me com uma finalidade feroz e implacável. Veio na forma de uma cortina preta que desceu entre a audiência e eu quando o nome de Robert Kennedy foi mencionado. Caiu como um relâmpago e não parou até chegar ao chão. Era preta... era rápida... e era final! Vi-o claramente. “Não, não se tornará. Ele nunca será Presidente dos Estados Unidos,” respondi calmamente, “devido a uma tragédia aqui mesmo neste hotel.” Repeti isto após a reunião ao Capitão George Maines, um oficial da Legião Americana, e à Sra. June Wright, sogra do vice-governador da Flórida, que estavam comigo. “Acha que deveríamos informar a gerência do hotel?” perguntei eu. “Por favor, Jeane, não o faça!” respondeu o Capitão Maines, visivelmente abalado. “O Bobby Kennedy deve falar aqui na próxima semana, e isso apenas os preocuparia.”

June Wright não concordou com ele. Decidiu fazer um esforço sério para chegar à sua amiga Rose Kennedy, a mãe do senador, que estava hospedada no Hotel Ambassador nessa noite. June confessou-me mais tarde que fez três chamadas para a Sra. Rose Kennedy, deixando mensagens, pedindo-lhe que retribuísse as chamadas para a informar da

previsão, mas a Sra. Kennedy ignorou as chamadas. June Wright nunca teve a oportunidade de a avisar.

Enquanto saíamos do salão de baile pelo corredor da cozinha, senti subitamente a Morte... Ela estava por todo o lado, enchendo todo o corredor com tudo o que era sombrio e maligno. Uma escuridão absoluta rodeou-me e correntes ameaçadoras fecharam-se sobre mim de todos os lados. Recuei e devo ter parecido atingida, pois George Maines gritou: “O que se passa, Jeane? O que está a acontecer?”

A voz dele trouxe-me de volta à realidade. “Robert Kennedy... Este é o lugar onde ele será baleado, George! Vejo-o cair no chão coberto de sangue...” Tenho a certeza de que foi o dia em que o assassino completou os planos na sua mente e selecionou o local para o atentado.

« “A minha determinação em eliminar R.F.K. está a tornar-se cada vez mais uma obsessão inabalável por favor pague à Ordem... R.F.K. deve morrer,” » escreveu ele no seu diário a 18 de maio de 1968. « “Robert F. Kennedy deve ser assassinado antes de 5 de junho de 68... Nunca ouvi por favor pague à ordem de de de de de de de de de isto ou aquilo. R.F.K. deve ser eliminado como o seu irmão foi.” »

Enquanto Sirhan Bishara Sirhan escrevia estas palavras, estava imbuído de um ódio insano e dominado por uma compulsão de matar. E enquanto eu estava em Washington a desenvolver planos para aumentar a eficácia da *Children to Children, Inc.*, e Robert Kennedy pregava a sua doutrina de nova política e a necessidade de uma continuação das políticas do seu irmão, o futuro assassino árabe dirigia-se à loja de armas *Lock, Stock 'n Barrel* em Pasadena, Califórnia, e pedia balas de baixa potência «para usar no campo de tiro».

A loja tinha esgotado esse material. “Então dê-me o que tiver de melhor,” disse Sirhan, e comprou duas caixas de *Mini-Mags* muito mais potentes, semelhantes a balas *dum-dum*. Nos dias seguintes, podia ser encontrado duas vezes por dia a praticar tiro rápido com a sua pistola de calibre .22. E a 5 de junho, nas primeiras horas da manhã, uma das *Mini-Mags* de Sirhan Bishara Sirhan atingiu finalmente o seu alvo predestinado e extinguiu a centelha de vida que fizera de RFK um homem.

O julgamento por homicídio de Sirhan Bishara Sirhan acabou por ser uma grande desilusão para o jovem assassino — por estranho que pareça. Ele tornou-se um grande herói aos olhos do mundo árabe e, no seu íntimo, gostaria de receber não só a pena de morte, mas também de ser submetido à

execução propriamente dita. Está convencido de que o seu ato foi um ato de puro patriotismo e que a sua morte o tornaria um mártir. Quer ser aquele a quem erguerão uma estátua e que passará para as páginas da história como aquele que ajudou a causa árabe.

«“A próxima vez que vi o Dave Powers,” disse Fahey, “foi um mês após o assassinato. ‘Deste à Joan Kennedy a mensagem sobre a Jeane querer ver o Bobby?’, perguntei. Os seus olhos refletiam uma tristeza e uma luta emocional interna pelo autocontrolo enquanto respondia: ‘Não, escapou-me. Havia tanto para fazer durante aquela viagem... a tua mensagem simplesmente escapou-me da memória,’ e abanou a cabeça como que para apagar uma recordação desagradável. ‘Estás livre para me dizer agora do que se tratava tudo aquilo?’. ‘A Jeane Dixon previu que o Bobby nunca se tornaria Presidente dos Estados Unidos. Também previu a sua morte,’ retorqui tristemente. Remorso aprofundado pela tristeza transpareceu no seu rosto, ao perceber o verdadeiro significado da mensagem esquecida. Poderia ele ter possivelmente evitado a morte de RFK?

Quero acreditar que sim, pois a Jeane sempre disse que a morte de Robert Kennedy não tinha de ocorrer. Talvez tenha sido isso que passou pela mente de Dave Powers. Poderia a sua transmissão da mensagem ter alterado o curso da história, ou será possível que, se a mensagem tivesse sido entregue à Sra. Rose Kennedy, RFK ainda assim não quisesse ouvir? Só Deus sabe.”»

O magnetismo pessoal e a energia impulsionadora de Robert Kennedy atraíram as esperanças e aspirações de milhões de americanos — particularmente de jovens americanos. A sua morte súbita e violenta foi um choque profundo para todos os americanos e será recordada nos anos vindouros como um dos principais sinais dos tempos turbulentos em que viveu.

No Limiar do Futuro

Visões, mensagens telepáticas, sentimentos psíquicos — todos me dão um conhecimento profundo do que está para acontecer na nossa geração e mais além e, quando anuncio estes eventos frequentemente cataclísmicos, sinto uma grande ansiedade. Sei que muitos destes eventos não ocorreriam se a humanidade apenas ouvisse a voz de Deus.

Por vezes, visões e mensagens telepáticas surgem em sucessão tão rápida que parece estarem a lutar por prioridade; sinto isto constantemente e, quanto mais visões experiencio, mais profunda se torna a minha compaixão pela humanidade atribulada. A humanidade nunca será capaz de criar um mundo de paz sem fé e amor pelo Rei da Paz. Como mero canal de comunicação, tudo o que posso fazer é apontar os perigos à frente e esperar e rezar para que aqueles que conseguem ouvir prestem atenção. É nesta função de “mensageira” que relato as seguintes previsões tal como me foram reveladas.

RÚSSIA: O GRANDE PROBLEMA INTERNACIONAL

Repetidamente, ao longo dos últimos anos, avisei que a Rússia não tem qualquer desejo de abolir o seu objetivo de dominação mundial. Embora tenha visto a U.R.S.S. a enviar mantimentos de guerra para o Vietname, Coreia, Argélia, América Central e Cuba, e a usar Cuba como base de partida para a infiltração nos países latino-americanos, também observei os russos a esconderem inúmeros mísseis balísticos intercontinentais sob escolas primárias cubanas para impedir qualquer tentativa da nossa parte de os destruir.

Um desenvolvimento surpreendente do último ano é a presença cada vez maior de submarinos russos a operar perto da costa boliviana. Por que razão as suas armas estão apontadas à Bolívia, não sei. Pode, no entanto, ser parte do design global russo para colocar o mundo inteiro sob o seu domínio. Já em 1948, este “grande design” para a dominação mundial começou a ganhar forma na minha mente através de telepatia e evoluiu ao longo dos anos para o seguinte padrão:

ESTRATÉGIA COMUNISTA SOVIÉTICA (Não nuclear) OBJETIVO:

Aumentar o número de ditaduras controladas pelos soviéticos através da destruição do capitalismo, dominação do mundo socialista, subversão e penetração económica de áreas fora do bloco soviético e neutralização — se possível através de tratados — do uso de armas atómicas e termonucleares.

CRONOGRAMA:

- 1955-1960: 1. Desestruturar os pactos da NATO, SEATO e Bagdade. 2. Evitar a guerra com o Ocidente a todo o custo. 3. Obter a máxima penetração no Médio Oriente e no Sudeste Asiático, evitando uma guerra direta com os E.U.A. 4. Aumentar a pressão política em África, a norte do Equador.

- 1960-1975: 1. Nenhuma guerra na Europa; nenhuma guerra com os E.U.A. 2. Manter a pressão no Sudeste Asiático e manter os E.U.A. envolvidos. 3. Assegurar o Médio Oriente desde o Nilo até ao Passo de Khyber; negar o acesso dos E.U.A. ao petróleo do Médio Oriente. 4. Assegurar todas as áreas desde a Jugoslávia até ao Quênia, incluindo o Mediterrâneo. 5. Assegurar as Filipinas e a Indonésia.

- 1975-1980: 1. Europa, Índia e Japão juntam-se à economia do bloco soviético. 2. Deixar a Austrália, Rodésia e África do Sul para os E.U.A. 3. Usar iniciativa audaz e trabalhar pela dominação da América Latina. 4. Criar condições caóticas para a economia dos E.U.A.

- 1980-1990: 1. Consolidar as possessões do bloco soviético no Hemisfério Oriental. 2. Aumentar as pressões económicas e subversivas no Hemisfério Ocidental; guerra com os E.U.A. se necessário.

- 1990-2000: 1. Absorver o Hemisfério Ocidental por todos os meios necessários, incluindo uma guerra atómica se for preciso.

Embora este seja o plano mestre russo conforme o percebo, não é de todo certo que tenham sucesso na sua grande conquista. Mas não se pode negar que a sua influência se está a espalhar com rapidez e que as suas atividades subversivas se fazem sentir não só em países como os do Médio Oriente, mas em revoltas estudantis na América e na Europa. Estas revoltas estudantis continuarão a espalhar-se por todo o mundo. Vi dois árabes a atuar como intermediários soviéticos.

Um parece um árabe típico — cabelo escuro, olhos escuros e pera. Não sei o seu nome completo, mas vi partes do seu nome. O segundo homem parece mais velho, tem cabelo branco, um rosto algo redondo e usa um turbante branco. Recordo-me que o seu nome era bastante longo e começava pela letra S. Estes dois homens têm estado ativos no pagamento aos árabes pelos seus ataques de guerrilha a Israel. Isto é feito com moedas de ouro que têm a aparência de moedas dos E.U.A., mas que são cunhadas com ouro siberiano na U.R.S.S. São moedas de um, cinco, dez e vinte dólares.

Vi o ouro a sair da Sibéria e observei as moedas a serem cunhadas. Mais tarde, vi evidências destas moedas a serem examinadas de perto em Washington e observei as nossas autoridades a estabelecerem a sua origem russa. O montante total cunhado nos últimos vinte anos ascende a centenas de milhões de dólares. Este processo de cunhagem, incidentalmente, ainda continua.

Atuar como conselheiros e organizadores de revoltas estudantis e greves de protesto é outra especialidade dos génios organizacionais russos. Há já um tempo considerável que aviso que os motins raciais e a agitação estudantil foram, e ainda são, instigados, financiados e controlados por comunistas. No outono de 1968, vi um homem cujo nome apareceu numa visão psíquica apenas com as letras D-E-M-I... a viajar de cidade em cidade, reunindo-se com elementos raciais desiludidos e potenciais líderes estudantis, organizando motins e demonstrações.

“Demi...” — agora conhecido por mim através de relatos de jornais como Pyotr N. Demichev — é um membro valioso do KGB russo (Gabinete de Segurança do Estado) e trabalha nesta função específica diretamente sob as ordens de Mikhail A. Suslov. As suas vibrações são estritamente de «Moscovo». Ultimamente, porém, observei-o a viajar na Europa e em África. Há alguns meses viajou para França depois de ter passado algum tempo a organizar revoltas em Inglaterra. Ele é o homem por trás de muitos dos motins raciais que têm assolado inúmeras nações.

O momento de muitos motins raciais e estudantis é determinado, por mais inacreditável que pareça, pelos três homens que controlam o Comité Central da U.R.S.S.; Mikhail A. Suslov está atualmente no comando geral. Boris M. Ponamarev é o homem que controla os partidos comunistas estrangeiros, enquanto Yuri V. Andropov parece estar no comando total de todos os assuntos que lidam com os partidos comunistas nos países

satélites. Juntos, estes homens controlam Aleksei Kosygin, Leonid Brezhnev e a estrutura militar da União Soviética.

Também vi que os russos estão interessados no Vietname, presentemente, apenas como um meio eficaz de desviar a atenção americana da Europa. O seu objetivo principal continua a ser a Alemanha Ocidental e Berlim em particular. Várias vezes durante 1968 avisei alguns dos nossos principais senadores sobre o perigo que o nosso país enfrentará se ratificarmos o muito publicitado Tratado de Não-Proliferação Nuclear. A Rússia quer que este tratado entre em vigor o mais depressa possível, mas não assinará enquanto a República Federal Alemã não for pressionada a assinar. Só então a U.R.S.S. se comprometerá. Estão convencidos de que o seu poder militar não convencional é maior do que o do mundo ocidental e, uma vez que o tratado entre em vigor, considerarão seriamente marchar sobre a Alemanha Ocidental, visto que o tratado não nos permitirá usar armas nucleares para travar as suas hordas esmagadoras.

Prevejo que, se e quando executarem este plano, não iremos para a guerra por causa disso. Algumas pessoas podem argumentar que a NATO não tolerará isto; em resposta a isso, permitam-me dizer o seguinte: a assinatura do Tratado de Não-Proliferação Nuclear marca o início do fim da NATO. Esta organização tornar-se-á bastante ineficaz a partir de 1970, pois antes do fim desse ano a maioria das nações interessadas terá ratificado o tratado e os inspetores russos poderão verificar as atividades da NATO.

A AMEAÇA DE MÍSSEIS TERRESTRES ESTÁ A AUMENTAR

No verão de 1967, enquanto falava às esposas do nosso pessoal militar de alta patente e aos seus convidados em Fort Myer, Virgínia, relatei que tinha visto uma longa cordilheira de montanhas na qual estavam armazenados centenas de mísseis, muitos deles apontados às nações livres da Europa Ocidental. No início da minha conversa, eu não sabia o nome destas montanhas, mas subitamente surgiu diante dos meus olhos — “Montanhas Cárpatos” era o nome — e não hesitei um momento em usá-lo no meu discurso.

Surgiu-me, estou certa, através de telepatia, vindo de um ou mais dos representantes dos países da Cortina de Ferro que tinham sido convidados para esta reunião. À minha menção aos Cárpatos, a esposa de um oficial de uma nação supostamente neutra deu um salto e declarou que não permaneceria para ouvir o seu país ser publicamente acusado. Uma vez que eu não mencionara nenhum país em particular — e o meu atlas mundial

mostrava que os Cárpatos fazem parte de várias nações da Europa de Leste — a sua ação pareceu ser muito imprudente, mas reveladora. Desde essa altura, concentrei-me mais profundamente na questão da ameaça de mísseis dos Cárpatos, e o número total de mísseis apontados à Europa Ocidental a partir dessas montanhas ascende agora a 750!

COREIA E VIETNAME

Os mesmos russos que ditaram a conduta da guerra da Coreia, Suslov, Ponamarev e Andropov, estão também a definir a política na guerra do Vietname. Há anos que, perante anúncios otimistas dos nossos altos funcionários, vejo o espectro medonho de morte e destruição no Vietname. Em cada discurso que fiz durante os últimos anos, afirmei que esta guerra continuaria, apesar dos relatos auspiciosos à nação por parte de políticos e generais. Vi, e ainda vejo, mais sangue americano a ser derramado nos campos de batalha. Sempre liguei o futuro do Vietname e da Coreia, pois politicamente são o mesmo problema.

Figuram no plano russo de manter os Estados Unidos ocupados no Oriente enquanto os russos definem os seus objetivos de conquistas no Ocidente. Vejo a morte e a destruição continuarem a assolar tanto o Vietname como a Coreia. As negociações de paz de 1969 relativas ao futuro do Vietname produzirão uma paz temporária — mas os combates voltarão a eclodir. Enquanto os russos não executarem os seus planos para a Alemanha Ocidental, manter-nos-ão envolvidos no Vietname. Também tentarão enredar-nos no Peru e noutros países da América Latina. O seu principal objetivo, contudo, nesta altura, é manter-nos afastados da Alemanha.

O DESARMAMENTO É UMA FARSA

As discussões para o desarmamento mundial continuarão por mais alguns anos, mas enquanto algumas nações vão realmente desarmar em resultado das negociações, os líderes dos países que mantêm as conversações não têm absolutamente nenhuma intenção de desarmar. Estes líderes trabalharão e falarão de desarmamento total, e concordarão — como a Rússia concordará — com a inspeção internacional, mas fazem-no

porque, nessa altura, terão instalações de testes secretas aperfeiçoadas ao ponto de estarem a salvo de inspeção.

Haverá um grande movimento de paz nessa altura e ainda mais após a conclusão das conversações de desarmamento. A falsa segurança que acompanhará este movimento embalará a maioria do nosso povo e muitos dos nossos líderes políticos no sono. O dinheiro poupado em resultado do desarmamento será canalizado para a expansão da indústria de consumo, mas levará a uma grande destruição, pois enquanto a paz parece estar na mente de todos, a destruição súbita e a guerra ocorrerão em 1999. Na década de 2030, um homem que terá ganho reputação como um “pacificador”, grande em estatura informacional e muito admirado, emergirá como o “senhor da guerra” dos tempos modernos.

Toda a nação o apoiará, acreditando que aquele que foi tão forte na paz também pode ser vitorioso na guerra. Ele terá poder militar à sua disposição e possuirá uma força maior do que qualquer pessoa antes dele, e usá-la-á para combater a ameaça da China Vermelha que, nessa altura, estará a combater na Rússia e nos países escandinavos. A sua mudança de pacificador para génio militar e ditador será tão súbita, abrupta e absoluta que as pessoas, pela primeira vez na história moderna, acordarão e perceberão que foram enganadas! Pois será por isso que ele entrou na política!

O FIM DE CASTRO ESTÁ À VISTA

O ditador de Cuba, Fidel Castro, está a perder rapidamente influência e poder no seu governo insular. Em cada ocasião que me concentro nele, vejo que os seus dias no poder estão contados porque ele já não é útil para os seus chefes comunistas. O governo cubano não só é dominado pelos russos, como o próprio Suslov está a ditar os assuntos cubanos diretamente de Moscovo. Cuba tornou-se um problema de primeira magnitude para os soviéticos. Se não fosse o facto de Raoul Castro, agora um comissário político comunista, ter estado a proteger o seu irmão, Fidel já poderia ter sido removido. Sinto que ele pressente a morte súbita a espreitar ao virar da esquina e que não será natural.

A influência de Raoul também está a diminuir. De cada vez que medito sobre ele, vejo uma grande bola a rolar para longe, tornando-se cada vez mais pequena à medida que rola... o que me indica que ele acabará também por perder o seu poder e utilidade para Moscovo. A morte de

Fidel, contudo, não marcará o fim do comunismo em Cuba. O país tornou-se uma base de treino para guerrilheiros norte-coreanos, tailandeses, birmaneses, argelinos e africanos.

Estes homens são treinados por instrutores chineses, sob comando russo. Guerrilheiros sul-americanos e outros destinados a operar no mundo ocidental — incluindo dezenas de militantes negros dos E.U.A. — são treinados pelos próprios russos. O futuro de Cuba tornar-se-á uma fonte principal de discórdia entre a China e a U.R.S.S.

ESCASSEZ DE ALIMENTOS DEVIDO À NEGLIGÊNCIA EDUCATIVA

Estamos em perigo extremo de direccionar os nossos esforços educativos excessivamente para os campos altamente técnicos e não dar ênfase suficiente aos assuntos relacionados com a agricultura. Temos uma necessidade premente de equilíbrio na educação. Prevejo uma grave escassez de alimentos a surgir após 1979 se não forem tomadas medidas para erradicar o desequilíbrio no nosso sistema educativo. Todos os nossos recursos, todo o nosso conhecimento técnico avançado estão a ser direccionados para a conquista do espaço sideral, mas negligenciamos a boa terra que torna tudo isso possível.

UM COMETA ATINGIRÁ A NOSSA TERRA

Vi um cometa atingir a nossa terra por volta de meados da década de 1980. Terramotos e maremotos abater-se-ão sobre nós em resultado do tremendo impacto deste corpo celeste num dos nossos grandes oceanos. Poderá muito bem vir a ser conhecido como um dos piores desastres do século vinte. Embora a localização aproximada do ponto de impacto me tenha sido revelada, não sinto que deva revelá-la nesta altura, mas fornecerei um aviso mais detalhado numa data futura.

O PROBLEMA POPULACIONAL

Recentemente, o Sr. Robert McNamara afirmou publicamente que um esforço mundial de planeamento familiar, “numa escala humana mas

massiva”, é necessário para evitar “consequências catastróficas”. Falando na Universidade de Notre Dame, continuou o seu aviso dizendo que « *“se há algo certo sobre a explosão populacional, é que, se não for tratada de forma razoável, explodirá de facto em sofrimento, explodirá em violência, explodirá em desumanidade.”* » O Sr. McNamara está errado. Não prevejo nada deste género. É verdade que temos um problema populacional, mas isto não é nada de novo. Cada sociedade e geração teve os seus problemas, mas não haverá consequências catastróficas. Não teremos de confiar na “pílula” ou noutros métodos contraceptivos. Em vez disso, a educação melhorada e a orientação familiar tornar-se-ão a solução aceite e tornarão as pessoas conscientes das suas responsabilidades tanto como pais quanto como cidadãos.

CISÃO NA IGREJA CATÓLICA

Nos próximos vinte anos, a Igreja Católica passará por mudanças mais drásticas na doutrina e na tradição do que alguma vez na história. Números cada vez maiores de sacerdotes e altos funcionários pedirão autorização para casar — e acabarão por casar, com ou sem autorização. A Igreja ficar-se-á tão dividida em questões de dogma e princípio que se cindirá em muitas fações. Haverá, contudo, muitos que se manterão fiéis aos velhos caminhos e não abandonarão as tradições da Igreja. Sempre viveram por elas, rezaram por elas e morrerão por elas.

O SUPREMO TRIBUNAL DOS E.U.A.

Num discurso público que proferi durante o período de 1968 em que o nome do Juiz Abe Fortas fora nomeado para Chefe de Justiça do Supremo Tribunal, um membro da audiência perguntou: “Abe Fortas tornar-se-á Chefe de Justiça?”. Respondi que não o via como Chefe de Justiça e, na verdade, não o via a permanecer por muito tempo no Tribunal. *Prevejo agora que o Presidente Nixon nomeará cinco novos juizes do Supremo Tribunal durante o seu mandato.*

PRESIDENTE NIXON

Ao contrário do que se murmura, o Presidente Nixon não está a ser enganado por aqueles na sua equipa que persistem em dizer-lhe que a atual liderança soviética é fraca, dividida e confusa. Ele está plenamente consciente dos factos reais! Sintonizando-me com a Rússia, recebo vibrações harmoniosas a emanar do próprio núcleo da hierarquia soviética, mostrando uma liderança forte, unida e politicamente ativa com planos em progressão gradual para dividir a nossa liderança e os nossos povos. O

Presidente Nixon surgirá com uma solução surpreendente para uma questão muito importante, e vejo que é aconselhável que o Presidente confie no seu próprio julgamento nesta matéria. O Presidente tem previdência e deve usá-la e confiar nela.

Compreendo que o Presidente não precise de procurar apoio moral para avançar na sua própria decisão... isto é importante. As pessoas — não só na América, mas internacionalmente — não compreenderão por que razão esta decisão importante e de longo alcance foi tomada desta ou daquela forma, mas o futuro provará que a sua decisão foi sábia. O seu progresso será lento mas seguro. Vejo que o Presidente será firme e resoluto nas suas decisões nos seguintes assuntos:

1. Assuntos externos e o seu efeito nos assuntos internos.

2. Comércio Leste-Oeste.

3. Desordens estudantis. Sob o primeiro tópico vem a guerra do Vietname, que é muito, muito importante; o segundo poderia afetar seriamente a economia do nosso país de forma adversa, e o terceiro está ligado diretamente a planos subversivos para a revolução mundial. Sinto que, se o Presidente não for firme, o mundo estará em sérios apuros. O Presidente Nixon é a nossa última esperança. Como tenho dito repetidamente, vejo a construir-se no nosso país *“um governo dentro de um governo”* que poderá ter sucesso em travar as principais decisões do Presidente e causar não só aos Estados Unidos, mas a todo o mundo, problemas indizíveis!

Vejo perigo agora — a menos que o nosso Presidente guie adequadamente a política externa dos Estados Unidos, podemos esperar tumulto e rebelião no meio da abundância. Esta situação só poderia levar cada vez mais a medidas repressivas — as quais, no fim, poderiam afetar seriamente a nossa preciosa e singular liberdade. Onde quer que eu fale, a pergunta é feita repetidamente — e quanto ao Vietname?

No momento, este é o assunto mais importante da política externa e está no topo das mentes de todos os americanos. Vejo que apressar o treino e o equipamento das forças sul-vietnamitas e fornecer-lhes armas convencionais suficientes resolverá o nosso problema em grande grau, pois então vejo que poderemos começar a retirar os nossos soldados e deixar os sul-vietnamitas lutar e ganhar a sua guerra contra os comunistas. Mas o Presidente está a ser aconselhado, e loucamente, contra seguir tal curso.

LAIRD E A «FALHA DE CREDIBILIDADE»

Recebo telepaticamente que o Secretário da Defesa Melvin Laird quer manter o público informado tanto quanto possível — para apagar a chamada «falha de credibilidade» nascida durante a última administração. É claro que isto não significa que ele vá dar informações que devam ser mantidas em segredo por uma questão de segurança nacional.

O Secretário avisará em breve o público de que o nosso avião de reconhecimento foi abatido pela Coreia do Norte porque o avião estava a interferir de alguma forma com armas eletrônicas subaquáticas russas secretas. Sinto que o tiro que realmente abateu o avião veio da superfície do oceano — provavelmente de um navio — e que houve pelo menos um sobrevivente. No instante em que “vi” a explosão, também vi um número numa arma — parecia o algarismo 37.

CRISE DO OURO

O preço do ouro subirá, a nossa posição do dólar tornar-se-á precária e o governo terá problemas em prevenir o pânico financeiro.

MEDIDAS ANTI-MOTIM

O nosso Presidente e os governadores dos cinquenta estados anunciarão uma nova abordagem e uma nova firmeza ao lidar com alguns dos professores que incitam e se juntam à agitação dos estudantes.

COMÉRCIO LESTE-OESTE

Sobre este assunto, parece que as minhas vibrações vão todas num sentido, e vejo que neste momento não temos um equilíbrio de trocas entre o Leste e o Oeste, o que é lamentável, pois este sempre foi o estado economicamente mais saudável para o nosso mundo. Vejo que os nossos mantimentos de materiais estratégicos estão a ser desviados e estão a cair nas mãos dos comunistas para que estes possam levar por diante o seu plano para a revolução e dominação mundial.

Esta é uma situação muito grave, pois deve haver um tráfego equilibrado de duas vias que transporte bens para a paz, não para a guerra, se o mundo quiser sobreviver aos planos comunistas de tomada de poder. Estamos a lidar, sinto eu, com um cartel do bloco comunista que cobre o mundo inteiro — e, a menos que esta situação seja compreendida e resolvida, poderá destruir muitos países através da perturbação completa das estruturas económicas. Sinto fortemente que nesta área a Marinha

Mercante Soviética é muito influente. Vejo muitos navios a hastear o Martelo e a Foice... mas poucos a hastear as Estrelas e Riscas.

No entanto, sinto que o nosso Secretário da Defesa aconselhará fortemente a presente administração — e o público — de que a necessidade de construir mais navios deve receber a prioridade «número um», e agora! Caso contrário, como tenho previsto há muitos anos, o ano de 1970 encontrará a U.R.S.S. como a potência indiscutível dos mares, bem como das rotas aéreas.

FUNDO ESPECIAL PARA MOTINS

Vejo um influxo de dinheiro estrangeiro a entrar na América maior do que nunca. Este dinheiro do “**fundo especial**” está a ser usado para financiar motins estudantis nos *campi* do nosso país, bem como os motins raciais. Os líderes militantes são dirigidos pela U.R.S.S., que está agora a acelerar o ritmo. Eles pressionarão fortemente por mais e mais agitação, motins e violência, tudo cronometrado de acordo com o seu plano mestre de “*dividir para conquistar!*”.

A TENTATIVA PRESIDENCIAL DE KENNEDY EM 1972

Sinto as maquinações dos Kennedy mais fortes do que nunca. O Senador Edward Kennedy esforçar-se-á por capturar a nomeação presidencial democrata de 1972; no entanto, existem vibrações potentes e perigosas ao seu redor que poderiam alterar o curso da sua vida. O Senador Kennedy, ao tentar concorrer à Presidência em 1972, está a antecipar-se ao seu tempo natural e, embora o carisma e o poder financeiro — ambos os quais ele possui em plena medida — sejam muito importantes, ainda assim existe para cada um de nós nesta terra um tempo — originado e guiado por um poder maior do que toda a narrativa — e ir contra este tempo não é sábio. Vejo o bom senador um pouco prematuro na sua tentativa para a Presidência em 1972.

MUDANÇAS NA GRÃ-BRETANHA

A Inglaterra terá provavelmente eleições gerais num futuro próximo, pois haverá mudanças no escalão superior do governo — mudanças que só podem resultar de eleições gerais. Também recebo que uma pessoa de proeminência em Inglaterra sairá de cena e será pranteada nacionalmente. A Grã-Bretanha será chamada este ano a alargar as suas atividades

militares devido a uma crise internacional, que também causará muita confusão e conversa no nosso próprio país. Esta crise e a confusão resultante causarão indecisão sobre um assunto de graves proporções internacionais e ficarão registadas nos anais da história. A Inglaterra está claramente encaminhada para sarilhos com o seu presente governo, e vejo muitas, muitas mudanças.

PIORA DA SITUAÇÃO EM FRANÇA

Recebo que não foi de todo sábio votar a saída do General de Gaulle. A França está agora numa condição muito precária — tanto interna como externamente. Em breve haverá grande violência e até muita conversa sobre o assassinato de líderes franceses. A França, lamentavelmente, não vai ficar melhor com a recente mudança de governo. Isto provará ser um erro grave. Suponho que se possa dizer em relação à França que o olhar retrospectivo provará ser melhor do que a previdência.

Haverá uma reorganização completa do governo, mas os franceses chegarão muito perto da revolução, se não tiverem mesmo uma. Pelo que vejo, a França deve observar atentamente o estrangeiro que veio para Paris em 1967 para organizar as greves laborais paralisantes que virtualmente levaram a economia da França a um ponto de regressão.

BERNADETTE DEVLIN

Bernadette Devlin, eleita para o Parlamento Inglês por Belfast e a mulher mais jovem de sempre a ter assento na Câmara dos Comuns, tornar-se-á uma grande oradora. Prevejo um futuro brilhante para ela. A verdadeira grandeza espera-a. Vejo apenas um possível obstáculo — o tempo. As suas aspirações mais elevadas devem ser mantidas sob controlo, e ela deve tentar não avançar demasiado depressa. Ela é jovem — tem apenas vinte e um anos — e tem muitos anos pela frente. Surgirá com todo o tipo de novas ideias e, por vezes, será um pouco rebelde contra a submissão conservadora à convenção.

Como estudante de história e ciência política, ela discorrerá sobre situações relativas à história e fará ela própria história. Com o passar do tempo, a Miss Devlin terá grande influência sobre os outros — não apenas o seu povo, mas também os seus colegas políticos, e não apenas oralmente, mas também através dos seus escritos. Terá mais do que um casamento na sua vida, mas o sucesso no seu trabalho virá sempre primeiro e acima de tudo. Por estar tão segura das suas convicções, terá grande oposição por vezes — e isto poderá causar inimigos profundos, amargos e duradouros.

PAZ NA IRLANDA

Os problemas político-religiosos na Irlanda agitar-se-ão por mais algum tempo e depois terminarão. O fim destes problemas virá assim que a influência de certos grupos americanos pretensiosos for eliminada; no entanto, não recebo o tempo exato para isto.

PERDAS INEXPLICÁVEIS DE SUBMARINOS

Há muito tempo, de facto desde o outono de 1968, que espero que os britânicos anunciem a perda de um dos seus submarinos. Tive a visão relativa a esta tragédia no início de janeiro de 1969 e, embora nunca tenham reconhecido esta perda, sei que aconteceu. Eles revelarão, contudo, num momento oportuno, que um dos seus submarinos nunca regressou. As perdas de submarinos têm estado nas notícias desde que os russos colocaram os seus mísseis subaquáticos altamente sofisticados e de precisão mortal em pontos estratégicos nas águas do Atlântico, do Pacífico e do Mediterrâneo.

Em 1965 avisei sobre este desenvolvimento. Transmiti publicamente este aviso à Marinha dos E.U.A., dizendo-lhes que estavam a ficar rapidamente para trás da U.R.S.S. no desenvolvimento de mísseis subaquáticos. Usando os oceanos como áreas de teste, os russos destruíram com sucesso um submarino israelita, um francês, dois dos E.U.A. e um britânico. No caso da última perda dos Estados Unidos, o USS Scorpion, eu soube que ele encontraria o desastre total meio ano antes de realmente acontecer, embora nessa altura o nome ainda me fosse obscuro. O nome real Scorpion surgiu logo três meses antes da tragédia.

Novamente avisei sobre isso em inúmeros discursos, e novamente foi educadamente ignorado. No caso do Scorpion, vi um míssil erguer-se do fundo do oceano e seguir o Scorpion no que parecia ser um «túnel» de água rodopiante rodeado por biliões de minúsculas faíscas ou bolhas de ar. O míssil seguiu o submarino no seu rastro até estar suficientemente perto para exercer a sua força imobilizadora.

A coisa seguinte de que me apercebi foi que todos os circuitos elétricos do navio condenado tinham deixado de funcionar, e vi-o afundar-se no fundo do oceano — muito suavemente. Não sei se o míssil destruiu realmente o navio depois de este ter tocado no fundo, ou se foi a tremenda pressão da água que se fechou para o golpe final. Antes deste ataque, o USS Thresher e a sua tripulação tiveram um destino semelhante. Este «MIRV do mar» é um monstro feito pelo homem.

Quando vi o seu poder destrutivo em ação, avisei a Marinha dos E.U.A. sobre este desenvolvimento. Para confundir a nossa busca desesperada pelo submarino desaparecido, os submarinos soviéticos transmitiram sinais enganadores que foram captados pelos nossos navios, atraindo-os para fora da área do desastre. Implorei aos nossos oficiais que informassem o povo americano sobre estas atividades traiçoeiras dos submarinos nucleares soviéticos, mas ninguém o fez.

JAPÃO — UMA NOVA POTÊNCIA

Há algum tempo que vejo o Japão a preparar-se para uma gigantesca luta de poder económico com o Ocidente. Avançará para se tornar uma das maiores potências económicas do mundo e isto, por sua vez, não só produzirá problemas políticos no Extremo Oriente bem como no mundo ocidental, mas criará também graves problemas internos dentro dos Estados Unidos, pois afetará a estrutura e influência dos sindicatos e do movimento laboral.

A CONTROVÉRSIA DO MÉDIO ORIENTE

Embora as Nações Unidas e as grandes potências pressionem por uma solução para o problema do Médio Oriente entre árabes e israelitas, não vejo senão problemas contínuos naquela parte do mundo. A paz entre os beligerantes ainda está muito longe. O seu desentendimento só deixará de existir após o grande terramoto que atingirá Jerusalém. Até esse momento, contudo, não haverá solução real para o problema árabe-israelita. Tensão constante, debates diplomáticos acesos, confrontos fronteiriços e combates pesados, interrompidos por tréguas ocasionais de cessar-fogo forçados, caracterizarão a vida no Médio Oriente. Projetei a minha busca de informação para o ano 2000 e vejo tropas chinesas e mongóis a invadir o Médio Oriente. Vejo batalhas devastadoras a rugir descontroladamente a leste do Rio Jordão. É uma guerra do Oriente contra o Ocidente.

Será uma luta quase fútil contra um inimigo avassalador — mas o Senhor colocar-Se-á ao lado de Israel, e grandes perdas serão sofridas pelos orientais. Após a maré da batalha ter mudado, Israel tornar-se-á um dos maiores milagres de todos os tempos, pois os israelitas perceberão então que foi a intervenção de Deus que trouxe esta vitória final, e aceitarão finalmente Jesus Cristo como o Filho de Deus.

MILITANTES SOB CONTROLO ESTRANGEIRO

Vejo a turbulência racial a continuar por algum tempo neste país e a espalhar-se por todo o mundo. Os militantes e os negros instigados pelo

assassinato de Martin Luther King, Jr., criarão mais discórdia e mais tumulto. Ainda não os vejo substituídos por líderes leais ao nosso país. Só quando líderes verdadeiramente leais assumirem o controlo dos movimentos militantes é que vejo a tensão racial deixar o cenário. Vejo pouca esperança para isto, contudo, enquanto muitos militantes receberem ordens diretas da U.R.S.S.

GUERRA BACTERIOLÓGICA

Numa visão recente vi que uma das nossas instituições nacionais mais influentes está a ser usada como fachada para experiências de guerra química e bacteriológica. Como este tipo de atividade é completamente alheio ao trabalho normal desta organização, ninguém suspeitará. Recebo, no entanto, que as suas experiências são realizadas nas fronteiras indiana e russa, e no olho da minha mente vi milhares de aves morrer no decurso destes testes. Por que razão estes testes estão a ser realizados nessa área específica é-me desconhecido. Sei, porém, que como resultado destas experiências teremos uma guerra bacteriológica no futuro. Será uma guerra dispendiosa, tanto em perda de vidas como em destruição de colheitas.

A JUVENTUDE DE HOJE COLHERÁ

UMA COLHEITA AMARGA

Foi-me revelado que a nova geração — aqueles que têm até trinta anos de idade hoje — que negligencia os valores espirituais sofrerá uma miséria indizível. Esta negligência fará com que deem ênfase aos aspetos decadentes da nossa sociedade e resultará em cegá-los para verem o propósito de Deus para eles neste mundo. Os pais devem dar grande importância à criação de uma vida familiar que nutra e encoraje a espiritualidade nos seus filhos.

Apenas um retorno a Deus e ao Seu Propósito pode salvá-los. Este treino precoce também os fortalecerá contra a falsa filosofia religiosa oriental que se moverá para o mundo ocidental nos anos 2020-2030. Esta nova fé oriental terá uma influência tão profunda sobre o mundo cristão que apenas recorrendo às suas crenças antigas conseguirão os cristãos manter a sua fé.

OS IMPOSTOS DISPARAM

Dentro dos próximos quinze anos os impostos sobre o rendimento individual ter-se-ão tornado um fardo tão esmagador sobre o povo da

América que para muitos parecerá que regressámos à Idade Média, onde cada homem era tributado por todas as suas posses. Não criará uma revolta, mas diminuirá grandemente a nossa eficiência económica.

OS FENÓMENOS PSÍQUICOS AUMENTARÃO

Antes do fim da próxima década, a popularidade da ESP e dos fenómenos psíquicos atingirá um máximo histórico. As pessoas já não se sentirão inibidas pelo que os outros possam dizer sobre o assunto; terão atingido a era da experimentação em matérias psíquicas e sondarão as suas profundezas para descobrir o poder da espiritualidade. Muitos encontrarão a fé no Senhor através da ESP.

UMA MULHER PRESIDENTE

Sinto que as mulheres dos Estados Unidos pressionarão pelo que chamam de «igualdade» e farão tudo para ter sucesso. Também vejo onde uma mulher em particular pressionará longa e arduamente — e com tal segurança e convicção que se tornará a nossa primeira mulher Presidente nos Estados Unidos. Isto poderia e irá acontecer num futuro não muito distante — o tempo exato é difícil de obter, mas sinto que será seguramente na década de 1980.

ETHEL KENNEDY VOLTA A CASAR

Ethel Kennedy, a quem admiro grandemente, voltará a casar — o seu noivo é alguém que ela conhece há algum tempo. No entanto, ela será sempre um membro do «clã Kennedy» por causa dos seus filhos, e continuará politicamente ativa de forma muito semelhante à que fazia quando o Senador Kennedy era vivo.

SEGUNDO CASAMENTO PARA STREISAND

Barbra Streisand é um «talento natural» na sua profissão. Ela acabará por chegar a outros países, trabalhando sempre diligentemente para melhorar a sua voz. O seu segundo casamento será mais bem-sucedido que o primeiro. Recebo que o seu primeiro casamento foi um pouco impulsivo. Os seus muitos amigos provarão ser exigentes tanto para o seu tempo como para o seu dinheiro; no entanto, ela continuará para muitos mais sucessos profissionais. Uma palavra de cautela: com o passar dos anos, ela deve vigiar o seu dinheiro e investimentos cuidadosamente!

UM «NOVO» SINATRA PRESTES A EMERGIR

Frank Sinatra tem excelentes vibrações místicas — mas também pensamentos práticos pertencentes a algum movimento político. Escreverá um artigo de destaque para um periódico excecional e tecerá as suas próprias vistas e filosofias pessoais neste artigo. Recebo que isto será bem recebido nacionalmente. Além disso, ele é um «talento natural» para a organização política que favorece. Uma forte palavra de cautela: a sua fortuna poderá derreter-se quase diante dos seus próprios olhos se ele não for cuidadoso. O Sr. Sinatra é muito religioso — tem uma fé devota dentro da sua alma — mas consegue escondê-la do seu público.

NOVA PROFISSÃO PARA O BISPO PIKE

O Bispo Pike é um homem brilhante, mas o canal «natural» para ele não é o canal do clero, mas o canal de um homem que seria absolutamente inquietante — na verdade, um génio — como diagnosticador médico. Ele tem um grande amor pela ciência e por todas as verdades. Acabará por ter sucesso noutro campo. O Bispo Pike tem um conhecimento agudo e penetrante da natureza humana, e também um poder significativo do «olhar» — uma espécie de poder hipnótico natural, um que ele irá usar e usa para o bem, pois é capaz de convencer as pessoas a ouvir a lógica e a razão. Sinto que as pessoas ao seu redor tirarão muito do Bispo Pike mas darão pouco em troca. Felizmente, vejo que ele perderá as suas frustrações na sua nova vocação.

REI CONSTANTINO E RAINHA ANNE-MARIE DA GRÉCIA

Recebo que este casal real está a ter discórdia conjugal e separar-se-á.

LYNDON JOHNSON A CRESCER EM ESTATURA

Enquanto Lyndon Baines Johnson estava na Casa Branca, tentei avisá-lo repetidamente de que a sua dependência dos seus conselheiros seria a sua queda. Ele estava preso na guerra do Vietname e permaneceu preso durante a sua administração por causa de informadores imprudentes que continuaram a aconselhá-lo a ignorar o papel russo no Vietname. Tentei avisá-lo para não ter o seu encontro com Kosygin em Glassboro, pois Kosygin era apenas uma fachada e não tinha poder de decisão.

O Presidente Johnson lutou corajosamente e trabalhou diligentemente para desempenhar os seus deveres presidenciais, mas o seu elenco de apoio não era leal. Ele deixará uma marca maior na história como um estadista veterano do que a que deixou como Presidente, porque agora compreende que é melhor ser ele próprio do que tentar viver na imagem de outro. Ele

está agora livre para desenvolver as suas próprias capacidades ao máximo — e fá-lo-á.

MOVIMENTO ECUMÉNICO

Infelizmente, o movimento ecuménico, do qual eu esperava tanto, tornou-se mais um sonho vazio do que uma realidade viável. Vejo mais problemas nas igrejas neste século do que nunca. Os próximos vinte e nove anos serão anos de discórdia e divisão. Haverá uma maior compreensão dos pontos de vista uns dos outros, mas é esta compreensão que fará as igrejas perceberem que estão demasiado divididas para se tornarem uma só sem intervenção divina. Esta intervenção ocorrerá no final deste século, quando uma Cruz aparecerá no céu oriental e uma grande voz do céu chamará todos os homens a unirem-se sob um só Deus. Então, embora ainda permaneçam como igrejas separadas, serão chamados a unir-se numa só fé Apostólica e a reconhecer o mesmo Deus todo-poderoso. Mais uma vez, porém, muitos dos que ouvirem o chamamento de Deus não responderão.

MUDANÇAS ELEITORAIS IMINENTES

Lutas de poder internas entre as principais facções dos nossos partidos políticos, bem como a exigência popular de mudanças fundamentais, reverão completamente o nosso sistema atual de eleição dos nossos Presidentes. Vejo um corpo de homens e algumas mulheres nomear o nosso Presidente e todos aqueles que ocupam altos cargos. Uma vez que isto restringirá grandemente o poder e a influência dos líderes sindicais, levará a uma reorganização geral de todos os sindicatos nos Estados Unidos.

CARDEAIS SUBSTITUEM PAPA

Durante este século um papa sofrerá danos físicos. Outro será assassinado. O assassinato será o golpe final no cargo da Santa Sé. Este papa será o mesmo que será escolhido num futuro não muito distante mas cuja eleição não será aprovada pelo clero romano. A sua influência, contudo, será tal que ele vencerá as objeções dos seus oponentes. Embora este papa venha a ser o último a reinar como cabeça singular da Igreja, o início desta mudança ocorrerá com um dos seus predecessores que dará poderes de longo alcance aos seus cardeais. Estes mesmos cardeais usarão os seus poderes para o substituir por um mais do seu agrado.

A AMEAÇA DA CHINA VERMELHA

O maior perigo que o mundo enfrenta no futuro é a China Vermelha. Quando as negociações de paz tiverem sido aparentemente concluídas no primeiro quartel do século vinte e um, a China Vermelha mostrará os dentes. No ano 2025 a China Vermelha terá atingido uma estabilidade económica e política suficiente para avançar e tornar-se o Grande Conquistador. Nesse ano a China Vermelha marchará sobre a Rússia, conquistará uma grande parte da área norte da U.R.S.S. e não parará até ter entrado na Finlândia, Noruega, Suécia e Dinamarca, parando na fronteira alemã. Não invadirá a Europa Ocidental. Por essa altura, porém, a Rússia terá também expandido a sua esfera direta de influência. Esta já não se limitará aos países da Europa de Leste mas incluirá agora a Líbia, Etiópia, Irão e grande parte de África. Esta guerra de conquista durará de 2025 a 2037.

GRANDES CONFLITOS ARMADOS EM PREPARAÇÃO

A guerra do Vietname, comparada com as guerras que vejo no futuro, não é mais do que uma pequena fogueira. Há anos que as armas para estas guerras têm estado a entrar em países do Médio Oriente, África e América do Sul, e países como a Venezuela, Bolívia e Guatemala têm de ser vigiados cuidadosamente.

INTERVENÇÃO PELA NATUREZA

Algures por meados da década de 1980 — de facto, sinto que será no ano de 1985 — a natureza interferirá com o plano soviético para a conquista mundial. Nesse ano haverá um fenómeno natural que causará mudanças profundas nos eventos que moldam o curso da humanidade — um fenómeno natural de primeira ordem. Abalará muitos cínicos e duvidosos que se voltarão para Cristo. Mudará muitas coisas, mas quando tudo terminar, haverá um grande número de pessoas que se recusará a admitir que alguma vez aconteceu.

UMA DÉCADA DE AVANÇO NO MUNDO MATERIAL

- Impulsionados pela pressão excessiva daqueles que procuram destruir-nos, os Estados Unidos produzirão novo armamento sofisticado mais avançado do que o dos nossos inimigos.

- Um grande avanço no campo da propulsão — usando forças magnéticas e cósmicas — permitir-nos-á viajar para planetas distantes com uma simplicidade nunca antes julgada possível.

- Grandes mudanças na medicina e no bem-estar facilitarão a nossa saúde, economia e modo de vida.
- Riquezas e alimentos vindos dos oceanos afetarão grandemente as nossas dietas.
- Serão produzidos materiais com propriedades vastamente melhoradas, condutoras, semicondutoras, isolantes, magnéticas e estruturais.
- As crescentes exigências energéticas serão satisfeitas através do uso de fontes químicas, térmicas, eletromagnéticas, termiônicas e cósmicas que serão aproveitadas.
- A eletrônica avançará para além da imaginação mais selvagem. Na última década a microminiaturização avançou de 7.000 peças por pé cúbico para 700.000. Por volta de 1978 esta microminiaturização terá atingido 7.000.000 de componentes por pé cúbico!
- As instituições de ensino reverão os seus currículos no sentido de estimular o aumento da excelência na educação, de modo a desenvolver o poder cerebral necessário para esta nova tecnologia.

Deixem-me repetir que muitos dos eventos atormentadores que foram registados aqui são feitos pelo homem — eles não precisam de ocorrer — mas ocorrerão a menos que os homens se voltem para Deus. Independentemente do que o nosso futuro nos reserve, portanto, devemos ter fé n'Ele para continuar a avançar com segurança nas nossas vidas individuais. O nosso país está em perigo mais grave agora do que em qualquer outro momento da nossa história. Muito do perigo vem do interior, criado pela nossa busca de objetivos materialistas e pela nossa apatia perante o perigo.

Durante muitos anos, protegidos pelas liberdades que nos foram legadas pelos nossos antepassados e pelos grandes oceanos que flanqueiam as nossas costas, vivemos em segurança e abundância enquanto bombas, fogo e destruição atômica choveram sobre outros povos. Mas a nossa proteção já não é o que costumava ser. Os mares ao nosso redor já não são uma barreira intransponível contra mísseis atômicos vindos do ar ou do mar.

Cabe-nos parar e considerar por que estamos aqui e para onde vamos, para que possamos traçar o curso positivo a percorrer a fim de alcançar a

estrutura maior e o horizonte mais amplo sem os quais poderemos bem estar perdidos. Aqueles que carecem de um sentido de destino e providência podem sentir que o tempo encurta as dimensões e a direção. Mas aqueles que têm fé n'Ele saudarão cada nova descoberta e cada nova experiência que proporcione uma visão mais profunda sobre as inúmeras e ilimitadas maravilhas do Seu reino.

7

A Vinda do Anticristo

Quando se vive em Washington, um «sonho de uma noite de verão» está por vezes completamente fora de questão. Aqui os verões são quentes e húmidos, e as horas que passam lentamente numa noite de insónia tornam a humidade encharcada ainda mais opressiva. A noite de 14 de julho de 1952 foi uma dessas noites. Eu estivera na cama durante horas e sentia-me continuamente no limiar entre o despertar e o dormir, aquele estágio intermédio em que o subconsciente trabalha horas extraordinárias e o consciente jaz dormente, esperando pelos raios do sol da manhã cedo. Subitamente senti algo a mover-se à direita da minha cama. Senti uma presença poderosa a aproximar-se de mim...

Fiquei completamente imóvel, sintonizando todo o meu ser na percepção do que estava a acontecer. Depois outro sentimento envolveu-me; era a percepção do amor de Deus que me tinha envolvido para me proteger do que quer que estivesse para ocorrer. Olhei para o fundo da minha cama e vi a «outra» presença, com a forma de uma serpente, encostar-se suavemente contra o colchão. Senti a pressão do seu corpo aumentar, mas foi o impacto de uma força mental que me fez perceber que não era apenas um réptil.

Ondas poderosas de intelecto e majestade irradiavam dela; era uma mente que de algum modo «tirava» ao dar. Lembro-me de pensar: «Que poder! Que intelecto! No entanto não é maior do que uma mangueira de

jardim». Observei a força do seu corpo enquanto se movia, tentando enrolar-se nas minhas pernas e ancas, mas eu estava isolada do contacto físico com ela, protegida de todo o mal para o corpo ou alma pela presença do amor protetor de Deus.

Lentamente agora todo o réptil se apresentou por inteiro. Tinha crescido até ao tamanho de um braço e exibia cores impressionantes num padrão invulgar de preto e amarelo. Olhei mais de perto para a sua cabeça. Os seus olhos fitavam fixamente o Oriente, mas o que a tornava distinta eram as suas mandíbulas, moldadas como pirâmides em miniatura... A serpente virou a cabeça e os nossos olhos encontraram-se. Os seus olhos refletiam toda a sabedoria e sofrimento das eras, mas também um apelo silencioso por confiança e compreensão. Moveu a cabeça novamente, virando-se para o Oriente mais uma vez, como que para me dizer que devo olhar para o Oriente em busca de sabedoria e compreensão.

De algum modo senti que ela me estava a transmitir que se a minha confiança e fé nela fossem suficientemente grandes, eu seria capaz de partilhar da sua sabedoria ilimitada e sobrenatural. A serpente olhou para trás e, enquanto eu fitava profundamente os seus olhos, ela retirou-se e desapareceu... Um raio invulgar de luz arroxeadada que acompanhara a serpente através da janela virada a leste desvaneceu-se conforme ela desaparecia. Voltei-me e olhei para o mostrador do relógio à cabeceira. A hora era 3:14 da manhã. A visão tinha terminado.

Muitas vezes desde então a minha mente divagou de volta àquela noite e ao que experienciei. Sabia, contudo, que para ter uma compreensão plena da importância desta visão, um conhecimento profundo do valor religioso da cobra, ou serpente como a Bíblia se lhe refere, era um pré-requisito. Desde o exato momento em que Deus criou os anjos, ensina a Bíblia, Ele submeteu cada um deles a um teste, envolvendo alguma forma de responsabilidade moral, para provar a sua dignidade para o céu.

Muitos dos anjos, com aquele que viria a ser chamado Satanás à cabeça, não quiseram usar livremente a sua vontade de forma correta e cometeram pecado contra Deus neste teste e caíram da Sua graça. Erraram através do pecado espiritual do orgulho. Estavam orgulhosos das suas belas naturezas angélicas e intelectos poderosos. Ao mesmo tempo a Bíblia ensina que a maioria dos anjos permaneceu fiel a Deus sob a liderança de Miguel, e isto prepara o cenário para um conflito misterioso entre os poderes da luz e das trevas que lança a sua sombra sobre toda a família humana.

Tem sido uma crença comum entre homens de todas as tribos e povos, desde os tempos mais remotos registados, que Deus tem um adversário que lidera todos aqueles que escolhem o pecado e o mal. Mais interessante, contudo, é que cientistas que investigaram os mitos e lendas de tribos contemporâneas e antigas descobriram que estes povos ainda esperam uma batalha final entre Deus e um monstro semelhante a um dragão.

É pertinente notar que a Bíblia ensina uma doutrina semelhante. No Apocalipse 12:7-9, S. João escreve:

«“E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.”»

Satanás opera aqui na terra em muitas formas diferentes e através de vidas humanas individuais. Começou o seu trabalho na terra quando, como relata o Antigo Testamento, Eva foi tentada por ele, disfarçado de serpente. Enquanto ela olhava nos olhos da serpente, algo a fascinou com uma força avassaladora. Viu ali algum tipo de sabedoria e glamour perversamente atraentes e, desejando-os, caiu na ilusão e no engano.

Quando Jesus encontrou resistência rígida ao Seu plano de redenção por parte das pessoas que viviam quando Ele caminhou na terra, Ele desmascarou Satanás com o tipo de discurso mais claro. *«“Se Deus fosse o vosso Pai,”»* disse Ele em João 8:42-44, *«“certamente Me amariéis, pois que Eu saí de Deus, e vim... Por que não entendeis a Minha linguagem? Por não poderdes ouvir a Minha palavra. Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.”»*

Assim, a primeira e mais importante parte da minha visão da serpente ficou clarificada. Não havia dúvida de que os estudiosos tinham razão quando afirmavam que *“a serpente entre os cristãos não é senão o símbolo de Satanás, cuja cabeça será esmagada pelo Filho do Homem quando Ele vier”*. Para o cristão, a serpente, o dragão da Bíblia, está ligada diretamente à figura do Anticristo (um homem, um “príncipe da paz”, que aparecerá na cena mundial afirmando ser Cristo), que será um dos vários sinais da segunda vinda de Cristo.

Significativa a este respeito é a estátua familiar da Virgem Maria em pé na vitória, com os seus pés a pisar a serpente, que jaz impotente sob os seus pés. Desde a entrada de Satanás neste mundo, numerosos cultos com a adoração a Satanás como atração central desenvolveram-se. É um fenómeno encontrado em toda a parte na terra, recuando até aos tempos pré-históricos.

Os cientistas que investigam estes factos relatam que o culto da serpente existe em muitas formas, todas elas remontando à adoração de serpentes reais. No entanto, por trás ou dentro da forma da serpente tem havido sempre algum habitante do mundo espiritual, uma espécie de demónio. Muitas pessoas foram sempre fascinadas pelo brilho e poder do olho da serpente, as consequências súbitas e fatais da sua mordidela ou o seu abraço envolvente que acrescenta mistério.

Assim, a serpente tornou-se um tema adequado para inúmeros mitos. Por vezes era vista como a reveladora das artes e ciências da civilização; mas havia sempre uma ligação entre a serpente e uma sabedoria fascinante que o homem procura, algo diferente daquela sabedoria verdadeira e perfeita que é de Deus. Por toda a África a serpente é adorada, quer por si mesma, quer como a personificação de um deus. A adoração da serpente estende-se desde os tempos primitivos até ao presente e transitou para o vudu da América Central, Brasil e Haiti. Não só Satanás e a serpente se tornaram praticamente sinónimos e permutáveis nas tradições religiosas dos cristãos e dos hebreus, como o mundo pagão também aceitou esta ligação.

Poderia haver nesta era cristã uma identificação mais direta com a antiga serpente do que o Satanismo? Sempre houve murmúrios de uma tradição levada ao longo dos séculos de adoração explícita ao diabo, por vezes ligada à adoração da serpente. Registos históricos mostram que o Rei da Polónia, no século catorze, mandou matar um grande número de cobras, as quais estavam a ser adoradas em cultos secretos e clandestinos em várias secções do seu país.

E depois há os ritos secretos pelos quais Satanás é adorado em tempos cristãos sob a forma da chamada Missa Negra. Esta é uma celebração perversa, realizada como uma caricatura da Santa Missa, o centro sagrado da religião católica. Estas coisas existem nos nossos próprios tempos e, nos anos vindouros, este culto do Satanismo revelar-se-á de forma mais ousada e aberta do que nunca.

O *Detroit Free Press*, de quinta-feira, 25 de maio de 1967, publicou a seguinte notícia. Com a manchete “Feiticeiro batiza filha”, a história dizia o seguinte:

“Uma morena bem proporcionada caminhou na ponta dos pés por uma sala silenciosa, decorada com um rato empalhado, dois corvos e um crânio. Tirou a roupa e deitou-se sobre uma pele de leopardo que cobria um manto. Tudo estava pronto para o batismo de uma criança. Anton Szandor Lavey, que se intitula feiticeiro e Sumo Sacerdote da Primeira Igreja de Satanás, batizou a sua filha de 3 anos, que mastigava pastilha elástica, enquanto um organista encapuzado tocava o ‘Hino a Satanás’. A criança, Zeena Galatea Lavey, sentou-se calmamente perto dos pés da mulher nua que formava o altar para a cerimônia antirreligiosa. O seu pai, que afirma ter 250 seguidores em São Francisco e 5.000 em todo o mundo, estava vestido com uma túnica e usava um capuz que ostentava os chifres de Satanás. Ele disse que a cerimônia mística foi o primeiro batismo desse gênero na história.”

Numa entrevista mais recente, o Sr. Lavey explicou algumas das crenças da sua “igreja”. *“Através do Satanismo, o lugar de direito do homem na natureza é reencontrado,”* afirmou. *“Já não somos fracos suplicantes rastejando no pó e implorando a ‘Deus’ que nos atire uma migalha de misericórdia. Como feiticeiros e feiticeiras, somos fortes. Com o nosso poder e conhecimento, comandamos agora o nosso deus, Satanás. O Satanista adora a natureza na sua majestade, pois ao fazê-lo santifica-se a si próprio e à sua humanidade natural.*

Como Satanista,” continuou ele, *“deve aprender a entregar-se aos chamados sete pecados capitais, pois todos eles levam à gratificação física ou mental e foram apenas inventados pela igreja cristã para assegurar a culpa por parte dos seus seguidores, já que seria impossível para qualquer pessoa evitar cometer estes pecados. Se frustrou os seus desejos por demasiado tempo simplesmente porque a nossa sociedade hipócrita desaprova estes atos, junte-se a nós! Pode surpreender-se com a nova vida que se abrirá para si. Satanás dá as boas-vindas a quem está vivo e feliz por isso! Regie Satanas.”*

Foi relatado que a esposa do Sr. Lavey está atualmente a dar os últimos retoques a uma Bíblia Satânica, enquanto cursos por correspondência em Satanismo estão prontos para serem enviados. Alguns teólogos sustentam que, quando isto acontecer, o mundo estará maduro para a vinda do precursor, o “profeta” do Anticristo. Isto, afirmam, levará à

forma mais refinada de idolatria, a adoração do homem por si próprio, mas ele não perceberá que é na verdade Satanás, a serpente, que está a adorar. À medida que o profeta do Anticristo avança com a sua ideologia, os homens ficarão deslumbrados com o progresso da civilização e cegos pelo rico padrão de vida. A sociedade adorar-se-á a si própria e louvará os seus próprios avanços tecnológicos. “Eu sou o poder e não preciso de Deus,” dirão muitos. “O meu conhecimento humano é suficiente para mim.”

Isto, sinto eu, é a sedução essencial pela qual Satanás manipula o homem e o atrai para uma falsa adoração de si mesmo. Satanás mostrou-se a mim como uma serpente. Vi a sabedoria das eras refletida nos seus olhos; vi a batalha que Eva travou — e perdeu — quando se deparou com ela; observei as emoções e recordações de sofrimento e cansaço lutarem pela minha atenção e compreensão, mas também vi os seus olhos implorarem por fé e confiança.

Devido à minha fé e amor a Deus e à Sua presença protetora, não respondi ao seu apelo... e quando a serpente partiu, eu ainda era uma com Deus. Satanás está agora a vir a público para seduzir o mundo e devemos estar preparados para os eventos inevitáveis que se seguirão.

Vi que os Estados Unidos desempenharão um papel importante neste desenvolvimento pois, à medida que o conflito entre Deus e Satanás atinge uma fase decisiva, manifestar-se-á aqui através de guerra aberta entre as forças do Anticristo — aquele que afirma ser o Cristo mas não o é — e os seguidores do verdadeiro Cristo.

O papel de liderança dos Estados Unidos nesta tragédia tornou-se claro para mim em visões e revelações recentes. A nação foi levada para uma nova filosofia em 1960, quando foi dito à juventude da América que teríamos uma “**nova fronteira**” e que, como parte desta nova fronteira, a juventude tinha de se tornar mais consciente das suas responsabilidades e direitos na nossa sociedade atual. A juventude aceitou o desafio e tentou criar uma “**nova fronteira**”. Ninguém, porém, em 1960, fez a pergunta: “Estarão eles prontos para esta responsabilidade temível?”. Isto deveria ter sido perguntado antes de esta tarefa ser delegada.

Eles não estavam prontos para esta responsabilidade, mas as organizações de fachada comunistas estavam e guiaram as hordas de adolescentes despreparados, em busca de destino, e os seus irmãos de barba a usarem as armas do protesto. Ser capaz de fomentar a agitação e a violência racial não era suficiente; agora os comunistas tinham a oportunidade de infiltrar as organizações juvenis da América, e foi o que

fizeram! A amarga ironia de tudo isto é que estes jovens não percebem que são as vítimas, não os vencedores.

São forçados para a batalha pela liberdade pessoal, mas não sabem como lidar com este privilégio e estão a destruir e a derrubar a herança do nosso país na sua busca juvenil, mas selvagem, de poder para afirmar e impor as suas falsas doutrinas de reforma. Assim, o nosso país tornou-se um campo de batalha entre as ideologias da ordem social e a dos adolescentes, mas isto é apenas o começo dos problemas que enfrentamos.

Vi um “governo dentro de um governo” desenvolver-se nos Estados Unidos nos últimos anos. Famílias políticas sempre contribuíram significativamente para o desenvolvimento desta nação. Cada uma gerou a sua própria “máquina política” e frequentemente usou-a com sabedoria. Os Roosevelts, os Rockefellers, os Lodges, os Kennedys, todos tiveram e têm a sua influência no destino do nosso país.

No entanto, eu “vejo” este “governo dentro de um governo” a ser controlado e financiado pela bem oleada “máquina” política de uma das nossas principais famílias políticas. Com os olhos postos na Casa Branca, vejo-os a desacreditar qualquer homem que a ocupe sem a sua aprovação, por melhores que sejam os seus programas políticos. Eles irão — através de intimidação política, propaganda e atividades ilegais de sexta coluna — fazer todos os esforços para mostrar à nação que apenas o homem deles, aquele que chefia a sua “máquina”, tem o direito exclusivo de ocupar a Casa Branca. A campanha deles vai causar grandes danos à nossa nação, tanto aqui como no estrangeiro.

Eu “vejo” este grupo ter sucesso em assumir o controlo de facto do país. Darão origem a uma convulsão na nossa estrutura social como nunca antes vista. Provocarão um aumento da agitação racial e um grande descontentamento. Elementos subversivos estrangeiros irão — como fizeram na década de 1960 — infiltrar-se nas fações indisciplinadas e causar combates renovados nos *campi* da nação e em guetos raciais. Todo o mal nas massas será varrido para um frenesim desconhecido por esta “máquina”. Eu “vejo” um membro desta “máquina” ascender ao poder na cidade de Nova Iorque, impondo novas leis e regulamentos que afetarão muitos lares dessa grande metrópole.

O caos social e religioso gerado por esta máquina política em todos os Estados Unidos preparará a nação para a vinda do profeta do Anticristo. Esta unidade política do Leste será o instrumento da serpente para lhe

entregar as massas. No livro do Apocalipse, Capítulo 13:11-15, S. João descreve alguns dos sinais e deveres do profeta do Anticristo.

“E vi subir da terra outra besta,” escreve ele, “e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como um dragão. E exercia todo o poder da primeira besta na sua presença, e fazia que a terra e os que nela habitam adorassem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. E fazia grandes sinais, de maneira que até fogo fazia descer do céu à terra, à vista dos homens. E enganava os que habitavam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitavam na terra que fizessem uma imagem à besta... e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.”

O seu domínio será a sedução intelectual da humanidade. Significa uma mistura de ideologia política, filosófica e religiosa que lançará as populações do mundo numa profunda crise de fé em Deus. A ideia de um precursor ou profeta não é nova. Jesus teve como precursor imediato João Batista, o último dos profetas do Antigo Testamento, e a Sua Primeira Vinda foi preparada por uma longa linhagem daqueles profetas anteriores, de Moisés a Isaías, Jeremias, Daniel, Elias e outros.

De tudo o que li sobre a vinda deste profeta do falso Cristo, sinto que os seguintes pontos merecem ser repetidos (e lembrados!): Como precursor oficial, um dos seus primeiros deveres e responsabilidades na preparação do mundo para o advento do seu “mestre” é manipular as máquinas de propaganda disponíveis. Com o ensino e a propaganda, o profeta fará com que as pessoas não aceitem meramente o Anticristo, mas sim que o desejem com entusiasmo positivo, que criem as condições para a sua vinda e que participem ativamente na organização do terrível e aterrorizante despotismo do seu Império Mundial.

Em segundo lugar, haverá “milagres”, os sinais e prodígios que “seduzirão os habitantes da terra”. O seu sinal mais convincente será a conquista dos poderes da natureza, da qual o “fogo do céu” é o símbolo máximo. Estes não serão eventos sobrenaturais ou preternaturais, mas sim os prodígios da ciência e das conquistas humanas, mas interpretados de tal forma que afastem os homens de Deus e os levem para a adoração do Anticristo.

Terceiro, o profeta ideológico e falsamente científico desenvolverá a imagem de um espírito orgulhoso e altivo de ciência anticristã que parecerá tornar muitas tradições religiosas ultrapassadas e inaceitáveis para os homens daquilo que será chamado aquele dia “iluminado”. É esta imagem

que muitos homens adorarão... Quarto e finalmente, haverá o período de pleno reinado vitorioso do Anticristo e do seu profeta. Este será o triunfo do Anticristo no palco da história universal e, ao seu lado, estará o profeta, que personifica a ciência anticristã. O profeta do Anticristo e o próprio Anticristo, portanto, serão pessoas específicas e identificáveis!

Com a sua propaganda mundial, o profeta ensinará este pensamento ateu da apostasia de Deus como a fonte única de todo o conhecimento e sabedoria. Prometerá trazer o reinado da justiça sobre esta terra. Oferecerá a libertação completa à humanidade e apresentará a perspectiva de unidade e solidariedade, de paz e felicidade entre todos os homens. O profeta anunciará uma sabedoria humana, profundamente humana, demasiado humana, confinada apenas a este mundo.

Atrairá e seduzirá milhões a adorarem as obras da própria mão do homem, a adorarem o seu próprio eu e, finalmente, a adorarem o Anticristo. O profeta comunicará aos homens através da sua máquina de propaganda mundial as ambições supremas da ciência humana. Anunciará que a ciência é capaz de penetrar em todos os segredos da natureza, de domesticar todas as forças da natureza, especialmente as da vida, na verdade, da própria vida humana!

Professará que os homens poderão viver como quiserem, durante o tempo que quiserem, e morrer como e quando quiserem — e tudo sem sofrimento — se apenas o seguirem. Em tudo isto, ele será auxiliado e encorajado pelas maquinações políticas corruptas do grupo politicamente poderoso anteriormente mencionado.

Mas isto é apenas a introdução do que está por vir. O próximo em cena será o próprio Anticristo. Quem é o Anticristo? Do relato da origem humana no livro do Génesis, Capítulo 3, fica claro que o pecado e o mal se tornaram uma realidade e um problema nos assuntos humanos desde o início. Deus, porém, ao mesmo tempo, prometeu enviar o Seu Ungido para estabelecer o Reino de Deus entre os homens, com a promessa de vitória final e completa sobre os poderes do pecado e do mal. No entanto, embora o tempo e as circunstâncias da Primeira Vinda de Cristo tenham sido indicados em detalhes precisos e exatos, foi fácil ignorá-la, pois ocorreu de uma forma muito humilde e modesta, oculta da vista do público e não manifestada por um sinal imenso que se impusesse aos homens do alto. A Sua Segunda Vinda será marcada por sinais da Sua majestade.

“E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos

no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” (Atos dos Apóstolos 1:9-11.)

A Segunda Vinda de Cristo significará o fim do pecado e o fim do reinado da serpente. O domínio de Satanás, conseqüentemente, será de engano. Ele fará todos os esforços para que a humanidade o aceite como seu salvador. Cada livro da Bíblia dá o seu próprio tipo de contributo para esta certeza cristã de que Jesus voltará. O próprio Cristo deu a razão para isto vezes sem conta.

“Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.”

(Mateus 16:26-27.) Assim, a doutrina da Segunda Vinda de Cristo tornou-se uma verdade absoluta na fé cristã. Quanto tempo passará entre a chegada do Anticristo e a Segunda Vinda de Cristo ninguém sabe...

“Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, mas unicamente meu Pai.” (Mateus 24:36.) *“Mas, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua claridade. E as estrelas cairão do céu... E então verão vir o Filho do homem nas nuvens, com grande poder e glória.”* (Marcos 13:24-26.)

Cristo deu-nos avisos amplos sobre quando poderíamos esperar a chegada do Anticristo. Na verdade, Ele dá inúmeros sinais pelos quais a vinda do Anticristo pode ser antecipada. Haverá perturbações de vários tipos na natureza e especialmente na sociedade, convulsões e revoluções que rompem e derrubam a ordem das coisas. Haverá, como interpretado por muitos, a conversão de Israel para aceitar Cristo. Mas o maior dos sinais será a aceitação de uma religião falsa e, finalmente, a manifestação do Anticristo.

O Anticristo será um fenómeno da ordem política. Ele não é simplesmente um “herege” religioso que o mundo em geral pudesse ignorar com segurança. Não! Ele deterá o poder terreno nas suas mãos e usá-lo-á como seu instrumento. Todos os tiranos da história são meras crianças em comparação com ele. Isto significa antes de mais que ele será uma figura militar para além de tudo o que o mundo alguma vez viu anteriormente. Ele

conquistará toda a terra e detê-la-á em completo domínio com as armas mais modernas. Governará o seu novo Império Mundial com o máximo de poder e glória militar.

Além disso, as profecias bíblicas tornam inteligível que o Império Mundial do Anticristo será um estado totalitário no sentido mais extremo da palavra. Ele exercerá o poder sobre o mundo inteiro e sobre cada pessoa intensivamente, controlando até os seus pensamentos. Não haverá “Estado vizinho” e o mundo inteiro tornar-se-á uma ilha dentro do universo. A guerra como tem sido conhecida desvanecer-se-á e o Anticristo anunciar-se-á como o “príncipe da paz”. Para a igreja cristã, no entanto, não vejo alívio. A igreja terá ultimamente apenas um lugar para onde ir — a clandestinidade. Nada restará da posição distinta que gozava como líder e patrocinadora da cultura humana; nada restará do seu poder institucional, contudo o Espírito Santo permanecerá com a igreja como Cristo revelou: “... até ao fim dos tempos”.

Mas prevejo algo mais profundo na vinda da ordem social sem Deus do Anticristo, algo mais do que um mero sistema político, algo que alcança a condição decaída da natureza humana. Ele estabelecerá e liderará uma “religião” estranha e fundamentalmente anti-humana de ateísmo e antirreligião. Referindo-se à besta que a tradição cristã entende ser o Anticristo, o Apocalipse 13:7 afirma: “*E deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação.*” Portanto, há mais envolvido aqui do que a mera autoridade política de um Império Mundial!

Vejo duas características definidas que distinguem o Anticristo: domínio sobre os homens com uma vara de ferro e sedução das suas mentes por uma falsa ideologia e propaganda. Ele apresentar-se-á a toda a humanidade como o governante supremo que acalma e reprime toda a guerra na terra, como o professor da nova abordagem modernizada da vida do homem que deixa a herança cristã para trás como ultrapassada, e como o “redentor” de todos os homens dos seus velhos medos, complexos de culpa e maus-tratos mútuos. Ele será o exato oposto de Cristo.

Será o Seu adversário e, ao mesmo tempo, parecerá ser o Seu imitador. Os cristãos que estudaram esta vinda veem-no à luz da profecia bíblica como um Cristo-imitação pervertido, posando com uma aparência enganadora de boa vontade, religiosidade e até santidade. Parecerá ser uma figura religiosa, oferecendo aos homens um cumprimento estranhamente distorcido dos seus desejos espirituais. Haverá aqui mais do que apenas o uso de um manto como disfarce. O Anticristo será um desafio

profundamente ético para as massas humanas do seu tempo, quase forçando-as a admitir a sua “santidade”, precisamente porque essas massas humanas já não serão capazes de compreender e reconhecer o significado original de “santidade” na vida e adoração humanas. Este é o resultado do que o ateísmo lhes fará.

Apesar da sua religiosidade e aparência de humanismo, porém, o Anticristo será na realidade um ateu.

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho.” (I João 2:22.)

O ateísmo que os profetas bíblicos anteciparam a respeito do Anticristo torna-se ainda mais visível quando consideramos que o descreveram como o objeto de adoração idolátrica por parte da humanidade. Ele será o último e o maior dos ídolos que o homem adorou na longa história das aberrações religiosas. Receberá a adoração de muitas pessoas como se ele, na sua própria pessoa, fosse na verdade Deus.

Ele personificará, por outras palavras, um falso humanismo pelo qual os homens se adoram a si próprios, fazendo de si mesmos a sua própria lei suprema e encontrando no Anticristo o símbolo da aspiração secreta das suas próprias naturezas decaídas... Mas como ele se apresentará como um deus perante todos os homens e exigirá a adoração de todos os homens, não tolerará a adoração do único Deus verdadeiro. Por isso, travará uma perseguição total e desenfreada contra todos os cristãos.

Desde o início do cristianismo, os seus seguidores esperaram que a vinda do Anticristo fosse acompanhada por uma perseguição feroz. Usando as palavras do profeta Daniel, Jesus disse:

“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.” (Mateus 24:21-22.)

Este engano demoníaco que se imporá à humanidade naqueles dias terá dois componentes principais: (1) uma ideologia falsa imposta às mentes dos homens por propaganda mundial; (2) sinais e prodígios misteriosos. Tal como Jesus o Messias realizou milagres divinos para provar a autenticidade da Sua missão, assim o Anticristo, o falso Messias, através do poder Satânico, oferecerá à humanidade a “prova” da sua “autenticidade”.

O Cardeal Newman, descrevendo a infiltração de ideias que deverá ocorrer quando chegarmos ao tempo aproximado da chegada do profeta do Anticristo, afirmou:

“Longe de nós sermos seduzidos pelas belas promessas nas quais Satanás certamente esconderá o seu veneno! Achais que ele é tão inábil no seu ofício a ponto de vos pedir aberta e claramente para vos juntardes a ele na guerra contra a verdade? Não! Ele oferece-vos isca para vos tentar. Promete-vos liberdade civil; promete-vos igualdade; promete-vos comércio e riqueza; promete-vos a remissão de impostos; promete-vos reforma. Esta é a maneira pela qual ele esconde de vós o tipo de trabalho para o qual vos está a encaminhar; ele tenta-vos a clamar contra os vossos governantes e superiores; ele próprio o faz e induz-vos a imitá-lo; ou promete-vos iluminação. Oferece-vos conhecimento, ciência, filosofia e alargamento da mente. Escarnece dos tempos passados; escarnece de cada instituição que os reverencia.”

Como resultado da poderosa influência e persuasão do profeta do Anticristo, prevalecerão a confusão universal, a divisão e os cismas. Algumas religiões transformar-se-ão em paganismo e o remanescente, os poucos fiéis que manterão a sua crença no único Deus verdadeiro, sofrerá grande violência — e tudo como resultado das obras do chamado “príncipe da paz”.

“Mas olhai por vós mesmos,” profetiza Jesus, “porque vos entregarão aos concílios e às sinagogas; e sereis açoitados, e apresentados ante governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho... Não vos inquieteis, pois, antecipadamente com o que haveis de dizer... mas o que vos for dado naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo. E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai ao filho; e levantar-se-ão os filhos contra os pais, e os matarão. E sereis odiados de todos por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo.” (Marcos 13:9-13.)

S. João vai ainda mais longe e prediz no Apocalipse 13:15-17: *“... e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas; para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.”* Assim, haverá sanções económicas para aqueles que não cooperarem com o Anticristo. Ponderando estas profecias e outras semelhantes na Bíblia, o Cardeal

Newman comentou tristemente: “*Esta perseguição será pior do que qualquer perseguição anterior.*”

Tal é, então, a figura do Anticristo que as profecias bíblicas antevêm. Cada vez mais vejo o nosso destino como nação entrelaçado com os eventos que moldam a vinda deste personagem temível. Por que levantou Deus o véu do futuro e nos permitiu ver os contornos dos “últimos dias”? Fê-lo porque nos ama e quer que cada um de nós se prepare — que defina os seus objetivos e trace os seus cursos — para o que está para vir.

8

A Criança do Oriente

Uma revelação que me foi dada na manhã de 5 de fevereiro de 1962, e parcialmente relatada em *A Gift of Prophecy*, prediz um dos eventos mais dramáticos na história do mundo. Se o nosso mundo é “um livro de lições para o universo”, como alguns disseram, então o evento que é prefigurado nesta profecia deverá ser um dos capítulos mais instrutivos na história do homem.

Invariavelmente, no final dos meus discursos, quando indico o meu desejo de responder às perguntas dos ouvintes, as pessoas pedem-me mais detalhes sobre a criança que foi o ponto central desta profecia. “Quando”, perguntam elas, “ouviremos mais sobre ele? Onde está ele agora? Quando fará a sua aparição na cena mundial?” Sinto que chegou o momento de relatar a revelação na sua totalidade.

Começou na noite de 2 de fevereiro de 1962, quando, enquanto meditava no meu quarto, me apercebi de um fenómeno curioso. As luzes tornaram-se ténues e, ao olhar para o lustre, notei que as cinco lâmpadas escureceram, exceto por uma curiosa bola redonda de brilho que resplandecia no centro de cada uma. Não durou muito. Na verdade, lembro-me de pensar que provavelmente fora causado por algum defeito no sistema elétrico.

O Jimmy sentiu o mesmo e ambos nos esquecemos da «falha de luz» até o mesmo fenómeno reocorrer na noite seguinte. Novamente eu estava a

meditar, procurando o nosso Senhor. Desta vez a luz desvaneceu-se uma segunda vez, deixando apenas aqueles globos brilhantes de luz no interior. Quanto tempo passou exatamente, não sei — talvez dez segundos — mas subitamente tornei-me consciente de um minúsculo som crepitante a emanar de dentro dos globos.

Quando o som crepitante cessou, as luzes voltaram ao normal. Comecei então a sentir que algo estava a acontecer sobre o qual eu não tinha controlo. Quando, porém, a atuação se repetiu exatamente da mesma maneira na terceira noite, soube que um evento de tremenda importância estava prestes a ser-me revelado. Percebi então que o fenómeno das luzes era um prelúdio de coisas vindouras. Fui para a cama, confiante de que Deus me deixaria saber se e quando eu deveria receber esta revelação. Ele fê-lo.

Aconteceu cedo na manhã seguinte, no quarto dia, quando acordei e caminhei em direção à janela leste do meu quarto, preparando-me para saudar o nosso Senhor com o Salmo Vinte e Três nos lábios. Olhei pela minha janela e, embora o sol ainda estivesse escondido, o que vi era quase indescritível. As árvores de ramos despidos da cidade tinham dado lugar a uma cena de deserto sem fim, grelhada por um sol implacável. Resplandecendo como uma enorme bola de fogo, o sol tinha rompido o horizonte, emitindo raios brilhantes de luz cintilante que pareciam atrair a terra como uma varinha mágica.

Os raios do sol separaram-se, facilitando a aparição de um Faraó egípcio e da sua rainha. Reconheci-a imediatamente como a Rainha Nefertiti; o homem com ela considerei ser o seu marido, relatado pela história como sendo Akhenaton, o chamado “**Faraó herético**”. De mãos dadas como os amantes fazem, emergiram dos raios brilhantes, majestosos no seu porte; o toucado real de Akhenaton era um sinal do seu poder sob o sol... não do poder sob o Filho.

Mas os meus olhos foram atraídos para Nefertiti e para a criança que ela embalava ternamente no seu outro armo. Era um recém-nascido, envolto em cueiros sujos e esfarrapados. Estava em contraste gritante com o casal real magnificamente trajado. Nem um som quebrou o silêncio sobrenatural enquanto avançavam com a criança. Tornei-me então consciente de uma multidão de pessoas que apareceu entre a criança e eu. Parecia que o mundo inteiro estava a observar o casal real a apresentar o bebé. Observando o bebé por cima das cabeças delas, presenciei Nefertiti a entregar a criança ao povo. Instantaneamente, raios de luz solar rebentaram

do rapazinho, misturando-se cuidadosamente com o brilho do sol, apagando tudo exceto ele.

Akhenaton desapareceu da cena. Nefertiti permaneceu. Observei-a a afastar-se da criança e do povo, para o passado, para o passado secreto dos antigos. Sedenta e cansada, descansou ao lado de uma bilha de água e, no momento em que juntou as mãos em concha para beber, um golpe súbito de um punhal nas suas costas acabou com a sua vida. O seu grito de morte, penetrante e fúnebre, desvaneceu-se com ela. Os meus olhos focaram-se mais uma vez no bebé.

Por esta altura ele tinha crescido até à idade adulta, e uma pequena cruz que se tinha formado acima da sua cabeça ampliou-se e expandiu-se até cobrir a terra em todas as direções. Simultaneamente, pessoas em sofrimento, de todas as raças, ajoelharam-se em adoração reverente, erguendo os braços e oferecendo os seus corações ao homem. Por um momento fugaz senti-me como se fosse uma delas, mas o canal que emanava dele não era o da Santíssima Trindade. Soube no meu coração que esta revelação haveria de significar o início da sabedoria, mas a sabedoria de quem e para quem?

Um sentimento avassalador de amor rodeou-me, mas o olhar que eu vira no homem quando ele era ainda um bebé — um olhar de sabedoria e conhecimento serenos — fez-me sentir que aqui estava algo que Deus me permitiu ver sem que eu me tornasse parte disso. Também senti que estava mais uma vez segura nos braços protetores do meu Criador. Olhei para o meu relógio de cabeceira. Ainda era cedo — 7:17 da manhã.

O que significa esta revelação? Estou convencida de que esta revelação indica uma criança, nascida algures no Médio Oriente pouco depois das 7 da manhã de 5 de fevereiro de 1962 — possivelmente um descendente direto da linhagem real do Faraó Akhenaton e da Rainha Nefertiti — que revolucionará o mundo. Não há dúvida de que ele fundirá multidões numa única doutrina abrangente. Formará uma nova “Cristandade”, baseada no seu «poder onnipotente», mas conduzindo o homem numa direção muito afastada dos ensinamentos e da vida de Cristo, o Filho.

Quanto à ligação entre “a criança” e Akhenaton e Nefertiti, examinemos os registos do antigo Egito. Era uma procissão orgulhosa e solene que se movia lentamente pelo Caminho do Rei. Era o nascer do sol e a hora da adoração de Akhenaton a Aton, o deus do Disco do Sol. A sua caminhada cerimonial na procissão do templo, rodeado pelos seus

sacerdotes e acompanhado pela sua esposa, a bela Nefertiti, era uma jornada de vitória. Filho de Amenófis III, o mais ilustre monarca da Décima Oitava Dinastia do Egito, que formou alianças históricas e de longo alcance com os reis da Babilónia e da Assíria, Akhenaton tornara-se seriamente desencantado com a religião dos seus antepassados.

O deus Hórus perdera toda a atração para ele; Osíris perdera o seu valor. Ele notara o novo vento do monoteísmo que começara a soprar dos ferozes Habiru, uma tribo do deserto, e sentia-se inquieto com os muitos deuses que há muito se alimentavam das superstições do seu povo. Ele queria UM deus e encontrou-o no Disco do Sol. Aton, o sol, seria o seu deus e, encorajado pela sua esposa real, embarcou numa aventura tão ousada, tão “ímpia”, que fez os seus sacerdotes recém-nomeados tremerem de medo.

Não só decidiu por uma forma mais avançada de religião, como tomou medidas para desocupar Tebas, a capital real, e escolheu como local para a capital de Aton, Akhetaton, uma extensão de terra árida localizada a cerca de trezentas milhas a norte de Tebas. Ali, protegido por falésias íngremes e inexpugnáveis em três lados, ele planeou e construiu a cidade.

As cidades egípcias dedicadas aos deuses eram de grande beleza, mas Akhenaton conseguiu superar todas elas. Com trabalho escravo e uma multidão de cativos, transformou o deserto numa cidade de sonho, completa com templos, palácios, parques e mansões. Sem o conhecimento dos poderosos sacerdotes de Amon que ainda mantinham a maior parte da nação sob o seu domínio, Akhenaton partira numa expedição secreta durante o sexto ano do seu reinado e, com uma equipa de engenheiros de confiança, procedera à demarcação do distrito de Aton, cujo centro seria a sua capital.

Estelas oficiais (placas inscritas) descobertas no início deste século indicam que levou apenas escassos dois anos para preparar a cidade para os seus habitantes — e uma cidade magnífica acabou por ser. Das três vias principais, o Caminho do Rei era a mais impressionante, ladeada pelo rio de um lado e pelos principais edifícios religiosos e temporais do outro. Havia Maru-Aton (o Palácio do Prazer), a Casa Real, o Palácio Central, o Grande Templo de Aton e o Palácio do Norte.

Sacerdotes e altos funcionários do governo estavam todos alojados noutra via que corria paralela ao Caminho do Rei. O centro geográfico da cidade fora reservado para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Arquivo Nacional, o Salão de Tributo e a Propriedade Real. Mas era o

Grande Templo que controlava cada faceta das atividades do jovem monarca. Akhenaton escolhera o Grande Templo para ser a “igreja mãe” do Atonismo.

O Atonismo era diferente da antiga religião. É verdade que exigia a crença em muitas das mesmas doutrinas, contudo focava-se num só deus e desconsiderava a maioria dos deuses que por tanto tempo mantiveram os egípcios em servidão mental. Quando Akhenaton mudou o seu nome de Amenhotep IV para Akhenaton, fê-lo em honra do deus Aton. A sua nova religião fora aparentemente inspirada e influenciada pelo povo estranho, os Habiru, que começavam a mostrar a sua força no deserto. Se eles eram tão poderosos, raciocinou Akhenaton, seria possível que tivesse algo a ver com a sua religião que reconhecia apenas um Deus? A sua religião trouxe grandes mudanças no serviço dos templos egípcios. Desapareceram as imagens esculpidas que tornavam os templos tebanos tão impressionantes; desapareceram os elaborados ritos esotéricos. A música encheu os lugares sagrados para agradar a Aton, e as cerimónias secretas deram lugar à oferta ritual de comida e vinho.

Tinha-se tornado uma religião humana. Até o seu nome, Akhenaton, significava o quanto ele acreditava estar a fazer a vontade do deus-sol. “Aquele em quem Aton [o deus-sol] está satisfeito” era o significado do seu nome. Os hieróglifos do seu nome também podem ser traduzidos como «Aquele em quem o Disco Solar está satisfeito». A sua religião mudara, mas ele permanecia um pagão, adorando um deus pagão. A cada nascer do sol e a cada pôr do sol, o rei e a rainha podiam ser vistos a liderar uma procissão até ao Grande Templo, entoando hinos ao deus-sol.

«“O teu nascer é belo no horizonte do céu, ó Aton vivo,”» cantava ele, de acordo com os hieróglifos. «“Tu que dás a vida. Brilhando do horizonte oriental. Enches o Egito com a tua beleza... O teu ocaso é belo, ó Aton vivo, que guias todos os países para que façam louvores ao teu amanhecer e ao teu ocaso.”»

Deixando o Grande Templo e caminhando para o bosque, acompanhado pelos seus sacerdotes, continuava a sua adoração idolátrica. «“Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras, toda a terra está em alegria por causa de ti. Tudo o que fizeste salta diante de ti. Os olhos têm vida à vista da tua beleza; os corações têm saúde quando o Aton brilha. Não há pobreza para aquele que te pôs no seu coração.”»

Pela primeira vez durante o seu reinado Akhenaton estava feliz e contente, e isso refletia-se na sua vida familiar.

Desde a descoberta e escavação da sua cidade, agora conhecida como Amarna, muito foi encontrado que lança luz sobre a sua vida privada. Cenas não convencionais em relevo colorido frequentemente retratam Akhenaton e Nefertiti sentados com os braços um em volta do outro. Outra retrata-o apoiado num cajado enquanto Nefertiti, provocadoramente, lhe permite cheirar um bouquet de flores. Mais revelador, porém, é o relevo que mostra a rainha sentada no joelho de Akhenaton.

“Felicidade-na-verdade” parecia ser o fundamento do reinado de Akhenaton, mas a busca frenética deste conceito cegou-o para as realidades que a sua nação enfrentava. Em *Ancient Records of Egypt*, o Professor Breasted, o eminente egiptólogo, escreve que «*“após as vitórias de Tutmosis III e dos seus sucessores imediatos... uma nova ameaça à superioridade egípcia sobre a Síria-Palestina surgiu. Entre estas cartas (encontradas na antiga biblioteca de Tell el-Amarna), a maioria das quais dirigida a Akhenaton, há um grande número dos reis vassalos para o Faraó que contêm pedidos reiterados de ajuda contra os ataques dos inimigos. Entre estes inimigos estavam aqueles que são chamados de Habiru... podemos sem hesitação adotar a convicção da maioria dos especialistas, a saber, que o nome é equivalente aos ‘Hebreus’.*”»

A história da descoberta da biblioteca de Akhenaton entre as ruínas da sua antiga cidade é uma fábula por si só. Aconteceu em 1887 quando uma camponesa egípcia, ao cavar num campo nos arredores de uma das muitas aldeias do Egito rural, encontrou várias tábuas de argila com inscrições estranhas e desconhecidas escritas nelas. Sentindo que poderiam ter algum valor, ela vendeu-as a um vizinho da aldeia, que por sua vez as vendeu a um antiquário.

A cadeia de eventos prolongou-se até que as tábuas finalmente chegaram ao Museu Britânico e ao Museu de Berlim, onde foram imediatamente reconhecidas como correspondência valiosa datada da Décima Oitava Dinastia ou aproximadamente 1400 a.C. O Professor E. A. Wallis Budge, Conservador das Antiguidades Egípcias e Assírias do Museu Britânico, que correu para o Egito e se juntou à busca por mais tábuas de argila, descreveu o que transcorreu após a sua chegada. Em *By Nile And Tigris*, escreve:

«*“... No decurso do dia, chegou um homem de Hajji Kandil, trazendo consigo cerca de meia dúzia das tábuas de argila que tinham sido encontradas acidentalmente por uma mulher em Tell al-Amarnah, e pediu-me para as olhar e dizer se eram genuínas ou falsificações. Quando*

examinei as tábuas descobri que o assunto não era tão simples como parecia. Na forma e configuração, na cor e material, as tábuas eram diferentes de tudo o que eu já vira em Londres ou Paris, e a escrita em todas elas era de um carácter muito invulgar e intrigou-me durante horas. Gradualmente cheguei à conclusão de que as tábuas não eram certamente falsificações, e que não eram nem anais reais nem inscrições históricas no sentido comum da palavra, nem documentos comerciais ou de negócios.

As palavras iniciais de quase todas as tábuas provavam que eram cartas ou despachos, e tive a certeza de que as tábuas eram simultaneamente genuínas e de importância muito grande. Tentei então fazer arranjos com os homens de Hajji Kandil para obter as restantes tábuas de Tell al-Amarnah para minha posse, mas disseram-me que pertenciam a negociantes que estavam em negociações com um agente do Museu de Berlim do Cairo. Entre as tábuas estava uma muito grande, com cerca de 20 polegadas de comprimento e larga em proporção. Sabemos agora que continha uma lista do dote de uma princesa mesopotâmica que se ia casar com um rei do Egito. O homem que levava isto para o Cairo escondeu-a entre a sua roupa interior e cobriu-se com o seu grande manto. Ao subir para a carruagem do comboio, esta tábua escorregou das suas roupas e caiu na linha férrea e partiu-se em pedaços. Muitos nativos no comboio e na plataforma testemunharam o acidente e falaram livremente sobre ele e assim a notícia da descoberta das tábuas chegou aos ouvidos do Diretor de Antiguidades. Ele telegrafou imediatamente ao Mudir de Assiut, e ordenou-lhe que prendesse e pusesse na prisão todos os que fossem encontrados na posse de tábuas e, como vimos, ele próprio partiu para o Alto Egito para apreender todas as tábuas que conseguisse encontrar. ”»

O estudo cuidadoso das mais de 350 tábuas de argila descobertas provou que o sentimento de que se tratava de uma descoberta excecional foi fundamentado. Os documentos representam a correspondência diplomática oficial entre reis do Egito e os seus governantes vassallos das áreas da Palestina, Síria, Ásia Menor, Babilónia, Assíria e vários outros locais. A terra de Canaã nesta altura estava, até certo ponto, sob a proteção do Egito. Sob ataque inimigo, o rei de Jerusalém enviou imediatamente vários mensageiros ao Faraó e pediu-lhe que enviasse soldados que pudessem ajudar (no combate aos invasores Habiru).

O Faraó, Akhenaton, estava ocupado com uma reforma religiosa. Estava determinado a substituir a adoração de muitos deuses pela de um só

deus, e a sua reforma trouxe-lhe problemas crescentes. Não tinha tempo nem desejo de enviar tropas ao rei de Jerusalém. “O que ele lhe escreveu,” relata Edward Chiera em *They Wrote On Clay*, “se é que escreveu, não sabemos, pois naqueles tempos aparentemente não faziam cópias das cartas enviadas, e tudo o que temos agora são as cartas entregues vindas de fora.

Mas quer tenha escrito ou não, o facto é que não enviou nenhuma tropa. Isto podemos facilmente descobrir lendo uma segunda carta do rei de Jerusalém, reiterando o pedido anterior e avisando o faraó de que, a menos que ele faça um esforço para proteger o seu domínio, a terra de Canaã ser-lhe-á perdida. O segundo apelo encontrou a mesma receção que o primeiro, e numa última carta o rei de Jerusalém diz-lhe que os soldados já não são necessários; é demasiado tarde. Grande parte da terra já caiu nas mãos dos invasores.”

Uma queixa semelhante chegou a Akhenaton vinda de Zimridi, o funcionário encarregado de Sídón. A sua mensagem diz, em parte, o seguinte:

«*“Sua majestade deve saber também que a inimizade contra mim é muito grande. Todas as cidades que o rei colocou sob o meu comando juntaram-se aos salteadores-Habiru. Quem dera que o rei me colocasse sob a proteção do homem que liderará os arqueiros do rei, para que eu pudesse reclamar as cidades que se juntaram aos salteadores-Habiru, e as colocasse sob o meu comando novamente. Então eu seria capaz de servir o meu Senhor o rei tal como os nossos antepassados fizeram antes.”*» Mas o rei não quis ouvir nem responder...

Após a morte de Akhenaton, a sua recém-descoberta religião já não conseguiu resistir aos poderes dos sacerdotes de Amon. Territórios tinham sido perdidos para os Hebreus, o povo que estava a ser liderado pelo seu Deus onipotente. Foi, de facto, a invasão pelos filhos de Deus nos reinos vassallos do Faraó que ajudou a provocar a sua queda e o colapso da falsa religião do deus-sol. O politeísmo assumiu mais uma vez a maior parte do mundo.

O grande perigo de uma religião mundial falaciosa sob um só deus, o deus-sol, fora, por enquanto, evitado. Quão vitorioso o seu sucessor provou ser na erradicação do Atonismo é demonstrado pelo seu nome: Tut-Ankh-Amon. De coração partido, a Rainha Nefertiti deixou o Palácio Central e mudou-se para o Palácio do Norte, nos arredores de Akhetaton. Sacerdotes de Amon enfurecidos procederam à destruição de tudo o que pudesse causar até uma centelha de lembrança do Atonismo, indo ao ponto de

demolir completamente as imagens do Faraó herético. Lutando juntos — sem perceberem a orientação divina por trás disso — os Habiru e o Sumo Sacerdote de Amon tinham realizado o que Deus planeara: a destruição e erradicação do Antideus egípcio.

As forças do amor contiveram as forças do mal até 3328 anos mais tarde, quando, a 5 de fevereiro de 1962, Nefertiti e Akhenaton foram mais uma vez usados para perpetrar este grande engano, e apareceram novamente em cena, apresentando o seu descendente à raça humana. Pelo que vi desta criança desde o seu nascimento, estou convencida de que existem demasiadas semelhanças com o nascimento e a vida de Cristo para serem mera coincidência. Existe um planeamento não natural por trás do nascimento e da função desta criança.

O próprio facto, porém, de o pagão Faraó Akhenaton e a sua esposa Rainha Nefertiti terem apresentado esta criança ao mundo parece indicar que a sua missão é continuar onde a primeira tentativa de enganar a humanidade falhou. As circunstâncias que rodeiam o nascimento da “Criança do Oriente” e os eventos que desde então vi ocorrer na sua vida fazem-no parecer tão semelhante a Cristo, contudo tão diferente, que não há dúvida na minha mente de que a “criança” é a pessoa real do Anticristo, aquele que enganará o mundo em nome de Satanás.

A sua vida parecerá ser uma imitação da vida de Cristo na terra. A imitação é a forma mais sincera de lisonja, e aqui Satanás usa a imitação do seu adversário para trabalhar a sua vontade demoníaca na vida dos homens. Ao menino Jesus, ele pediu emprestado os cueiros e vestiu a sua «imitação de Cristo» neles antes de permitir que Nefertiti e Akhenaton o apresentassem ao mundo.

A pergunta quanto ao “porquê” é óbvia. Em S. Lucas, Capítulo 2:10-12, lemos: «*“E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.”*»

A mensagem de Cristo ao nascer era a de um Salvador amoroso que viera ao mundo para libertar a Sua criação torturada dos laços de Satanás. Enquanto observava a pequena criança a ser apresentada à humanidade, tornei-me fortemente consciente da força tremenda e irresistível que saía dele. Nos seus olhos encontrei sabedoria serena e conhecimento ilimitado, mas quando «toquei» no seu canal, senti que não era de Deus.

Mas o nascimento, a introdução da «imitação», haveria de ser mais glorioso, mais impressionante, mais iluminador em termos terrenos. Assim, a vinda da criança foi apoiada pela imagem do sol nascente, simbolizando a força tremenda à disposição desta criança que há de liderar o mundo, mas também simbólica da falsa religião que ele traz consigo. O acontecimento importante seguinte na vida do menino Jesus deu-se quando o anjo do Senhor apareceu a José num sonho.

«“... dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar.”» (Mateus 2:13.)

Um evento semelhante já teve lugar na vida da criança da minha visão. Vejo que ele já não está no país onde nasceu, mas foi levado para outro país do Médio Oriente — fico com a impressão distinta de que se trata de uma área densamente povoada da República Árabe Unida — pelos seus pais. Por que razão decidiram mudar-se, não sei. Mas sei que existem forças a trabalhar ao seu redor que o estão a proteger. Existe a possibilidade de a “criança” e os seus pais se mudarem novamente para outro país.

Não tenho garantias de que as suas vibrações continuarão a emanar da Arábia até ao momento da sua emergência pública.

Não sabemos muito sobre a vida de Cristo antes do início do seu ministério público, mas há um breve momento em que, aos doze anos de idade, diz-nos a Bíblia, Ele se tornou consciente da Sua missão.

«“E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, conforme o costume da festa... E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?”»

(Lucas 2:42-49.) Nos dezoito anos seguintes, Cristo preparou-Se para os três anos e meio do Seu ministério na terra. Quando a criança atingir os onze anos de idade, perto dos doze, algo de tremenda importância lhe acontecerá. Não começaremos necessariamente a ouvir falar dele nessa altura (1973-74), mas com esta idade ele também se tornará consciente da sua missão e propósito satânico na vida.

Ele expandirá então a sua influência, e aqueles ao seu redor formarão finalmente um pequeno núcleo de seguidores dedicados quando ele atingir a idade de dezanove anos. Trabalhará calmamente com eles até ter vinte e nove ou trinta anos, quando o vigor e o impacto da sua presença no mundo começarão a dar o seu fruto proibido.

Da mesma maneira que Cristo e os Seus discípulos espalharam o Evangelho, assim a criança e os seus discípulos propagarão a religião do falso deus. A diferença será, porém, que não estarão sozinhos, mas terão o poder e a máquina de propaganda dos Estados Unidos a apoiá-los, fazendo avançar a sua causa além de tudo o que alguma vez se pensou ser possível.

Será por volta da altura da sua emergência, também, que o trabalho do profeta do Anticristo, discutido no capítulo anterior, terá atingido o seu cume. Novamente, a semelhança com a história bíblica relativa à vida de Cristo é impressionante, pois Cristo também teve o seu profeta, João Batista, que preparou o caminho para Ele. Como resultado dos tremendos esforços de propaganda do profeta do Anticristo, a influência do Cristianismo terá diminuído grandemente na altura em que a criança sedutora tiver trinta anos de idade. A educação cristã nas escolas terá parado quase por completo, e a juventude ter-se-á tornado extremamente vulnerável à vinda do homem.

Vejo que a juventude do mundo o aceitará e trabalhará de perto com ele para colocar o mundo nas suas mãos ansiosas. Novamente, a semelhança com Cristo não pode ser negada.

«... Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo que, qualquer que não receber o reino de Deus como um menino, não entrará nele.» (Lucas 18:16-17.)

Isto foi dito por Cristo quando os discípulos tentaram interferir enquanto a multidão trazia crianças até Ele para serem abençoadas. Quando o «homem» tiver atingido a idade reservada para o início da sua missão, ninguém será capaz de deter as crianças, pois para capturar a juventude e, através dela, o mundo, o rapazinho nasceu.

Tal como Cristo, o Anticristo também centrará o seu trabalho em torno da cidade de Jerusalém. Fico com a sensação distinta de que as religiões do mundo ocidental se fundirão de algum modo com as filosofias do Oriente. Vejo a juventude afluir a ele e partilhar da sua sabedoria de forma muito semelhante àquela como alguns jovens de hoje fazem as suas peregrinações aos seus Gurus.

Com o mundo totalmente preparado para a sua vinda, milhões na nossa terra serão colocados em contacto com ele através da nossa rede de comunicações amplamente avançada. A Cidade Santa será o seu quartel-general, mas o seu campo de trabalho será o mundo. A cooperação estreita entre as potências então governantes nos Estados Unidos e o novo

governante **“espiritual”** exporá os americanos a ele em pessoa, pois as suas visitas aqui serão frequentes e de longo alcance. Ele desencaminhará muitas almas. Vi uma grande multidão segui-lo reverentemente enquanto ele subia por uma longa estrada. Isto marcava o fim do seu domínio. Em pavor e cheios de adoração cega, seguiam-no, negligenciando ouvir a voz interior do Senhor que os chamava ao arrependimento.

Vi-o parar e voltar-se... ele contemplou as massas da humanidade adoradora com um olhar hipnótico de sabedoria e aliciou-as a segui-lo até ao fim da estrada. Mais uma vez ele voltou-se e, numa cena remanescente do «Flautista de Hamelin», continuou a liderar, e o povo seguiu-o com convicção e um sentido de realização.

Ainda assim, Deus não os abandonou, mas deu-lhes uma última oportunidade. Vi a humanidade chegar ao «Vale da decisão», um entroncamento na estrada, onde a **“Criança do Oriente”** abrandou como se estivesse envolvida num pensamento profundo e, com um suave fluir das suas vestes, fez uma curva acentuada para a esquerda. Este momento marcou o ponto de decisão, pois aqui a cada um, individualmente, foi dada a escolha de se desviar para a esquerda e seguir a criança ou prosseguir, continuando para onde o caminho se tornava reto e estreito.

O «Flautista de Hamelin» fizera bem o seu trabalho, pois as massas incontáveis seguiram-no em adoração silenciosa. Olhei para a frente e a visão dissolveu-se em escuridão total e desolação que os aguardava no fim da estrada. Depois olhei para o outro lado e notei pequenos grupos de peregrinos fiéis a subir cansadamente o seu caminho através dos obstáculos que cobriam o caminho estreito. Cansados e gastos, mas confiando na sua fé no Filho, transpuseram o último obstáculo e penetraram no escudo do pecado que impedira a sua relação estreita com o Senhor por tanto tempo. Estavam em casa — finalmente em casa. Satanás e o grande engano da **“Criança do Oriente”** eram agora apenas uma mera página nos anais da longa guerra entre Cristo e o Seu adversário. Com a vitória assegurada, mais uma vez o universo estava em harmonia com o seu Criador. Deus revelou estas coisas vindouras para que aqueles que acreditam no Seu aviso se preparem.

Alguns perguntarão: “O que pode um homem fazer perante todas estas profecias temíveis?” A resposta deve ser óbvia. Cada um de nós pode redirecionar a sua vida dos prazeres materialistas e egoístas e da complacência moral para o serviço fiel a Deus, usando os talentos que Ele

nos deu para que cada um de nós possa cumprir o Seu propósito para nós. É nesse sentido que Deus e um são a maioria.

9

Deus e Um São a Maioria

Desde o exato momento em que somos concebidos e recebemos a vida, tornamo-nos parte de Deus — e a partir desse instante Deus enriquece a nossa minúscula centelha de «ser» com talentos e qualidades específicos que tornam cada um de nós único. Cada nova concepção é uma criação privilegiada, e Ele vigia cada um de nós desde esse momento de vida através da eternidade.

Receber a vida é uma bênção em si; receber um talento de qualidade rara e única é um privilégio concedido apenas por Deus, e nenhum homem o pode escolher ou trocar. Só Deus o pode tirar de nós. Ele deu a cada um de nós um talento de acordo com as nossas necessidades e a Sua sabedoria. Só Ele sabe o que é necessário num determinado século e, quando dá a vida, cria-a com o talento de que o mundo precisa naquela altura específica. Com este talento, porém, vem o poder do livre-arbítrio. Deus permite-nos escolher a extensão em que desenvolveremos os nossos talentos dados por Ele.

Quando escolhemos usar o que Ele nos deu, fortalecemos os nossos canais de comunicação com os nossos semelhantes e com o nosso Criador. Só quando reconhecemos e aceitarmos a vida como um dom único, um dom especial, e empregarmos os nossos talentos individuais na medida total das nossas capacidades, encontraremos harmonia connosco próprios, com Ele e com o universo. É este equilíbrio interior que determina a nossa estatura entre os homens e perante Deus.

Quando, por outro lado, reconhecemos mas negligenciamos os nossos talentos e nos afastamos dos nossos lugares designados na vida — talvez porque desejamos ser alguém que não somos — resistimos ao Seu propósito e tornamo-nos frustrados e perdidos. Impedimos que o nosso eu interior se manifeste. O descontentamento e a frustração tornam-se os nossos companheiros diários. Há quem considere a vida como um acidente de nascimento, um capricho da natureza sem significado ou propósito.

Ou aceitam desanimadamente a sua sorte na vida ou geram determinações ferozes de singrar a qualquer custo. Lutam por posição, por escalão e por privilégios — pelo que chamam os seus «direitos». Outros ainda são passivos. Recusam-se a aceitar o facto de que todos têm talentos

especiais e são capazes de realizações valiosas ao desenvolverem os seus talentos o melhor que podem.

Milhares de cartas chegam ao meu escritório fazendo a mesma pergunta simples: “Como posso encontrar o meu talento natural?” Para aqueles que têm dúvidas sérias sobre o seu dom de nascimento dado por Deus, existem testes disponíveis que revelam aptidões naturais; no entanto, a maioria de nós não precisa de teste nenhum. Temos um instinto — talvez intuição seja a melhor palavra — se apenas nos dispusermos a ouvir, que nos dirigirá para o trabalho que podemos e devemos fazer. Há quem encontre fascínio nas colunas de números pretos e vermelhos nos livros de contabilidade e sinta que as suas contribuições servem para ajudar a manter registos ordenados — apenas alguns têm talento para este trabalho.

Outros anseiam por ensinar e preparar a juventude de hoje para os problemas de amanhã, ajudando-os a descobrir e a desenvolver os seus dons individuais — apenas alguns têm talento para o ensino. Outros ainda são atraídos pela terra com um talento para fazer as coisas crescer para alimentar o mundo. Seja na ciência, nas humanidades, na religião ou na filosofia, a maioria das pessoas tem uma noção do que pode e deve fazer nalgum momento das suas vidas. Demasiado poucos prestam atenção aos sinais, sejam eles precoces ou tardios, ou perseveram na busca dos seus propósitos na vida.

Uma vez descobertos os nossos talentos, devemos bater implacavelmente naquela porta que nos dá acesso ao trabalho para o qual somos dotados, nunca nos desviando até que a porta tenha sido aberta, por muito pouco que seja. Esperarmos que outros reconheçam os nossos dons e escancarem a porta para entrarmos é irrealista. Não há atalhos para o sucesso. Não há caminho fácil para uma carreira imediata e brilhante.

Cristo serviu o Seu aprendizado durante trinta anos, crescendo “*em sabedoria, idade e graça*” até estar preparado para fazer a obra de Seu Pai. Nós também precisamos de tempo para preparação, cuja duração é determinada pela providência de Deus e pelas nossas capacidades e vontade de aprender e ouvir. Quanto mais fielmente nos aplicarmos durante este tempo, mais ricas serão as recompensas finais. E neste tempo de preparação, como nos nossos dias de realização, rezemos.

- Acordem com uma oração nos lábios.
- Rezem enquanto vão para o trabalho, pedindo força e orientação.

- Rezem ao regressar a casa, agradecendo-Lhe pela Sua ajuda... e quando sentirem uma necessidade especial do Seu amor e força, não hesitem em pedi-los, pois Ele está sempre convosco.

- Entrem no sono com uma oração.

Demasiadas pessoas entram na oração com a ideia de Lhe pedir que faça coisas por elas; sempre a pedir, nunca agradecendo verdadeiramente por todas as Suas bênçãos. Podemos precisar de uma «esmola» espiritual de tempos a tempos, mas precisamos sempre de orientação divina para a força de carácter e resistência física para viver as vidas particulares para as quais Ele nos criou.

Peçam orientação para obter uma melhor compreensão daqueles que vos são queridos. Peçam orientação para obter aquele grau de maturidade necessário na vida quotidiana. Peçam orientação para descobrir o que podem dar ao mundo, não o que o mundo vos pode dar. A nossa aceitação da orientação divina determina o nosso grau de dedicação. Tal aceitação é o único caminho para a harmonia espiritual, o sucesso, a felicidade e a prosperidade.

Recebo milhares de cartas a perguntar: “Como posso encontrar o meu próprio canal verdadeiro na vida — o meu próprio canal de comunicação com o meu semelhante?” Mais uma vez, digo: rezem! Tudo depende da vossa relação com Deus.

Nunca, por um momento sequer, deveríamos perder a fé em acreditar que temos os nossos próprios lugares individuais na vida. Todos temos as nossas próprias abordagens, as nossas próprias sensibilidades, as nossas próprias fraquezas e, acima de tudo, os nossos próprios métodos de comunicação para partilhar os nossos sentimentos mais íntimos com os nossos semelhantes. Para alguns é um sorriso; para outros é aquele olhar gentil de compreensão. Encontrar os nossos canais cria uma paz de espírito e uma alegria de espírito que são inigualáveis.

Repetidamente a Bíblia alerta-nos para a importância de trabalharmos com os nossos talentos. A referência mais familiar é a parábola em que um senhor, partindo para uma viagem, deu a um servo cinco talentos, a outro dois, e a um terceiro, um talento. Ao regressar, louvou os dois primeiros servos que trabalharam com os talentos que lhes confiou e os aumentaram, mas o seu desagrado com o terceiro servo que enterrou o seu talento foi tão grande que lho tirou.

Nós também enterramos os nossos talentos de muitas formas diferentes, através da indolência, falta de iniciativa, derrotismo, depressão crônica, etc., mas há mais um “campo de enterro” e esse é o medo. Não o medo saudável e protetor que nos envolve com uma descarga energizante de adrenalina quando vemos um carro a vir contra nós ou vemos uma criança presa nas ondas furiosas — não, esse medo logo refluí, deixando-nos mais uma vez na plena posse de nós próprios. O medo a ser temido, e a ser expulso, é aquele que se infiltra nos nossos seres para nos impedir com dúvidas sobre nós próprios, o medo que nos mantém acordados à noite com os seus sussurros miseráveis, aquele que abafa a nossa força e talentos.

Recordo que há muitos anos o meu marido, temendo o erguer de sobranceiras dos críticos, me pediu para parar de usar a minha bola de cristal. Mas usar a bola de cristal não era nem é o meu propósito. Ele nunca duvidou do meu dom psíquico, mas não achava que o mundo compreenderia.

Ele era protetor, mas eu tinha de me agarrar ao meu propósito na vida e, por experiência, posso dizer-vos que agarrar-se ao vosso propósito na vida não será fácil. Mas também não nos foi prometido que seria fácil, pois não? Muitas vezes cortamos as respostas aos nossos ritmos interiores porque alguém nos repreende com: “Sê prático”, ou: “Quem pensas que és, afinal, a comportar-te de tal maneira...?” Num momento ou noutro, todos tivemos experiências súbitas de «saber» sem qualquer boa razão, pois há alturas em que o nosso misterioso subconsciente não depende da lógica, ele apenas «sabe que sabe». Nunca as nossas decisões principais sobre o que fazer e como o fazer devem basear-se unicamente nas leis da lógica e do sentido prático sem levar em consideração as sugestões da intuição, do instinto e do sentimento interior.

Por outro lado, nunca deveríamos permitir que medos sem fundamento nos impedissem de perseguir aquilo que sabemos ser correto. A Bíblia oferece-nos esperança contra o medo, especialmente os Salmos. No Salmo Vinte e Sete, no primeiro versículo, David exulta:

“O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei?”. O Salmo Cinquenta e Três, no quinto versículo, diz-nos: “Ali se acharam em grande temor, onde não havia temor.”

“Onde não havia temor!” O medo tantas vezes é apenas o produto das nossas imaginações. Haverá alguns que lerão isto e dirão: “A Jeane Dixon tem sorte! Ela não podia confundir o seu dom de profecia. Veio naturalmente... É algo tão raro que ela não tem de ter medo.”

Muitas destas pessoas pensam em mim como alguém que vive numa nuvem cor-de-rosa sem uma preocupação ou cuidado no mundo, acumulando fama e riquezas enquanto prevê todo o tipo de eventos que abalam o mundo, mas não é de todo assim que as coisas são. O dinheiro ganho através do uso do meu dom psíquico vai para a caridade. O meu sustento é ganho no negócio imobiliário no qual tenho estado ativamente envolvida agora há mais de vinte e cinco anos.

Muitas vezes os amigos perguntam: “Nunca tira férias?” e ficam a olhar para mim quando lhes explico que cada dia de trabalho é um dia de férias para mim. Adoro fazer o que Deus me criou para fazer, tentando também ajudar os meus semelhantes a descobrir o que Deus os criou para fazer.

Os pais que aparentemente ainda não descobriram o que foram criados para fazer estão assim fora de harmonia consigo próprios e com o universo, por isso queixam-se constante e amargamente dos seus empregos e das suas tarefas diárias, condicionando assim os seus filhos a olhar para o trabalho como um mal necessário.

Rapazes e raparigas que passam os seus anos de formação a ouvir pais queixosos têm toda a probabilidade de olhar para os seus futuros cargos e futuros empregadores da mesma forma. E as raparigas, sujeitas a mães que lamentam a labuta ingrata e monótona do trabalho doméstico, têm altos obstáculos de preconceito a superar antes de, como adultas, reconhecerem a gestão do lar como um privilégio abençoado e poderem trazer calor e charme às suas casas e ter um orgulho amoroso em cuidar das suas famílias.

Nem a todos nós foram dados talentos que trarão fama ou riquezas. Alguns de nós são chamados a trabalhar em áreas de esforço às quais não está ligado nenhum prestígio mundano e onde a remuneração não é acima da média. Mas podemos, trabalhando nos nossos próprios talentos no nosso próprio CANAL, ajudar outros a alcançar os seus propósitos e assim conhecer a realização do espírito que nos chega quando vivemos verdadeiramente nos nossos caminhos designados.

Em cada escritório é necessária uma equipa de quadros juniores, secretárias, escriturários e outros para apoiar o homem no topo, sem o qual toda a operação não existiria. Os salários e responsabilidades da equipa variam com o tipo de trabalho realizado e a proporção de oferta e procura. Num sentido mais lato, deve haver agricultores e mecânicos, professores e vendedores, arquitetos, construtores, artistas e sonhadores para fornecer

comida, construir casas, construir maquinaria, ensinar os jovens, vender os produtos e embelezar as nossas vidas. Outros cumprem os seus empregos designados no governo, na edição ou nas artes criativas, e novamente a remuneração não depende apenas do tipo de trabalho desempenhado mas também da proporção de oferta e procura, que por sua vez está estreitamente relacionada com os requisitos específicos da indústria particular e a capacidade do indivíduo.

Tal é o padrão do mundo em que vivemos, mas o estatuto não é a medida de uma vida plena e frutífera. Cargo e rendimento não equivalem a propósito na vida. Nunca esqueçamos que, embora a fama e as riquezas não impeçam a felicidade ou o contentamento, também não os garantem. Nem todas as riquezas do mundo podem comprar essas bênçãos. Uma mulher rica que conheço é, na minha opinião, a alma mais pobre com quem alguma vez entrei em contacto.

Permitiu que a sua fortuna se tornasse uma obsessão para si e vive em constante medo de a perder. Ao dar mais valor ao seu dinheiro do que o justificado — com medo de que lhe cobrem a mais — priva-se na realidade das necessidades para o seu bem-estar. O interesse sincero nas suas atividades e saúde é considerado como lisonja inútil; está convencida de que os seus amigos e parentes se associam a ela apenas por causa da sua riqueza.

Como hipocondríaca é insuperável. É a única coisa que tem para ocupar a sua mente. Deus deu-lhe riquezas e tempo para gastar com os pobres e necessitados, contudo ela não está disposta a doar tempo algum às inúmeras organizações de caridade que dependem de ajuda voluntária e doações. Tem muitos talentos mas recusa terminantemente reconhecê-los ou utilizá-los. Ela é de facto uma “alma perdida” — e, ironicamente, pobre porque é rica...

Os talentos, por muito importantes que sejam, não são os únicos dons de nascimento que nos foram dados por Deus. Também somos dotados de genes de personalidade, alguns dos quais têm o poder de atrair, outros o de repelir. Cabe-nos a nós, usando a nossa liberdade de escolha, encorajar ou desencorajar estas tendências inatas à medida que desenvolvemos as nossas personalidades. Esta determinação da personalidade nunca termina. Características destrutivas que surgem de tempos a tempos, especialmente sob stress, têm de ser superadas. O mesmo acontece com todos os impulsos para imitar, pois então procuramos modelar-nos a partir de outra pessoa.

Por muito que possamos admirar outra pessoa, se nos afastarmos dos nossos próprios talentos e dos nossos próprios canais diminuimos a importância das nossas próprias personalidades e o potencial dos nossos próprios dons individuais. E diminuir aquilo que só nós no mundo possuímos é rejeitar a vontade de Deus, e isso é autodestrutivo. Existe apenas um de cada um de nós. Somos criações individuais. Quanto mais fielmente desenvolvermos os nossos talentos e permaneceremos fiéis aos nossos cursos dados, mais seremos capazes de desfrutar das colheitas dos dons da vida.

Temos no nosso escritório uma colaboradora valiosa, Iletha Herring. Até ao seu vigésimo segundo ano, trabalhou no meu salão de beleza favorito. Tomei conhecimento dela pela primeira vez porque era meticulosamente cuidadosa com as pequenas coisas que fazia. Conseguia sentir as suas vibrações enquanto a observava trabalhar. Trabalhava como se fosse um privilégio, não uma tarefa, e senti a sua profunda gratidão pela oportunidade de ganhar uma vida honrada.

Muitas vezes, quando era repreendida injustamente à frente dos clientes, disciplinava-se para sorrir e manter a sua dignidade, embora outros não o fizessem. Notando a dedicação sincera que esta bela rapariga negra demonstrava para com o seu emprego, perguntei-lhe se queria continuar a trabalhar como ajudante de cabeleireira. Ela abanou a cabeça. “Não, na verdade não,” respondeu ela, “mas tenho medo de tentar qualquer outra coisa. Sei que consigo fazer isto, e o dinheiro que ganho aqui é muito importante para a minha mãe e para mim.” “Vai para a escola noturna, aprende dactilografia e estenografia, e eu encontrar-te-ei um lugar no nosso escritório,” prometi eu. Seis meses depois, enquanto ainda frequentava as suas aulas noturnas, a Iletha juntou-se a nós como escriturária-dactilógrafa.

Cada história tem um fim e a da Iletha não é exceção. A sua mudança de cargo deu-lhe a confiança de que precisava e abriu o caminho para uma vida inteiramente nova, pois há dois verões casou com o jovem advogado, Hubert T. Jones, que conhecera um ano antes. “Quando o conheci pela primeira vez,” recordou ela, “e descobri que era advogado, quis fugir... não queria que ele soubesse do meu emprego. Não que sentisse que o trabalho que fazia era humilhante — trabalhar não é degradante — mas perguntei-me como se sentiria ele por eu ter vinte e um anos de idade e não ter mais ambição na vida. Por isso deixei de o ver.”

Pouco depois de se juntar a nós, porém, a Iletha renovou o seu conhecimento com o Hubert. A Iletha encontrou agora os seus verdadeiros

talentos e está a usá-los para começar a cumprir o seu destino. Hoje é a nossa contabilista-chefe e mãe de uma linda bebé, Felicia Jeane, que é minha afilhada... que Deus a abençoe.

Sempre acreditei que o meu verdadeiro propósito para usar o meu talento psíquico é tentar ajudar outras pessoas — não ao «ler os seus futuros», mas ao ajudá-las a ajudarem-se a si próprias a descobrir os seus próprios talentos e a usá-los no seu viver diário para a glória de Deus. As pessoas que aprendem a ajudar-se a si próprias são os verdadeiros “anjos” deste mundo. Pois sejam elas tão humildes, desfavorecidas, empobrecidas ou aparentemente abandonadas quanto for, se tentarem ajudar-se podem manter-se direitas, altas e orgulhosas, radiantes... um exemplo para todos verem e seguirem. Uma pessoa tão notável e exemplar é a Sra. Mary Walker de Chattanooga, Tennessee, afetuosamente chamada “Gramma” por todos. Embora nascida logo após o término da Guerra Civil, há 103 anos, verdadeiramente uma criança negra desfavorecida, cresceu com um desejo fervente na vida — aprender a ler. Quando questionada porquê, respondeu:

“Para ser capaz de estudar a Bíblia e aprender mais sobre Deus.” Assim, a *Gramma* Walker, aos noventa e nove anos de idade, inscreveu-se numa aula de leitura conduzida por um grupo social e cívico conhecido como CALM. “Uma aluna muito brilhante e talentosa,” disse dela a sua professora após as primeiras sessões. “Incrível, considerando a sua idade...”

Parem um momento para pensar nesta pequena senhora frágil, armada com uma determinação inabalável de progredir, nascida num período de reconstrução, criada entre os preconceitos da época, aparentemente sem qualquer hipótese na vida. No entanto, estava cheia do amor de Deus, e por isso a *Gramma* Walker, com quase um século de idade, inscreveu-se num curso de leitura para descobrir mais sobre o seu Criador. E, no entanto, quantas pessoas muito mais jovens baixam a cabeça e dizem: “É tarde demais para eu mudar.”

Que maior coragem poderia alguém demonstrar? Ninguém sabe ao certo, mas eu, pelo menos, gostaria de acreditar que Deus mantém a *Gramma* Walker entre aqueles que estão mais próximos do Seu coração! Oração e devoção — o que significam elas?

O contacto entre Deus e nós pode ser feito não apenas em locais de culto reconhecidos, pois Deus, na Sua infinitude, não conhece tempo nem limitações. Frequentemente dou por mim a rezar por orientação e ajuda enquanto percorro um caminho movimentado ou atravesso uma rua

apinhada, e houve alturas em que senti a Sua presença real em resposta a uma oração enquanto era empurrada por uma multidão.

Os biógrafos de Jenny Lind, a grande cantora, contam como ela costumava rezar silenciosamente no seu camarim cheio e nos bastidores das salas de concerto enquanto aguardava a sua deixa, por entre as atividades nervosas de outros membros da companhia. Nunca questionando que a sua voz era um dom de Deus, ela considerava ser sua responsabilidade usar bem o seu talento e partilhar as riquezas mundanas que este lhe rendia com os necessitados.

Nas manhãs de Washington, às sete horas, entro na Catedral de São Mateus e, quando estou em oração, nada parece distrair-me. Tenho tido uma grande devoção à Mãe Sagrada desde que era criança. Danny Thomas, por outro lado, tem uma devoção profunda e um hábito de oração a S. Judas, o santo padroeiro das coisas “impossíveis”. Ele começou isto quando jovem, quando rezou por orientação e por um emprego específico no mundo do espetáculo.

Prometeu que, se conseguisse o emprego, em gratidão construiria um hospital a S. Judas. A sua oração foi atendida! Danny Thomas conseguiu o emprego e S. Judas conseguiu o seu hospital! Danny construiu-o em sua honra no Tennessee e hoje ele ergue-se para todo o mundo ver, porque ele acreditou na oração.

Tudo isto, já agora, não significa que os católicos adorem estátuas ou acreditem que as estátuas personificam o espírito divino. Estas belas representações daqueles que viveram antes de nós servem para nos lembrar os modos de vida dos santos e as suas boas ações e, espera-se, para nos inspirar a usar os nossos talentos, privilégios e oportunidades individuais de forma muito semelhante à que os santos fizeram, cumprindo assim o propósito de Deus para nós como indivíduos.

A oração é um ato do coração e da alma. Não é, portanto, necessário ajoelhar-mos quando rezamos. A Bíblia nada diz sobre o ajoelhar como pré-requisito para a oração. Acredita-se que o ajoelhar surgiu na Idade Média, quando se tornou costume os servos ajoelharem-se perante o senhor do feudo. Gosto de me ajoelhar quando rezo, pois de joelhos sinto-me mais humilde e reverente. Sinto-me mais próxima d’Ele, também, quando O procuro na quietude da catedral, pois há muito pouca quietude no nosso mundo moderno.

Vivemos com ruído e dissonância de manhã à noite, e tudo, seja rádio, televisão, estéreo ou apenas conversa, exige a nossa atenção total. Para comungar com o nosso Criador, portanto, primeiro temos de excluir aquilo que tende a distrair-nos desta comunicação privilegiada.

Tenho grande admiração pela adoração silenciosa dos Quacres. A congregação, meditando em silêncio absoluto, espera experienciar a atuação do Espírito Santo dentro de si. Aqueles que experienciaram este sentimento abençoado dizem-me que ele mistura o espiritual e o físico em completa harmonia. Deus está onde O procuramos. Lembrem-se — todas as igrejas estão nas mãos de Deus; Deus não está nas mãos de nenhuma igreja. Das Bíblias que me são enviadas com pedidos para escrever uma curta mensagem na folha de rosto, chegam mais de Mórmons do que de quaisquer outros.

Tal interesse na Bíblia inspira-me porque demonstra que, por mais vasta que seja a diferença nas nossas formas de adoração e conceitos religiosos, todos olhamos para a mesma fonte espiritual de onde provém tudo no universo, visto e não visto, ouvido e não ouvido. No seu livro, *The Eighth Day*, Thornton Wilder diz-nos: “As religiões são meramente as vestes da fé”, e a verdade nesta afirmação é profunda.

A espiritualidade na vossa vida diária não significa necessariamente que a vossa vida será um mar de rosas. Muitas pessoas acham difícil aceitar Deus como uma imagem de Pai amoroso a menos que a vida seja inteiramente do seu agrado. Sempre que o seu sofrimento é longo ou intenso, sentem-se abandonadas por Ele. Tornaram-se de algum modo convencidas de que, por terem aceitado Deus, os seus anos seriam livres de preocupação, dor ou qualquer outro desagrado. Aceitam Deus nos termos delas, não nos d'Ele. Não aceitarão o facto de que o sofrimento, que é tão inevitável nesta criação como o amanhecer, pode ser outra das formas de Deus para as fazer crescer espiritualmente. Amar a Deus e aos nossos semelhantes quando estamos cheios de tristeza e dor é amar bela e verdadeiramente.

Há também aqueles que duvidam sempre que uma oração parece não ser atendida. O nosso Senhor atende as nossas orações à Sua maneira e no Seu tempo, não no nosso. Não fazemos o mesmo com os pedidos dos nossos próprios filhos? O cumprimento dos nossos desejos pode nem sempre ser no nosso melhor interesse, por isso Deus, embora ouvindo as nossas orações, não as põe de lado mas pode dizer:

“Não, não desta vez”, ou: “Não, não agora”. Houve muitos casos na minha vida em que o Seu propósito para mim se concretizou além das minhas melhores expectativas, esperanças e sonhos, mas sempre no Seu tempo, não no meu. Isto também se pode aplicar a cada indivíduo. Outros, os de pouca fé — e por vezes de grande arrogância — exigem saber por que razão Deus, «se Ele é um Pai misericordioso», permite que catástrofes como guerras, inundações e terremotos ocorram.

Pode muito bem ser uma das Suas formas de demonstrar que existe de facto um poder maior do que o nosso. Só Deus sabe por que permite uma catástrofe. Mas Ele tem as Suas razões. “Deus move-se de maneira misteriosa para realizar as Suas maravilhas.”

Quando John F. Kennedy, jovem e vibrante, foi morto precisamente na altura em que procurava ganhar a confiança e a compreensão dos povos do mundo, o grito plangente de “Porquê...? Porquê...?” foi ouvido em todo o mundo. É possível que John Fitzgerald Kennedy se tenha tornado Presidente dos Estados Unidos e internacionalmente admirado e amado para que pudesse chegar ao seu martírio — o propósito de Deus para ele, se não o seu próprio. Os nossos planos humanos nem sempre estão de acordo com o plano de Deus. Só Deus é suficientemente grande para tirar o bem contínuo daquilo que pode por vezes parecer trágico e mau.

Podemos não visualizar as coisas à maneira de Deus, contudo é certo que a vontade que acaba por prevalecer não é a vontade do indivíduo... não é a vontade da minoria... não é a vontade da maioria... não é a vontade do consenso... não é a vontade de políticos e chefes de estado... ou a vontade de nações, mas a vontade de Deus!

Portanto, à medida que orbitamos a terra, lançamos satélites, descemos às profundezas do oceano e tentamos recriar a própria vida no laboratório, lembremo-nos sempre de que foi Deus quem nos deu os talentos e as capacidades para realizar estas coisas. Houve um tempo, não há muito tempo, em que se pensava que as descobertas científicas estavam em desarmonia com a religião. Hoje o oposto é verdade. Contudo, não encontraremos a fé através da ciência. Embora a ciência descubra continuamente as maravilhas da Sua criação, a fé deve, em última análise, vir de dentro.

No entanto, à medida que acedemos à corrente principal do conhecimento no universo e nos iniciamos nos mistérios de Deus, Ele proporciona-nos a oportunidade de nos tornarmos crescente e reverentemente conscientes de que temos os nossos próprios propósitos na

vida que devem ser cumpridos para que estejamos em harmonia com a lei do universo.

Todas as manhãs acordamos para uma realidade — a realidade de que nos foi concedido um novo dia de vida para empregarmos como quisermos. Quão rico e recompensador este dia se torna e quanto podemos realizar depende inteiramente de nós. Se escolhermos abordá-lo com depressão e desagrado, se estivermos relutantes em sondar as possibilidades que nos são estendidas e utilizar o novo dia em todo o seu potencial, então ter-nos-emos afastado um dia mais do nosso Criador. Se, contudo, estendermos a mão com avidez e amor e prezarmos cada oportunidade dada por Deus de cada dia, então sentir-nos-emos como se estivéssemos em companhia de anjos.

Cada dia é uma nova criação que começa quando os dedos longos e delgados do sol matinal perfuram o caminho da lua em retirada e colhem cor dos céus eternos a fim de criar aquele feitiço de luz corada a que chamamos nascer do sol. Tento continuamente, sem nunca o conseguir realmente, compreender aqueles que ficam fascinados perante uma pintura de um nascer do sol, mas não se levantam a tempo de testemunhar a sua beleza na realidade.

Para mim, o nascer do sol e a adoração andam de mãos dadas. Um dos prazeres da minha vida é estar à janela do meu quarto de manhã cedo e recitar o Salmo Vinte e Três enquanto observo a explosão radiante do sol.

«“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Deitar-me-á em verdes pastos; Guiar-me-á mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do Seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum. A Tua vara e o Teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos; Unges a minha cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida. E habitarei na casa do Senhor por longos dias.”»

Cada nascer do sol é uma experiência indescritível. Não há duas nuvens iguais, e os raios fluentes do sol matinal nunca repetem os seus padrões. Um nascer do sol é um caleidoscópio de beleza em constante mudança, um milagre em constante mudança maior do que toda a narrativa. Quando vemos essa esfera flamejante romper o horizonte, não só nos tornamos testemunhas da obra de Deus, como também acrescentamos horas conscientes ao nosso dia. Trezentas e sessenta e cinco vezes por ano a vida

oferece outra oportunidade de aumentar o valor da nossa existência e abre a porta a um novo nível de realização e conquistas. Apresenta uma oportunidade de ver e ouvir, de fazer novos amigos, partilhar as nossas bênçãos de novo e tornarmo-nos menos críticos e mais tolerantes para com os nossos semelhantes.

É preciso mais do que apenas um pouco de paciência e aplicação do nosso eu interior para nos treinarmos a ver com o coração tanto quanto com os olhos e a ouvir com a mente tanto quanto com os ouvidos. Mas o crescimento espiritual que experienciamos é tão iluminador que depressa se torna parte integrante de nós. A amizade e o amor são nossos quando os nossos pensamentos, palavras e ações são sinceros e quando a compreensão e a boa vontade substituem o ressentimento e a inveja.

Muitas das perguntas que me fazem frequentemente lidam com a existência de Deus. Certamente, a maioria das pessoas acredita em Deus, mas nem todos compreendem que Deus é o fator de controlo por trás de tudo. Deus está no controlo todos os dias, em toda a parte. Deus é onipotente — a bondade e a gentileza personificadas — e, acima de tudo, Ele é o amor perfeito! Hoje, porém, um vento poderoso de falsa doutrina sopra entre os homens. Sedu-los para um falso conceito de Deus. “Deus não existe”, dizem eles. “Ainda não, pelo menos. Ele está a passar a existir através da evolução deste mundo em desenvolvimento.

O progresso civilizado e o crescimento do homem”, continuam, “é o progresso em direção ao divino”. H. G. Wells, um dos defensores desta teoria, sustenta que “os homens serão como Deuses” — que “Deus” é o estado futuro, plenamente desenvolvido, da humanidade neste planeta. Muitas pessoas com quem entro em contacto foram afetadas por esta crença falsa. Saturou-as e, como gás venenoso, espalha-se e sufoca aqueles que dele participam. Foi dito: “O Criador foi banido da vida da cidade e do campo, das leis, da arte e da moral”. No entanto, acredito que a coisa mais importante na vida é conhecer Deus e ter a compreensão correta d’Ele. Pois apenas quando O compreendermos a Ele e aos Seus objetivos para nós poderemos chegar a perceber que cada um de nós tem um lugar e um propósito particular na vida. Viemos de Deus e voltaremos para Deus. Ele não seria todo-amoroso e todo-misericordioso se não nos tivesse dado os meios, no momento da nossa criação, para voltarmos para Ele.

Os talentos com que nascemos são os meios de cumprir a nossa missão aqui na terra. Mas eles destinavam-se não apenas a enriquecer as nossas próprias vidas, mas a ajudar os outros! Claro que a maioria das

peessoas acredita em Deus, embora a sua forma de O adorar possa ser diferente. Quando Jesus Cristo ensinou aos Seus seguidores o “Pai Nosso”, estava a restaurar o conceito original da humanidade, pois é precisamente uma ideia de Deus assim que os pais e mães de famílias em sociedades tribais simples ensinam aos seus filhos.

Para eles, Ele pode ser *Manitou*, ou o Grande Espírito, ou o Pai Celestial. Quanto mais simples as pessoas, mais próximas da natureza estão e mais primitiva é a sua vida e fé. A coisa mais importante que descobri na minha própria vida é ter a atitude correta para com Deus. Apenas quando tiverem descoberto, como sinto que descobri, a atitude correta, darão a vossa contribuição particular a este mundo e cumprirão o vosso propósito de existir. Como se consegue isto?

Adquirindo os hábitos e a prática da oração e meditação, discutidos anteriormente neste mesmo capítulo; através da oração percebemos que Deus é um Espírito, não uma coisa ou uma força sem vida. A oração, tem sido dito frequentemente, é a vida da alma. Através dela podemos cultivar o sentido do sagrado e da bondade de Deus, seja na nossa oração privada e pessoal, seja na oração pública juntamente com outros nas nossas igrejas e templos.

Alguém me perguntou uma vez como adquirir o hábito da oração. É simples — oh, tão simples! Apenas requer duas coisas: pensem sobre a vossa vida e o vosso propósito; e consultem a Bíblia para descobrir Deus e o Seu plano revelado para este mundo. Através da Bíblia todos nós podemos aprender quem Deus realmente é e que Ele é infinito. E com tal guia somos levados à oração. Duas coisas aprenderão em breve enquanto estudam: a única forma de Ele poder ser alcançado é através da fé da inteligência interior; e Ele pode ser encontrado em toda a parte.

Os povos primitivos e as tribos da natureza tinham uma forte percepção da presença de Deus, e tinham lugares especiais onde O consideravam habitar mais particularmente, mesmo quando sabiam que Ele estava em toda a parte e era para ser encontrado dentro do coração. Os seus bosques sagrados, montanhas sagradas, lugares sagrados e tempos sagrados — todas estas coisas os homens em toda a parte conheceram e prezaram.

Assim como os Judeus e os Cristãos. «*“Em todo lugar estão os olhos do Senhor, vigiando os maus e os bons,”*» diz Provérbios 15:3. Para uma compreensão real de Deus, estude a Sua Palavra; para uma melhor compreensão de si mesmo e do seu papel sobre esta terra, reze pela Sua orientação. A oração não se opõe aos desígnios da Providência e não

procura alterá-los, mas na verdade coopera na governação divina, pois quando rezamos começamos a procurar o que Deus quer para nós.

Com esta fé viva no nosso Deus amoroso, cada um de nós pode encontrar uma unidade com Ele — que é a expiação. Com esta vida de oração e trabalho diário, desenvolvendo tão plenamente quanto pudermos os dons que Ele nos deu, cada um de nós é trazido à harmonia com a Sua vontade.

10

Reencarnação

“Existe tal coisa como a reencarnação?” “Acredita na reencarnação?” Estas são duas das perguntas que me são feitas com mais frequência. Por que razão este assunto intriga tanto as pessoas? Porque as prende com algo inflexivelmente verdadeiro sobre Deus, sobre a história humana e sobre a centelha de vida em cada ser humano. Mesmo na sua forma falsa, a reencarnação é uma tateação... uma busca para encontrar a continuidade dos propósitos de Deus na vida humana e na história humana.

Na sua forma verdadeira, reconhece Deus como o Senhor da história universal, mas também como o Senhor de cada história humana, pessoal. Deus é o Senhor da tapeçaria chamada «história do mundo» — uma tapeçaria tecida a partir de todas as histórias pessoais de cada um de nós, reunidas.

O que significa a palavra reencarnação? «Encarnação» deriva do latim *in-carne*, que significa «estar na carne». E, claro, o prefixo «re» significa simplesmente «novamente», como em «retorno» ou «reinvigorar». “Reencarnação”, portanto, significa “estar na carne — novamente”. Cristo, nosso Senhor, foi o Verbo Divino feito carne, habitando connosco nesta terra na carne. Portanto, nós, cristãos, falamos da Sua «Encarnação» e dizemos que Jesus Cristo é «Deus Encarnado» (na carne).

A reencarnação é a crença de que um homem pode estar, ou realmente esteve, encarnado mais do que uma vez. É um preceito comum entre aqueles que acreditam na reencarnação que uma alma humana, que torna alguém o indivíduo vivo que é, habitou, habita agora ou há de habitar noutros corpos humanos.

Além disso, nalgumas formas da doutrina, existe a crença de que uma e a mesma alma humana é «encarnada» e «reencarnada» em diferentes tipos de animais. Isto, claro, é muito degradante para o espírito humano e é,

por isso, considerado um castigo por não se ter vivido de acordo com o padrão correto de conduta para um ser humano. Como resultado, por vezes ensina-se que a «reencarnação» numa forma inferior de animal é o maior tipo de castigo. É surpreendente e lamentável quão difundidas estão estas formas da doutrina entre os homens!

As pessoas dizem-me frequentemente que têm a certeza de que estiveram encarnadas antes num corpo diferente porque parecem lembrar-se tão distintamente de já terem visto certas coisas antes, ou conhecido certas pessoas ou situações anteriormente. Mas quando estes casos são analisados, especialmente por médicos profissionalmente competentes para o fazer, verifica-se que são o resultado das suas próprias imaginações.

Até Platão, o filósofo antigo, acreditava que a alma humana tinha uma pré-existência no céu e no reino das ideias divinas antes de vir a esta terra para o seu período de aprisionamento — ou encarnação — num corpo. Platão pensava que o aspeto mais nobre do conhecimento humano — a sua perceção dos princípios fundamentais da bondade, verdade, beleza, do certo e do errado — era explicado pelo que a alma aprendera entre as ideias divinas na sua pré-existência. Contudo, os psicólogos modernos provam conclusivamente o que Aristóteles e São Tomás de Aquino ensinaram: que todo o nosso conhecimento se baseia e deriva das nossas experiências sensoriais após o nosso nascimento para esta vida terrena. Não existe nenhum aspeto do conhecimento humano que dependa de uma encarnação anterior ou existência anterior.

Cada um de nós é livre de aceitar ou rejeitar credos individuais. Eu rejeito todas as formas grosseiras desta doutrina da reencarnação, a ideia de que a mesma identidade humana está «na carne» muitas vezes, mesmo na de animais inferiores. E contudo — como em todas as coisas humanas — esta doutrina falsa é um tropeço e um tatear em direção a uma verdade. Qual é esta verdade? Refere-se à continuidade dos propósitos de Deus para nós como seres humanos individuais, o que proporciona uma continuidade no próprio fluxo da história humana.

O exemplo mais claro disto ocorre no laço entre o Antigo e o Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Foi afirmado claramente pelo Senhor nosso Deus, falando a Sua Palavra na Bíblia, que Elias viria novamente para preparar o caminho para o Messias. Questionado sobre isto, Cristo disse aos Seus discípulos que Elias tinha vindo na pessoa de João Batista. João estava a cumprir no seu tempo uma missão e um propósito no espírito de Elias — isto é, preparar o caminho para o Senhor Encarnado. Porque Deus

é sumamente grande e sumamente poderoso, existe uma «reencarnação» de propósitos e missões, atribuídos a indivíduos em tempos e lugares particulares, o que dá continuidade ao fluxo do plano de Deus na história dos homens. Que conceito magnífico!

Quando Cristo disse: «*“Elias já veio, e não o conheceram,”*» ele indicou que o espírito de Elias estava a realizar uma missão na pessoa de João Batista (Mateus 17:11-13). Ele estava a ensinar-nos que João Batista tinha um propósito particular atribuído a ele por Deus Todo-Poderoso — uma continuação e cumprimento do propósito que o profeta Elias realizou de uma maneira própria ao seu tempo no desenrolar do plano de Deus.

A história humana é uma tapeçaria tecida por Deus Todo-Poderoso, e os fios que Ele usa são as vidas pessoais de cada um de nós — e cada um de nós tem uma missão a cumprir! E esta missão é a continuação ou o cumprimento de uma missão específica que foi dada a almas anteriores para prosseguirem nos seus tempos anteriores. Existe um sentido de cronologia no padrão tecido na tapeçaria. Deus atribui os Seus propósitos, os Seus chamamentos, as Suas funções a cada alma recém-criada, de tal forma que uma continuidade maravilhosa é preservada entre as missões, propósitos e chamamentos das almas anteriores e das que vêm depois.

Cientistas e estudiosos nestas matérias dizem-nos que existem dois tipos de herança entre os homens — a herança biológica que recebemos dos nossos pais e antepassados pela geração física, e a herança cultural que nos pode chegar apenas pela aprendizagem. Existe uma terceira herança, no entanto, que dá perspetiva e propósito às outras duas, e essa é a participação contínua de Deus Todo-Poderoso nos assuntos dos homens. É a herança que pode ser percebida no padrão da história humana desenhado pelo Divino Tecelão.

Nesse padrão aprendemos a nossa herança. Desse padrão herdamos os nossos valores espirituais. A continuidade destes valores espirituais é transportada através dos séculos pelas missões e propósitos particulares que Ele atribui aos indivíduos nos seus próprios tempos. Ao sermos fiéis a esta missão e propósito que Deus dá a cada um de nós, mantemos a continuidade da herança divina de valores espirituais.

Cada um de nós tem — não há dúvida sobre isso — um propósito e missão particular atribuído por Deus que é uma continuação de um propósito e missão que tinha sido atribuído a uma alma anterior num tempo anterior. Desta forma, o Divino Tecelão tece a Sua tapeçaria da história universal. Desta forma, o Seu Plano Divino flui como uma grande corrente

continua de atribuições de propósitos a cada ser humano individual no seu tempo particular — quer esse tempo tenha sido há muito, agora, ou ainda esteja para vir.

Esta é a lei de Deus na condução da história universal da humanidade. Esta é a harmonia que Ele tece no Seu universo. Esta é a cadeia ininterrupta de continuidade nos assuntos humanos, na continuidade dos grandes valores e missões espirituais. A nossa herança espiritual é transmitida como uma túnica sem costuras através das eras devido à atribuição de propósitos, “encarnados” de indivíduo para indivíduo, legando o tesouro para que a história humana se mova do passado, através do presente, para o futuro. É desta forma que as almas humanas individuais no presente experienciam o sentido de herança com indivíduos no passado. Dentro das suas almas existe uma “reencarnação” do espírito de uma missão e propósito começados há muito tempo e a serem prosseguidos por elas.

Quando uma criança nasce — seja numa favela e indigente, ou num palácio e de nascimento real — ela vive porque o Senhor soprou nela o fôlego da vida. O Senhor nosso Deus criou outra alma individual naquele bebé. Fá-lo porque tem um propósito individual para esse bebé — prosseguir uma tarefa nesta corrente viva e contínua da história humana, para levar a cumprimento uma tarefa que outras almas em tempos anteriores tinham começado.

Tal como o espírito de Elias reapareceu e foi cumprido naquele indivíduo posterior, João Batista. O espírito de Elias, não a alma de Elias, foi reencarnado na pessoa e na missão de João Batista. Uma alma nunca é reencarnada noutro corpo, mas o espírito de uma missão não cumprida é reencarnado até que esse propósito esteja concluído.

Deus Todo-Poderoso, o Senhor da História, é a nossa Divina Trindade — o único Deus em Três Pessoas, que nós cristãos conhecemos pela luz da nossa fé — Deus Todo-Poderoso é o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo. É através d'Ele, e através da fé n'Ele — a fé ensinada por Deus, o Filho Encarnado — que nos tornamos conscientes do facto de que cada um de nós tem um propósito e missão; pela nossa consciência reconhecemos esse propósito; ao reconhecê-lo através da fé, devemos trabalhar diligentemente para o cumprir; e com fé, ao tentarmos sinceramente cumprir o Seu propósito para nós, colheremos recompensas maiores do que toda a narrativa, além dos nossos sonhos mais queridos.

Não posso dizer vezes suficientes que cada história pessoal é um fio na tapeçaria que Deus está a tecer. Cada ponto, cada pequeno fio pessoal, é

importante, com uma importância especial e individual, no padrão de Deus para esta tapeçaria. Ao soprar as nossas almas nos nossos corpos, Ele deu a cada um de nós alguma tarefa, alguma missão, algo para fazer no avanço do Seu reino na terra. O propósito individual que cada um de nós tem, por mais humilde e modesto que seja, é supremamente importante, porque ninguém mais o pode realizar exatamente da mesma forma; ninguém mais tem exatamente os mesmos dons — os meios para o fazer — exatamente da mesma maneira ou tipo.

Cada um de nós tem dons particulares — os meios particulares — para cumprir o seu próprio propósito particular, e ele é dado a cada um de nós precisamente no momento certo. Pois o «momento certo», sob o poder de Deus Todo-Poderoso, e a cronologia do propósito atribuído a cada pessoa, é o testemunho mais claro da Sua infinita grandeza e poder!

Além disso, a atribuição de papéis e funções por Deus a cada um de nós ocorre dentro da curva ascendente do progresso humano. O propósito de cada pessoa, quando cumprido de acordo com o Plano Divino, contribui num momento preciso de tempo para esse progresso humano. Assim, neste exato momento, grandes cientistas elaboram as suas fórmulas e as suas descobertas sob a grande cronologia de Deus; cada um tem o seu papel científico e propósito a desempenhar durante o seu momento no palco do desenvolvimento humano.

Tudo faz parte do Plano Divino de Deus para o universo que, no desenvolvimento da humanidade, a era espacial tenha chegado agora e não ao mesmo tempo que Benjamin Franklin estava a descobrir a eletricidade nos relâmpagos vindos do espaço através de uma chave no seu papagaio de papel!

Por outras palavras, Deus tem um propósito e uma função para cada alma que cria, de acordo com a cronologia do trabalho que essa alma é chamada a fazer para algum papel, grande ou pequeno, no progresso humano. Cada um de nós pode cooperar nesta curva humana que avança e sobe, aprendendo a reconhecer o propósito que Deus atribuiu a cada um de nós, e trabalhando para o realizar através da nossa própria iniciativa, mas sempre com a Sua Orientação Divina. O espaço sideral, por exemplo, pertence a Deus nosso Senhor. Enquanto estas palavras estavam a ser escritas, três astronautas, o Coronel Thomas P. Stafford, o Comandante Eugene A. Cernan e o Comandante John W. Young, orbitavam a lua e auxiliavam numa alunagem planeada. O *Houston Post* pediu-me para meditar sobre estes três homens, os seus talentos e propósitos.

Com o talento que o Senhor me deu, pude ver que os talentos individuais de cada um destes astronautas eram tão diferentes como o dia e a noite — Stafford, o homem do equilíbrio, com talento para guiar e manter as coisas estáveis; Cernan, o homem da aventura, com amor e talento para coisas novas; Young, o homem da ciência, com o talento para analisar, inventar e descobrir.

Que reflexo da Divina Trindade! Três homens, com papéis tão diferentes, contudo ligados numa equipa maravilhosamente unificada! E o papel de cada um era indispensável para o sucesso do seu disparo lunar. Se um homem tivesse falhado, as vidas de todos os três poderiam ter-se perdido, e o voo certamente teria falhado. Mas com todos os três a funcionar — de acordo com a missão individual de cada um, o seu propósito, a sua cronologia — como uma unidade, esse voo em volta da lua teve sucesso.

Os astronautas são um exemplo vivo desta atribuição de papéis e propósitos a todos. O próprio Deus o faz na Sua providência sobre os homens e a história. Mas se não desempenharmos todos o papel atribuído, como membros de uma “equipa” designada, se falharmos nas nossas missões pessoais ou desperdiçarmos as nossas existências tentando desempenhar um papel que pertence a outra pessoa, perturbamos gradualmente a nossa unidade e o nosso trabalho de equipa, e então o voo do nosso planeta, terra, começa a falhar, causando frustrações, agitação individual, infelicidade individual, casamentos desfeitos, lares desfeitos e vidas despedaçadas. E da soma de muitas vidas a serem levadas à parte do propósito de Deus surge o tumulto e a destruição de motins, revoluções e guerras entre nações.

Contudo, todo este tumulto e discórdia podem ser travados quando, e apenas quando, começarmos a funcionar como uma equipa, com cada um de nós a cumprir o seu propósito importante — por pequeno que possa parecer ser aos olhos dos homens — nesta nossa missão planeada pelo Deus Todo-Poderoso.

Toda a minha mensagem é para chamar a atenção para os propósitos pessoais, esses propósitos divinamente atribuídos, que fazem de todos nós uma grande equipa — uma equipa que pode e deve trabalhar em conjunto. Tal como aqueles astronautas eram uma parte importante da equipa da NASA a trabalhar em conjunto na conquista do espaço — uma conquista que será prosseguida por outros — assim, também, cada um de nós é uma

parte importante da obra de Deus que será prosseguida por outros até ao fim dos tempos.

E como os santos e escritores sagrados nos dizem através das eras, Deus nunca falha com a Sua ajuda. Quando reconhecermos o nosso propósito pessoal e começarmos a realizá-lo como um membro da Sua equipa — um trabalhador na Sua vinha — com todas as nações em paz, com cada família unida num laço de amor, com cada indivíduo livre para desenvolver os seus talentos individuais e para viver uma vida frutífera numa sociedade saudável, e com todas as fés unidas sob um só Deus, tal mundo virá a existir.

Quando esse tempo chegar — e ele chegará — estaremos todos unidos na Fraternidade de Cristo sob a Paternidade de Deus. Quando esse tempo chegar — e ele chegará — a Oração do Senhor será plenamente atendida:

*“Pai Nosso,
Que estás no céu.
Santificado seja o Teu nome.
Venha a nós o Teu reino.
Seja feita a Tua vontade na terra.
Como ela é no céu...”*